

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC) - REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (RFEPCT)
CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EAD DO INSTITUTO FEDERAL
DE SANTA CATARINA (CERFEAD/IFSC)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
EM REDE NACIONAL (PROFEPT)**

**AS TRAJETÓRIAS ENTRE O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO NA
VOZ DOS ADOLESCENTES: UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Dissertação de Mestrado
MIRELLE CÂNDIDO VECCHIETTI**

**Florianópolis/SC
2019**

Vecchietti, Mirelle Cândido

As trajetórias entre o ensino fundamental e o ensino médio na voz dos adolescentes: : um diálogo com a educação profissional / Mirelle Cândido Vecchietti ; orientação de Maria dos Anjos Lopes Viella. - Florianópolis, SC, 2019.

132 p.

Dissertação (Pós-graduação Stricto Sensu - Mestrado) - Instituto Federal de Santa Catarina, Centro de Referência em Formação e Educação à Distância - CERFEAD. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Departamento de Educação à Distância. Inclui Referências.

1. Trajetórias escolares. 2. Ensino fundamental. 3. Ensino médio. 4. Invisibilidade adolescente. 5. Projetos de Vida. I. Lopes Viella, Maria dos Anjos. II. Instituto Federal de Santa Catarina. Departamento de Educação à Distância. III. Título.

MIRELLE CÂNDIDO VECCHIETTI

**AS TRAJETÓRIAS ENTRE O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO NA
VOZ DOS ADOLESCENTES: UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria dos Anjos Lopes Viella

Linha de Pesquisa: Prática Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Florianópolis/SC

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede
Nacional (PROFEPT)
Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)




MIRELLE CÂNDIDO VECCHIETTI

AS TRAJETÓRIAS ENTRE O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO NA VOZ DOS ADOLESCENTES: UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL


Esta dissertação foi julgada, validada e aprovada para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica do Centro de Referência em Formação e EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (Cerfead/IFSC).

Florianópolis/SC, 11 de julho de 2019



Prof. Nilo Otani
Coordenador Mestrado ProfEPT/IFSC

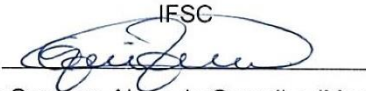
BANCA EXAMINADORA



Profa. Maria dos Anjos Lopes Viella, Dra. (Orientadora)

IFSC


Prof. Eliane Juraski Camillo, Dra. (Membro Interno)

IFSC


Profa. Giane Carmem Alves de Carvalho (Membro Externo)
IFSC/Campus Gaspar

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Joelma, por desde sempre ensinar que o estudo era o caminho a ser trilhado e ser exemplo de superação e perseverança.

Agradeço a meu grande parceiro, Pedro, por não medir esforços para que eu pudesse estudar com tranquilidade e ter sido um grande incentivador e colaborador ao longo desse mestrado. Agradeço, principalmente, por fazer o produto educacional acontecer acima de qualquer expectativa.

Agradeço aos meus filhos, Vinícius e Cecília, que mesmo tão pequenos entenderam e colaboraram sempre que eu precisava deixar de brincar com eles para estudar.

Agradeço à minha querida orientadora, Maria dos Anjos, que aceitou me guiar nessa trajetória do mestrado e o fez com muita dedicação, incentivo e paciência.

Agradeço às minhas amigas "Bffs" de mestrado, Carolini e Elaine, pela parceria nos estudos, trabalhos e produções acadêmicas.

Agradeço aos adolescentes que participaram dessa pesquisa, pelo envolvimento e por mostrarem como suas trajetórias e vozes são significativas.

Agradeço aos meus colegas servidores municipais de Florianópolis, que junto com o Sindicato conquistaram, com muita luta, o direito à licença aperfeiçoamento, sem a qual não teria condições de trilhar esse caminho com êxito e qualidade de vida.

Enfim, agradeço todas as oportunidades que eu tenho em minha vida e por estar encerrando mais esse ciclo.

RESUMO

VECCHIETTI, Mirelle Cândido. **As trajetórias entre o ensino fundamental e o ensino médio na voz dos adolescentes: um diálogo com a educação profissional**. 2019. 132 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação *stricto sensu* Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2019.

A invisibilidade dos sujeitos adolescentes nas pesquisas, especialmente os sujeitos que experimentam a transição entre o ensino fundamental e o ensino médio impulsionou a realização dessa pesquisa que teve por objetivo investigar os aspectos da trajetória escolar que favorecem esta transição, junto aos estudantes concluintes do 9º ano de uma escola da rede municipal de Florianópolis e egressos dessa mesma escola que optaram pela continuidade dos estudos no ensino médio integrado ao técnico do IFSC. A pesquisa abrangeu 75 estudantes no total, sendo 66 concluintes do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Florianópolis e 9 egressos dessa mesma escola que estavam cursando o ensino médio no IFSC. Os participantes da pesquisa sugeriram como uma necessidade nessa etapa da trajetória escolar, ter um espaço de estudos para o exame de classificação para cursos Técnicos Integrados ao ensino médio do IFSC, que se aproximava. Assim, com a participação desses estudantes, oportunizando um espaço de protagonismo juvenil, foi criado um curso preparatório *online* com videoaulas, exercícios e simulados, acessível no endereço eletrônico www.vouproifsc.com. Com essa pesquisa observou-se que a passagem entre o ensino fundamental e o ensino médio é um momento significativo de escolhas, que repercutem nos projetos de vida que os adolescentes fazem para si.

Palavras-chave: Trajetórias escolares. Ensino fundamental. Ensino médio. Invisibilidade adolescente. Projetos de Vida.

ABSTRACT

VECCHIETTI, Mirelle Cândido. **The trajectories between elementary school and high school in the voice of adolescents: a dialogue with professional education.** 2019. 132 f. Dissertation (Post-Graduation Course stricto sensu Professional Master's Degree in Professional and Technological Education in National Network) - Federal Institute of Santa Catarina, Florianópolis / SC, 2019.

The invisibility of young adolescent subjects in the researches, especially the ones that experienced the transition between elementary school and high school led to the realization of this project, whose objective was to investigate the aspects of the school trajectory that favors this transition, along with the graduate students of the 9th grade of a municipal network school of Florianópolis and graduates from this same school who chose to continue their studies in high school and technician integrated system of IFSC. The research covered 75 students in total, of which 66 are graduates of elementary school of a municipal network school of Florianópolis and 9 are graduates from this same school that were attending high school at IFSC. The participants of the research suggested as a necessity at this stage of the school trajectory, to have a study space for the classification exam for the high school and technician integrated courses of IFSC, that was approaching. Thus, with the participation of those students, providing a space of youth protagonism, an online preparatory course was created, with video classes, exercises and simulated tests, accessible at the electronic address www.vouproifsc.com. With this research, we observed that the path between elementary school and high school is a significant moment of choices, which reflects on the life projects that adolescents make for themselves.

Palavras-chave: School trajectories. Elementary school. High school. Adolescent invisibility. Life projects.

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CNJ	Conselho Nacional da Juventude
EaD	Educação a Distância
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FLACSO	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
FLEM	Fundação Luis Eduardo Magalhães
GT	Grupo de Trabalho
HEMOSC	Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFSC	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
MEC	Ministério da Educação
OBMEP	Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
OEI	Organização dos Estados Ibero-americanos
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONGs	Organizações Não Governamentais
PIC	Programa de Iniciação Científica
PNE	Plano Nacional da Educação
PPG	Programa de Pós-Graduação
PREAL	Programa Regional da Reforma Educativa na América Latina
PRELAC	Projeto Regional de Educação para a América Latina e Caribe
SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ADOLESCENTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: EM BUSCA DE UM LUGAR NAS PESQUISAS ACADÊMICAS	14
2.1 Adolescência e juventude: diálogos com os conceitos	15
2.2 O lugar dos adolescentes nas pesquisas	22
2.3 Adolescentes e sua (in)visibilidade	39
2.4 A transição entre o ensino fundamental e o ensino médio.....	46
2.5 O olhar e escuta atentos aos adolescentes	49
3 SUJEITOS DA PESQUISA: SAINDO DA INVISIBILIDADE	52
3.1 Da escola municipal ao IFSC.....	52
3.2 Sujeitos da pesquisa em processo de revelação.....	56
3.3 O desempenho escolar e perspectivas de futuro.....	64
3.4 As entrevistas e as trajetórias escolares.....	72
3.5 Os Projetos de Vida dos adolescentes	84
4 PRODUTO EDUCACIONAL – EMERGINDO AS VOZES ADOLESCENTES	95
4.1 Os encontros do grupo de trabalho	96
4.2 Construindo um curso preparatório com e para adolescentes.....	113
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS.....	121
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DO 9º ANO.....	127

1 INTRODUÇÃO

Os¹ estudantes concluintes do ensino fundamental enfrentam um desafio diante de duas significativas transições/passagens que precisam realizar nesse momento da vida: uma delas refere-se à continuidade de sua vida acadêmica no ensino médio e a outra é a passagem da adolescência ao universo dos jovens. Embora estas experiências não tenham sido muito contempladas nas pesquisas com estudantes nessa faixa etária considera-se importante dirigir o olhar para esse público que vive esta experiência, considerando que ela implica mudanças não apenas pessoais, mas contextuais, sociais, entre outras.

Que fatores, poderiam influenciar positivamente esse momento de transição? Que mediações em relação à família, aos pares e especialmente à escola poderiam ser feitas para contribuir nas possíveis escolhas, seja continuar na mesma unidade escolar, quando existir essa possibilidade, seja buscar escolas que possam contribuir para uma formação acadêmica condizente com as necessidades e expectativas do educando e sua família, enfim um desafio que se coloca prematuramente em relação ao futuro.

Ao pensar no adolescente concluinte do ensino fundamental e de sua invisibilidade nas pesquisas que sempre dirigem seu foco para os estudantes do ensino médio, despontou a necessidade de contemplar nesse projeto de pesquisa, esses sujeitos com base numa escuta atenta às falas sobre suas trajetórias escolares, expectativas e motivações com relação à continuidade da vida acadêmica.

Uma aproximação inicial ao tema, foi feita através do *google* acadêmico com as palavras-chave: “transição ensino fundamental e médio”, “invisibilidade de jovens nas pesquisas”, “ritos de passagem fundamental ao médio”, “escolhas ensino fundamental”, “orientação profissional ensino fundamental”, “orientação vocacional ensino fundamental” e “orientação educacional e ensino fundamental”. Foi realizada uma busca exaustiva, em mais de mil links resultando em torno de 20 artigos, sinalizando o pouco interesse pelo tema nas pesquisas.

A leitura dos títulos dos sites revela com muita clareza a existência desse rito de passagem seja do 9º ano ao ensino médio, seja do 5º ao 6º ano, mas na sua grande

¹ Optou-se nessa dissertação por utilizar o gênero masculino, quando falar de todos os sujeitos, mesmo sabendo-se da importância das discussões e valorização das identidades masculinas e femininas, como distintas. Quando citados, os participantes da pesquisa, serão identificados por gênero.

maioria são notícias de atividades desenvolvidas por centenas de escolas espalhadas Brasil afora, no sentido de acolher esses adolescentes que vivenciam esta transição e não resultados de pesquisas buscando compreendê-la, desvelar as marcas impressas na vida dos alunos, pais e mestres.

Quando algumas pesquisas ou publicações voltam a análise para os anos finais do ensino fundamental acabam por anunciar além de sua invisibilidade, a urgência de estudos e pesquisas com esses sujeitos. O documento “Educação em debate: Por um salto de qualidade na Educação Básica”, destina seu Capítulo 2, aos anos finais do ensino fundamental, conclamando no título a seguinte declaração: “Pelo fim da invisibilidade dos Anos Finais do Ensino Fundamental”. Um outro artigo localizado na busca, é de Camacho (2004) e intitulado “A invisibilidade da juventude na vida escolar”, cujo foco de análise são os alunos das 7^a e 8^a séries do Ensino fundamental”² e por último, os cadernos temáticos do CENPEC (MANSUTTI, ZELMANOVITS, CARVALHO, 2007), que em seu número 4, aborda a educação na segunda etapa do ensino fundamental, visando iluminar um ciclo esquecido, pouco estudado. Esse exercício inicial de busca permite afirmar que os jovens concluintes do ensino fundamental não têm sido sujeitos das pesquisas acadêmicas.

Essa “invisibilidade” merece ser explorada, haja vista que a maioria dos estudos sobre a transição entre etapas de ensino são relacionados à finalização do ensino médio e o ingresso no ensino superior. Concorde-se com Corti e Souza (2005, p. 13) quando colocam que

A juventude, embora possa ser considerada como um período da vida com alguma unidade, possui também diferenciações internas relacionadas ao desenvolvimento fisiológico, psíquico e social dos sujeitos nos seus diferentes estágios, que, grosso modo, classificamos por categoria ou classe de idade. Assim, jovens de 12 anos apresentam certas características e vivências que os distinguem de jovens de 20 anos de idade. Por isso, a diferenciação entre adolescência e juventude pode enriquecer nossa compreensão destas fases da vida, sem homogeneizá-las excessivamente.

Cabe ainda destacar que por maior que seja a ausência desses sujeitos nas pesquisas, há centenas de *sítes* que revelam as preocupações de inúmeras escolas com os alunos que se encontram no processo de transição do 9^o ano do ensino

² 7^a e 8^a séries correspondem, a partir da Lei 11.274 (2006), respectivamente, à 8^o e 9^o anos.

fundamental para o 1º ano do ensino médio, destacando o papel dos orientadores educacionais e professores no acompanhamento desta etapa e dos desafios que ela anuncia para os estudantes. Além de terem que lidar com as exigências dos estudos, enfrentam conflitos referentes às transformações físicas e emocionais inerentes a esta faixa etária. Essas mudanças são algumas vezes acompanhadas de queixas em relação ao número de disciplinas, do medo de não conseguir acompanhar os novos conteúdos entre outros aspectos, tornando muito delicada esta passagem.

É nesse contexto que se apresentam os desafios postos para esta pesquisa e impõe a urgência de uma aproximação com os adolescentes que frequentam o 9º ano do ensino fundamental tentando compreender essa passagem para o ensino médio avaliando e analisando como esses estudantes planejam e projetam sua continuidade de estudos e como se situam na condição de jovem nesse momento muito particular de sua trajetória acadêmica. Que cursos e percursos se apresentam como alternativas?

Para se buscar compreender o rito de passagem para o ensino médio e os projetos de vida, foi dada voz aos sujeitos que passam por esta experiência na intenção de tirá-los dessa invisibilidade, desvendando alguns modos de ser e viver esse tempo como possível recurso que possa dinamizar o diálogo da escola com o jovem aluno. O recorte da pesquisa se deu com estudantes de 9º ano que se identificam pela continuidade de ensino médio técnico e estudantes que passaram pela mesma escola de ensino fundamental e que cursam o ensino médio técnico.

Para tanto, foi proposto como objetivo geral da pesquisa investigar os aspectos da trajetória escolar que favorecem a transição entre o ensino fundamental e o ensino médio técnico, junto aos estudantes concluintes do 9º ano de uma escola da rede municipal de Florianópolis e egressos dessa mesma escola que optaram pela continuidade dos estudos no ensino médio integrado ao técnico do IFSC.

Como objetivos específicos foram levantados os seguintes itens: a) Traçar o perfil socioeconômico dos concluintes do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Florianópolis, e de alguns egressos dessa mesma escola, destacando elementos suscetíveis de justificar suas trajetórias escolares; b) Conhecer as trajetórias escolares dos participantes da pesquisa e destacar que elementos dessas trajetórias repercutem nas escolhas acadêmicas; c) Conhecer e analisar os projetos de vida a curto, médio e longo prazo dos estudantes; d) Criar um produto educacional

que expressasse suas vozes e que (re)significasse as relações que conseguem estabelecer com a escola e com a sociedade.

Trata-se de uma pesquisa participante, qualitativa e aplicada envolvendo pesquisa bibliográfica e documental; aplicação de questionários; realização de entrevistas; e, realização de dois encontros de Grupo de Trabalho (GT), para planejamento e construção de um produto educacional por eles sugerido enquanto suporte para suas demandas de estudo.

Considera-se que

A pesquisa aplicada concentra-se em torno dos problemas presentes nas atividades das instituições, organizações, grupos ou atores sociais. Está empenhada na elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções. (FLEURY; WERLANG, 2017, p. 11)

Sendo assim, os participantes da pesquisa – estudantes do 9º ano do ensino fundamental – sugeriram como uma necessidade nessa etapa da trajetória escolar, ter um espaço de estudos para que os auxiliasse na realização do exame de classificação para cursos Técnicos Integrados ao ensino médio do IFSC. Então, a partir das necessidades deles, foi possível a construção de um curso preparatório *online*, que será mais detalhada no capítulo quatro.

Fizeram parte dessa pesquisa, dois grupos de sujeitos. Um deles composto por 66 adolescentes estudantes do 9º ano de uma escola da rede municipal de educação de Florianópolis. O outro grupo foi composto por 9 egressos da mesma escola municipal que deram continuidade aos seus estudos em curso de ensino médio integrado ao técnico no IFSC, no campus Florianópolis. Buscou-se assim dialogar com esses sujeitos sobre suas trajetórias escolares, seus projetos de vida, suas motivações e expectativas quanto à escolha de continuidade da vida acadêmica, as dificuldades e incertezas presentes neste momento de transição, enfim, investigar quais elementos influenciam e favorecem a passagem entre o ensino fundamental e o ensino médio técnico.

A pesquisa³ de campo passou por quatro etapas: i) aplicação de questionários com 75 estudantes; ii) realização de entrevistas com 19 estudantes; iii) dois encontros

³ A pesquisa, questionários e termos utilizados passaram por avaliação na Plataforma Brasil, através do comitê de ética em pesquisa do Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (HEMOSC), sendo aprovada pelo parecer de número 2.773.107, de 16 de julho de 2018.

de grupo de trabalho com 8 estudantes; iv) construção do curso preparatório *online* a partir dos encontros do grupo de trabalho. Além do uso da ferramenta “Diário de Campo”, enquanto instrumento de documentação e registro do cotidiano da pesquisa.

Foram aplicados questionários via plataforma “Formulários Google”, conforme apêndice A, com 66 estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de educação de Florianópolis, localizada no Norte da Ilha, com o objetivo de identificar o perfil e as escolhas de continuação dos estudos feitas por eles, bem como compreender as motivações para suas escolhas, as intenções de ingresso em curso técnico do IFSC. Antes da produção de dados, foram solicitadas as assinaturas do responsável legal e do estudante, via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para consentimento e assentimento com a pesquisa. Os estudantes tiveram acesso aos formulários de pesquisa, nos *chromebooks* da sala informatizada da escola, através de *link* disponibilizado.

Dos 66 concluintes do ensino fundamental que responderem à pesquisa, foram convidados 11 estudantes⁴, que demonstraram interesse de ingresso em curso de ensino médio integrado ao técnico no IFSC, após a conclusão do ensino fundamental, para participarem da etapa das entrevistas.

Participaram também da pesquisa, 9 egressos da mesma escola da rede municipal de educação de Florianópolis, que estudavam no ensino médio integrado ao técnico do IFSC, entre a 1ª a 6ª fase, totalizando 75 participantes. Foi aplicado um questionário via plataforma “Formulários Google”, com envio do *link* do questionário, por e-mail; foi realizada uma entrevista com cada participante, e por último, foram convidados para participarem de dois encontros de Grupo de Trabalho, sendo que nenhum participante desse grupo compareceu ao encontro.

O objetivo desse grupo de trabalho foi a elaboração de um produto educacional aplicado, objetivo dos mestrados profissionais, que consistiu na elaboração de um material que expressasse as vozes dos adolescentes materializada em uma proposta de trabalho que revelassem, além das peculiaridades desses sujeitos, a forma como compreendem/representam a escola, a adolescência, as amizades, os sonhos, os medos etc, enfim elementos que propiciem tirá-los da invisibilidade, revelando-os por inteiro e que permitam adensar o diálogo da pesquisa na sua relação com a escola.

⁴ Um desses estudantes não participou da entrevista.

Todos os nomes utilizados na pesquisa são fictícios, sendo que a idade, o gênero e ano escolar correspondem à realidade.

As entrevistas foram planejadas com uma questão norteadora principal, para que o pesquisado discorresse sobre o assunto, sem interferências, só sendo feitas outras perguntas após toda a narração. Para a análise das entrevistas, optou-se por realizá-la de acordo com a proposta de análise de conteúdo.

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias. (MORAES, 1999, p. 2)

Foi feita uma análise exaustiva nas dezenove entrevistas realizadas, a fim de se chegar às sete categorias de análise: mudanças ao longo da trajetória escolar (de município, de escola, de casa); as relações com a escola; relações com a família; relações de amizade vivenciadas; as autoimagens; as motivações e expectativas sobre o IFSC; e, a última sobre seus projetos de vida. Todas essas categorias serão detalhadas e exploradas mais adiante.

Com esta pesquisa foi possível dar voz aos adolescentes e dessa escuta resultaram dados empíricos significativos sobre suas trajetórias de vida, sobre o lugar da escola na vida de cada um e sobre seus projetos de vida.

Esta dissertação ficou estruturada em quatro capítulos: A Introdução, o Capítulo 2 no qual será abordado o tema da juventude e adolescência, os direitos dos jovens, bem como seus lugares nas pesquisas, destacando especialmente, a invisibilidade, nas produções acadêmicas, daqueles que se encontram na transição entre o ensino fundamental e o ensino médio, e, por fim, uma ênfase será dada sobre a relevância do olhar e da escuta atenta aos adolescentes. No capítulo 3 serão apresentados os sujeitos da pesquisa e o perfil dos mesmos, suas trajetórias escolares e projetos de vida. No capítulo 4, será apresentado o produto educacional aplicado, resultado desse projeto de mestrado.

2 ADOLESCENTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: EM BUSCA DE UM LUGAR NAS PESQUISAS ACADÊMICAS

Este capítulo pretende colocar em foco as pesquisas produzidas no âmbito da adolescência e juventude, dirigindo as lentes para os sujeitos estudantes do 9º ano do ensino fundamental, num momento significativo da sua trajetória escolar que é passagem para o ensino médio. Foi realizada uma busca inicial pelo tema no Portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e também em aproximadamente mil links do *google* acadêmico e outros que contemplavam artigos sobre estado da arte da juventude e adolescência.

Assim optou-se por explorar as pesquisas que realizam o “estado da arte” ou “estado do conhecimento” sobre estas temáticas, já que apresentam uma síntese dos enfoques, dos temas mais pesquisados e das lacunas existentes. Romanowski e Ens (2006, p.39) diferenciam ambos, conforme segue:

Os estudos de “estado da arte” [...] objetivam a sistematização da produção numa determinada área do conhecimento [...] para apreender a amplitude do que vem sendo produzido. [...] Recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções. Por exemplo: para realizar um “estado da arte” sobre “Formação de Professores no Brasil” não basta apenas estudar os resumos de dissertações e teses, são necessários estudos sobre as produções em congressos na área, estudos sobre as publicações em periódicos da área. O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de “estado do conhecimento”.

Além dessa opção inicial foram ainda considerados para análise três documentos do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) que abordam a questão da adolescência e juventude; uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e o Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, denominada “Diálogo nacional para uma política pública de juventude”; uma pesquisa de opinião pública, intitulada “Agenda juventude Brasil 2013”, da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e por último, uma pesquisa intitulada “Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?”. É com essas produções que será estabelecido o diálogo, neste capítulo.

2.1 Adolescência e juventude: diálogos com os conceitos

A temática da juventude nem sempre foi alvo de estudo e pesquisas, houve tempos em que não se considerava esse momento como etapa da vida, mas sim como uma transição apenas entre o ser criança e o ser adulto, uma fase da vida apenas projetada no futuro, no vir a ser. Entretanto, começou a ocorrer uma mudança nessa concepção, ainda que pequena e a passos lentos, a partir da década de 1990, quando se promulgou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a nível nacional, e a nível internacional, com a fundação da Organização Ibero-Americana da Juventude, da qual o Brasil faz parte.

Só no século XIX e no início do século XX, com a distinção entre a criança e o adulto, a adolescência começou a ser percebida como período à parte no desenvolvimento humano. (YAEGASHI; GUALDA; CAMPIGOTTO, 2002, p. 102)

A partir do desenvolvimento de políticas, estudos e debates a respeito da temática da juventude, passou a se perceber esse momento como fundamental para o desenvolvimento do ser adulto. No entanto, “no Brasil a juventude, enquanto uma faixa significativa da população, ainda não é reconhecida, de fato, como sujeito de direitos” (DAYRELL; JESUS, 2013, p.8).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) considera-se adolescente, a pessoa dos 12 aos 18 anos de idade. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que a adolescência é dividida em três fases: pré-adolescência dos 10 aos 14 anos, adolescência dos 15 aos 19 anos completos e Juventude dos 15 aos 24 anos. (ADOLESCÊNCIA, [20-]). De acordo com Netto (1976 apud YAEGASHI; GUALDA; CAMPIGOTTO, 2002), a adolescência pode ser definida, ao se considerar o critério cronológico, entre pré-adolescência, dos 10 aos 12 anos, adolescência inicial dos 13 aos 16 anos e adolescência final, dos 17 aos 21 anos. Para o Estatuto da Juventude jovens são os sujeitos de 15 a 29 anos de idade.

Cabe ressaltar que há diferenças nas abordagens do ECA e do Estatuto da Juventude. Enquanto o ECA tem a ênfase nas questões legais e determina sanções legais para o não cumprimento das leis referentes à criança e ao adolescente até os 18 anos, o Estatuto da Juventude, se apresenta como um documento norteador dos direitos e políticas públicas dos jovens de 15 a 29 anos.

Não há ainda consenso nas pesquisas em relação aos termos juventude e adolescência. Considera-se que “a adolescência tem diferenças próprias, conforme o ambiente social, econômico e cultural em que o adolescente se desenvolve. Dependendo do ambiente, a criança pode “adolescer” mais cedo.” (LEITE, 2010, p. 105). Não se pode engessar vivências e vivido, pois dependendo das condições de vida de cada sujeito, a entrada da adolescência e da juventude irá ocorrer em tempos e de maneiras diferentes.

Há autores que ainda defendem o uso da palavra “juventudes” argumentando que no plural, é possível diluir debates tão pertinentes a respeito das múltiplas construções identitárias existentes nessa etapa da vida, tão cheia de possibilidades.

Pode-se considerar, inclusive, que dentro de mesmos grupos etários, socioeconômicos e culturais se tem ainda grupos diferentes, pois a juventude se forma a partir de identidades próprias, de vivências e experiências únicas.

A identidade é [...] uma construção que se forja no desenvolvimento de cada pessoa, nas suas experiências individuais e coletivas, na sua trajetória cultural, familiar, educacional religiosa, etc. [...] A identidade surge como o conjunto de qualidades essenciais que conferem ao indivíduo sua singularidade, mas que não é isolada, por isso depende do outro para se reconhecer. (SOUSA; MIGUEL; LIMA, 2010, p. 31)

Se a análise do termo juventude é feita na perspectiva da concepção do materialismo histórico e dialético, considerando-a na perspectiva da totalidade e com todas as suas particularidades históricas, sofrendo interferência dos contextos dos quais é abstraída, resultante do processo de produção do conhecimento pode-se afirmar com Fávero e Previtali (2016, p.13) que

Na pesquisa sobre a juventude, este é o desafio: estabelecer o conjunto de mediações que explicam a juventude – categoria universal – em suas singularidades, ou seja, nas relações sociais e históricas, no espaço e no tempo, em que elas são produzidas e reproduzidas, buscando compreender os jovens singulares em sua totalidade, sempre articulando, por um conjunto de mediações, o ser singular com o ser social e a consciência social. Desta forma, o estudo da juventude em sua totalidade deve contemplar todas as esferas da vida social, como as relações de trabalho e classe, de educação, familiares, culturais, religiosas, de sociabilidade, entre outras, compreensível somente, como disse Marx (2008b, p. 258), pela “viagem de modo inverso”, do método de “elevar-se do abstrato ao concreto”.

Ao considerar-se a condição juvenil enquanto totalidade, portadora de muitas determinações e relações, ela é uma “unidade do diverso”⁵. (FÁVERO; REVITALI (2016, p.17).

Há ainda autores que trazem para a reflexão, a condição juvenil. Ao trabalhar com a ideia de condição juvenil, Dayrell (2007, p. 1108) aponta a sua dupla dimensão, conforme segue:

Condição juvenil refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

Importante também insistir na “condição juvenil” enquanto categoria fundamental nas pesquisas que pretendem abordar a temática da juventude. Como Dayrell (2007) também Sposito e Carrano (2003, p. 266 apud CAMACHO, 2004, p. 331) sinalizam a

[...] distinção importante entre condição (modo como uma sociedade constitui e significa esse momento do ciclo de vida) e a situação juvenil que traduz os diferentes percursos que a condição juvenil experimenta a partir dos mais diversos recortes: classe, gênero e etnia.

Se as formas de abordar o termo juventude já carrega estas reflexões é preciso complementá-las destacando suas conexões com o termo adolescência.

Freitas (2005), Abramo (2005) e Sposito (1997 apud LEITE 2010, p. 55), apresentam de forma sucinta e clara, a polêmica existente no uso dos termos adolescente e jovem.

A diferenciação etária entre os termos jovem e adolescente não é consensual nos diferentes campos acadêmicos que se ocupam de tais questões, nem tampouco entre gestores de políticas públicas, ou mesmo no senso comum. Em geral, na produção acadêmica, a opção por um ou outro termo não se dá propriamente em função da idade

⁵ Nessa direção foi feita a opção pelo uso do termo no singular, enquanto “unidade do diverso”, porém será utilizado o termo juventudes (com um “s”) nas citações dos autores que fazem esse uso.

que se aborda, mas, sim, por conta do seu campo de inserção. Percebe-se que a expressão adolescente é mais frequente nos estudos do campo da psicologia, enquanto a sociologia costuma dar preferência às palavras jovem e juventude, incluindo, nessa identificação, os jovens mais jovens.

A percepção relacionada ao termo adolescência remete, muitas vezes, à fase de problemáticas, crise, falta de identidade, rebeldia, conforme observou-se nas leituras realizadas.

O entendimento da adolescência como uma fase (crítica) do desenvolvimento natural do ser humano remete a sentidos já secularmente afirmados na psicologia e, em certa medida, assumidos pela escola e mesmo pelo senso comum. (LEITE, 2010, p. 59).

Pretende-se com as reflexões aqui realizadas com suporte nas leituras feitas e também ouvindo os próprios adolescentes, desmistificar essa visão negativa da adolescência propagada socialmente, divulgada pelos meios de comunicação e pelas mídias, e destacar a forma como esse grupo se constitui e elabora a representação social que é a adolescência. (LEITE, 2010). Cabe ressaltar que a construção das identidades juvenis, surgem independente das mídias, mas elas podem sim fazer diferença e interferir na autoimagem dos jovens.

Levando em consideração que os sujeitos da pesquisa são estudantes a partir de 14 anos, que estão vivenciando uma fase significativa para sua formação serão nomeados como adolescentes.

Nos estudos realizados observa-se que existe uma diferenciação na concepção entre adolescência e juventude, em que a primeira está mais relacionada a um momento de transição, entre a infância e a idade adulta, enquanto o termo juventude é considerado uma etapa da vida humana, com suas características específicas, com o seu espaço em discussão. De acordo com Dayrell e Jesus (2013, p. 7)

[...] consideramos a categoria juventude como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Isso significa entender a juventude não como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta.

Os autores ainda enfatizam que

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. (IDEM, 2013, p. 7)

Para Corti e Souza (2005), os termos adolescência e juventude, mesmo com significados distintos, são usadas como sinônimos constantemente. No entanto, as autoras consideram a adolescência como uma primeira fase da juventude, pois entendem que essa diferenciação possibilita o reconhecimento das peculiaridades e conexões tanto dos adolescentes, quanto dos jovens, sem dissociar essas duas etapas.

Trata-se de um momento da vida de extrema significância, que exige mais reflexões e estudos, para melhor compreensão e para dar maior visibilidade a esses sujeitos abrindo espaços para que possam revelar os sonhos e as angústias que vivenciam frente às escolhas que precisam fazer de forma precoce ancoradas pelo que se quer hoje, enquanto se vive a adolescência/juventude e não apenas no que esperam do jovem, quando adulto, no futuro.

Nas leituras realizadas, não poderia passar em branco a relação desse momento de transição com a temática dos direitos dos adolescentes. Num percurso inicial pela carta magna brasileira, é possível destacar alguns pontos relevantes no que se refere aos direitos dos adolescentes, especialmente o Capítulo VII que trata “Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso” (Constituição Federal, 1988). Cabe salientar que antes da redação dada pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010, este capítulo não contemplava o termo “jovem”, apresentando-se como título “Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso”, já sinalizando por aí alguma especificidade dos termos.

Tem-se ainda no § 8º, do Art. 227, também incluído pela Emenda Constitucional nº 65/2010, o anúncio do estabelecimento do “estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens”, que é instituído pela Lei 12.852/2013 e que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE, considerando como jovens, os sujeitos de 15 a 29 anos, portanto, amplia os direitos garantidos no ECA, dos adolescentes entre 12 e 18 anos de idade. Assim, tomando como parâmetro estas

normativas, alguns sujeitos desta pesquisa poderiam ser incluídos na categoria de jovem, porém também inteiramente situados no grupo dos adolescentes, ilustrando de certa forma a complexidade de demarcar a adolescência ou a condição juvenil a partir de uma determinada idade.

Quando se fala em direitos a temática da participação juvenil ganha centralidade. Direitos que implicam a possibilidade de escuta dessas vozes capazes de revelar a densidade de suas vivências e forçar a entrada dessas vozes no currículo, não apenas para delas extrair o direito ao conhecimento, ao saber, mas também o direito ao reconhecimento do processo de viver desses sujeitos, intimamente atrelado ao seu processo de aprender.

Os diálogos estabelecidos com alguns autores, especialmente Ferreti; Zibas e Tartuce (2004, p.411) apontam que “o “protagonismo juvenil” tem tido ampla repercussão na área educacional, principalmente a partir da implementação da reforma curricular do ensino médio, cujas diretrizes adotam esse conceito como um dos pilares das inovações sugeridas”. Em revisão bibliográfica realizada por estes autores sobre o termo protagonismo dos jovens-alunos, afirmam que este “é um conceito passível de diferentes interpretações e, além disso, imbrica outros conceitos igualmente híbridos, como “participação”, “responsabilidade social”, “identidade”, “autonomia” e “cidadania”. Nem mesmo a distinção conceitual entre “participação” e “protagonismo” é clara na bibliografia consultada”. (FERRETI; ZIBAS; TARTUCE, 2004, p. 413). Não cabe aqui realizar amplas reflexões sobre estes termos, mas sinalizar que no estudo dos adolescentes é bom permanecer com olhar atento a estas imprecisões conceituais carregadas de “significados pedagógico e político” (FERRETI; ZIBAS; TARTUCE, 2004, p. 416). E assim, estes autores fazem a seguinte advertência:

Caberá aos professores, pesquisadores e especialistas o trabalho constante de desbastar os sutis vieses ideológicos desse “inferno semântico” de que nos fala Veríssimo (apud Frigotto, Ciavatta, 2002), de modo que a necessária promoção do protagonismo juvenil se afaste de um mero ativismo social – acrítico e apenas psicologicamente compensatório – ou da simples adaptação dos jovens às perversas condições da atual ordem socioeconômica.

Considerando estas interlocuções a presente pesquisa buscou estabelecer o diálogo com os adolescentes na intenção de compreender, a partir das suas vozes,

suas trajetórias escolares, especialmente num momento em que experimentam a transição do 9º ano do ensino fundamental para o ensino médio.

Este direito à participação vem acompanhado de outros direitos, muitas vezes não explorados nas pesquisas. E é Arroyo (2011) que indaga: quais direitos? Este autor nos instiga a pensar no direito a saber-se, no saber de si como direito ao conhecimento. Somam-se a esses, o direito a uma vida justa, direito à cultura, direito à memória, direito à diversidade, o direito aos espaços do viver digno e justo entre tantos outros direitos humanos contemplados, declarados em inúmeros tratados e pactos, porém muitas vezes violados e não efetivados.

Uma última questão a ser colocada no rol dos direitos é feita por Arroyo (2011, p.223: “quem são esses adolescentes-jovens?”. Esta pergunta foi fundamental para esta dissertação ao sinalizar o direito desses adolescentes de serem reconhecidos, de saírem das páginas da história do esquecimento. Aproximar-se desses sujeitos para compreender a forma do que significa ser e estar nessa condição não pode passar despercebida, se considera necessário caracterizar estes sujeitos.

E assim Arroyo afirma:

Não é um consolo constatar que esses adolescentes e jovens não são apenas alunos indisciplinados, que nada querem de nossas lições. Abrir nosso olhar para quem são na cidade, nas periferias, na sobrevivência, na sociedade, nos programas de assistência, emprego, cultura, esporte, saúde e até segurança... pode superar olhares demasiado escolarizados que em pouco ajudam a entender quem são, que lugar - ou sem lugar - lhes é reservado na nossa ordem-desordem social e urbana (2011, p.224).

Há, muitas vezes, nas mídias, uma representação negativa desses sujeitos. Aproximar-se deles, dar voz aos mesmos, é fundamental para editar outras imagens, imagens na sua positividade que superam em muito, olhares preconceituosos que os miram como os “fora de lugar”. Está posto um desafio para as pesquisas, para a docência e para todos aqueles que se interessam em acentuar visões e traços mais afirmativos desses sujeitos.

2.2 O lugar dos adolescentes nas pesquisas

Uma criteriosa busca pelas publicações que tratam dos adolescentes, sujeitos desta pesquisa, na faixa etária de 14 anos e que frequentam o 9º ano do Ensino Fundamental, não apresenta resultados animadores. As pesquisas sobre esse público da segunda etapa do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, são raras. Cabe admitir total concordância com Davis (2013, p.1) que:

O Ensino Fundamental tem sido bem estudado no Brasil, notadamente em seu primeiro segmento, que compreende os cinco anos iniciais da escolaridade básica e, desde 2006, o início da escolarização, aos 6 anos. Os outros quatro e últimos anos não têm recebido a mesma atenção. Dessa forma, **escrever sobre os anos finais do Ensino Fundamental é uma tarefa bastante difícil** por algumas razões. **Há pouquíssimos estudos que tratam sobre essa fase de ensino**, embora exista farta literatura sobre a criança que inicia o processo escolar e o adolescente que está em vias de concluí-lo, teórica e idealmente aquele que tem entre 15 e 17 anos. Nesse último caso, a maior parte refere-se ao “jovem” e à “juventude” que frequenta o Ensino Médio e conta, portanto, com 15 anos de idade ou mais. **Dos que se encontram na faixa etária dos 11 aos 14 anos, pouco ou nada se sabe a respeito de sua experiência escolar. (grifos nossos)**

É necessário ampliar os estudos sobre os adolescentes no sentido de estimular a sua participação rumo a uma vivência equilibrada dessa fase da vida, não apenas no sentido de considerar estes sujeitos como destinatários dos conhecimentos, mas também como potenciais informantes de uma educação e escola necessárias aos seus projetos de futuro.

Davis et. al (2013, p.15) afirma o seguinte:

[...] é essencial que as especificidades da faixa etária dos 11 aos 14 anos de idade sejam bem conhecidas, algo que, por promover uma compreensão maior desse universo, diminuirá, em muito, a tendência de classificar e rotular os alunos, uma situação que tem resultado na negação, a parcelas significativas de alunos, do direito a uma Educação de boa qualidade.

Assim, o que vem a seguir contempla uma breve análise dos estados da arte e do conhecimento sobre esses sujeitos, tecendo um diálogo com Spósito (2002, 2009) que coordena pesquisas do Estado da Arte sobre “juventude e escolarização” (1980-1998); “juventude na pós-graduação brasileira”, envolvendo a educação, ciências

sociais e serviço social (1999-2006) em 2 volumes. Estas produções coordenadas por Spósito somam 27 de anos de pesquisas voltadas para o tema da juventude, portanto referência ímpar para esta dissertação. Um outro texto a ser analisado é de Hayashi, Hayashi; Martinez (2008) que também realizam estudos sobre jovens e juventudes nas dissertações, teses de doutorado e livre docência no período de 1989 a 2006. Estes últimos afirmam que

Os resultados obtidos apontaram a existência de vigorosa produção científica acadêmica sobre os jovens e a juventude no país, que têm como foco abordagens sociológicas, antropológicas, psicológicas, educacionais a partir das quais se analisam as mudanças físicas, psicológicas, comportamentais e os impactos ocorridos nesse momento de transição para a vida adulta. (HAYASHI, HAYASHI; MARTINEZ, 2008, p.131).

Uma outra publicação encontrada é de Trancoso e Oliveira (2016, p.278) que vão destacar aspectos do conceito de juventude nas teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011, realizando reflexões sobre “o processo de produção desse conceito, suas rupturas, permanências e desafios” e outros. Estes autores buscam a relação entre os termos e os conceitos de juventude/jovem e adolescência/adolescente, dialogando com as Ciências Humanas e Sociais.

Todos estes trabalhos mencionados ampliam o diálogo com outros inúmeros autores constantes nas referências bibliográficas destas publicações, bem como outros, que serão possíveis interlocutores nesta pesquisa e em outras futuras, já que são consagrados enquanto pesquisadores desta temática.

Serão trazidas também pesquisas de setores públicos e/ou privados, que fizeram pesquisas com adolescentes, já que

a produção de conhecimentos e informações sobre juventude também não é privilégio do mundo universitário. Institutos privados de pesquisa, organizações não-governamentais e organismos públicos têm produzido, significativamente, nos últimos anos, sobre o tema. A relevância e a qualidade desses estudos ainda estão por ser aferidas, mas de algum modo eles não só traçam diagnósticos ou retratos da juventude como, também, constroem ativamente uma imagem sobre os jovens no Brasil. (SPOSITO, 2009, p. 14)

Iniciando pelos estados da arte e do conhecimento, Spósito (2002) coordena um trabalho cujo objetivo é trazer produções de dissertações e teses, da área da

educação que contemplem a temática da juventude, entre os anos de 1980 e 1998, foram analisadas 387 publicações. Usa-se como corte etário, dos 15 aos 24 anos, mas por se compreender que essa fase da vida pode iniciar antes ou se estender, são trazidas produções que ampliam para maior ou menor idade do que o corte estabelecido inicialmente.

Por se tratar de uma época em que as produções da área da psicologia tinham mais força, apresenta-se temas da adolescência, bem como o uso recorrente desse termo nos trabalhos acadêmicos, sendo utilizado como sinônimo de jovens, por exemplo, identificando universitários de 17 a 21 anos como adolescentes.

Observou-se com a pesquisa que ao longo dos anos o número de publicações de pós-graduação aumentou, bem como as publicações sobre a juventude. Sendo que a partir da década de 1990, com a publicação do ECA, ficou mais evidente o interesse de pesquisa sobre as questões de vulnerabilidade ou exclusão social, dos adolescentes e jovens até os 17 anos, relegando aos jovens acima da maioridade penal aspectos relativos à homicídios e criminalidade. Criticou-se a falta de mais pesquisa e com outras abordagens sobre a juventude, incluindo os maiores de idade.

Percebe-se que é uma fase inicial de pesquisas no âmbito da juventude, no Brasil, em que se enfatizava nas temáticas levantadas, por ordem de maior para menos incidência: jovens, mundo do trabalho e escola; aspectos psicossociais de adolescentes e jovens; adolescentes em processo de exclusão social; jovens universitários; juventude e escola; jovens e participação política; mídia e juventude; jovens e violência; grupos juvenis; e, jovens e adolescentes negros. A ênfase estava mais nas situações de pobreza, de situações de riscos e na não garantia de direitos, na perspectiva da escola e da legislação, pouco sendo trazido a respeito das vivências pelos próprios adolescentes. Sobre a faixa etária apresentada, era variável, mas poucas pesquisas retratavam a vida após os 18 anos, nesse período de 1980 e 1998. Apesar de a idade dos sujeitos da pesquisa de mestrado aqui realizada aparecerem nas pesquisas, não foi possível localizar pesquisas específicas sobre a transição entre o ensino fundamental e o ensino médio, nem sobre projetos de vida.

Sposito (2009) coordena um novo trabalho de estado da arte, agora no recorte temporal de 1999 a 2006. Nessa etapa do estado da arte ampliou-se as áreas de conhecimento analisadas, incorporando à área da Educação, as áreas das Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, em que foram

analisadas 1.427 teses e dissertações. Houve ampliação da faixa etária pesquisada, agora abrangendo dos 15 aos 29 anos. Observou-se que

O tema Juventude alcançou maior visibilidade nos últimos quinze anos no Brasil como produto da intersecção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores. Os jovens entram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país. (p. 17)

Assim, com o aumento de visibilidade dessa temática, bem como o distanciamento das orientações da Psicologia e o crescimento da dominante sociológica nos estudos sobre a juventude, o termo adolescência começa a desaparecer. Se valoriza o termo e a condição da juventude como uma etapa única e significativa da vida, conforme Sposito (2009, p. 27) “[...] as teses que recortam o tema dos adolescentes hoje não alcançam a mesma força que em décadas anteriores, quando a área de Educação era nitidamente marcada pela força dos estudos de viés psicológico.”

As palavras jovens e adolescentes ainda aparecem em alguns momentos como sinônimos, porém agora mais delimitado aos sentidos dessas palavras. Observa-se que quando aparece o termo adolescência, vem relacionado ao ECA e suas condições, tais como situações de risco, vulnerabilidade, adolescentes em conflito com a lei, adolescentes pobres, e assim por diante, confirmando a relação do termo com aspectos negativos da experiência juvenil.

Por serem mais pesquisas analisadas, o número de temas ampliou consideravelmente, em relação ao estado do conhecimento do período de 1980 e 1998. Temas encontrados nas pesquisas, por ordem de maior para menor incidência: Juventude e escola; adolescentes em processo de exclusão social; jovens universitários; jovens, sexualidade e gênero; juventude e trabalho; jovens, mídia e TIC; jovens, escola e trabalho; grupos juvenis; jovens negros; participação e cultura política; juventude rural; estudos psicológicos/psicanalíticos sobre juventude; estudos históricos sobre juventude; jovens portadores de necessidades especiais; jovens e violência; juventude, lazer, consumo e sociabilidade; jovens e substâncias psicoativas; jovens e meio ambiente; jovens e religião; jovens e família; jovens no/do estrangeiro; jovens, modos de vida e socialização; jovens e esportes; jovens indígenas; jovens e saúde; e, jovens e corpo.

Ao longo da análise das dissertações e teses apresentadas percebeu-se maior diferenciação quanto ao uso dos termos adolescência e juventude. São apresentados

estudos que se voltam às trajetórias escolares, na maioria das vezes no ensino médio e universidades. Além de uma mudança na tendência das pesquisas que tratavam sobre o futuro, até o ano de 1998, a questão das expectativas de futuro “foi tratada no viés da orientação vocacional, uma abordagem inexistente no estudo atual, fundamentada principalmente na discussão sobre projetos de futuro.” (SPOSITO, 2009, p. 98).

Observa-se uma evolução nas temáticas e abordagens referentes à juventude, englobando a adolescência, no entanto começa a ficar menos evidente de que faixa etária e etapa escolar se tratam as pesquisas, dificultando uma apropriação das realidades vividas pelos sujeitos adolescentes que vivem a transição entre o ensino fundamental e o ensino médio.

Hayashi, Hayashi e Martinez (2008) apresentam um estado da arte, com pesquisa sobre as temáticas jovens e juventudes, no período de 1989 a 2006, das mais diversas áreas, todos da pós-graduação (mestrado e doutorado), sendo utilizado como banco de dados, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o banco de Teses da CAPES e o portal Domínio Público, encontrando 84 trabalhos com a temática verificada. Os subtemas abordados nas teses e dissertações sobre jovens e juventude, por ordem de maior para menor incidência foram: juventude, jovens, trabalho, identidades, sociabilidade, trajetórias juvenis, educação, cultura, políticas públicas, práticas, formação profissional, adolescência, arte, condição juvenil, gênero, música, organização, política, demografia da família, drogas, escola, gravidez, história oral e de vida, integração, sexualidade, sociologia da educação, sociologia da juventude, vida acadêmica e violência. Os autores não aprofundam sobre a temática da juventude, nem citam a respeito da adolescência nesse contexto, apontando que corroboram com a mesma definição da área da sociologia, e que já há um vasto material teórico nesse campo, não sendo necessário retomá-lo exaustivamente. Dentre os trabalhos apresentados, poucos tratam das trajetórias escolares ou dos projetos de vida e relacionados às vivências até o ensino superior. São trazidas questões de transições, mas relativas à transição entre a juventude e a fase adulta. Não é mencionado o ensino fundamental ou vivências nesse período, nem sobre transições dentro do próprio ciclo da juventude

Dayrell, Moreira e Stengel (2011) organizam uma coletânea de artigos apresentado no IV Jubra - Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira: juventudes contemporâneas, um mosaico de possibilidades, que foi realizado em

junho de 2010. São estudos no âmbito da pós-graduação brasileira, que visam “evidenciar a pluralidade da juventude e os diversificados olhares do campo das ciências e da sociedade sobre esse segmento” (p. 8).

Nesse trabalho “as juventudes são tomadas como uma categoria social transversalizada pelas categorias de gênero, classe social, de etnia e de geração, dentre outras variáveis [...] são sujeitos ativos capazes de transformar esses contextos e, ao mesmo tempo, transformarem-se a si mesmos.” (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011, p. 12)

Os artigos trazem temas referentes à produção social dos jovens, ao discutir os processos de socialização em diferentes espaços, como a escola, o trabalho e a mídia; tratam a respeito da sexualidade, corpo e gênero; e buscam compreender a participação política do jovem, e a relação das políticas públicas de saúde e de proteção destinadas aos jovens. Dos artigos apresentados alguns chamaram a atenção para aspectos relevantes nessa pesquisa de mestrado.

Marcelo Urresti, em seu artigo “Adolescentes, jóvenes y socialización entre resistências, tensiones y emergências” aborda as transições existentes entre infância, adolescência, juventude e fase adulta, e as tensões ao longo desse processo. O autor deixa claro que a fase da adolescência e da juventude são momentos específicos nessa transição para a vida adulta.

Geraldo Leão aborda em seu artigo “Entre sonhos e projetos de jovens, a escola...” a relação e o lugar que ocupa a escola na vida dos jovens. Os jovens são marcados por rótulos que indicam uma não valorização da escola e dos espaços escolares, enquanto deve-se avaliar os contextos aos quais os jovens estão inseridos para além da escola, considerando que “os jovens criam sentidos e motivações diferenciadas para estar na escola e investir nos estudos” (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011, p. 102).

Benedito Rodrigues dos Santos, faz em seu artigo “Vinte anos do ECA e as políticas para a infância e juventude”, uma retomada das condições históricas e políticas pelas quais o Estatuto da Criança e do Adolescente foi elaborado e promulgado. O autor retrata uma tensão entre alguns órgãos sobre a inclusão de adolescentes de 14 a 18 anos como categoria juventude, no Estatuto da Juventude. Sabe-se que o Estatuto hoje contempla como categoria jovem pessoas de 15 a 29 anos. O autor relata que havia interesse do Conselho da Juventude em incorporar esse público, pois “haveria a incorporação de um segmento - a adolescência -, para o

qual existe atualmente um crescente movimento reivindicatório de políticas sociais”. (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011, p. 400).

Todos os trabalhos apresentados no IV Jubra são de extrema relevância para os estudos a respeito da juventude, e trouxeram também mais argumentos sobre a diferenciação entre as fases da adolescência e juventude que tanto tem sido apontadas nessa dissertação, buscando dar a visibilidade a um grupo específico - os adolescentes - até então invisíveis nos estudos e pesquisas.

Trancoso e Oliveira (2014, 2016) apresentam um artigo realizado a partir de um levantamento de teses, dissertações e artigos científicos, com o tema juventude/juventudes, entre os anos de 2007 e 2011, as buscas ocorreram no banco de dados da CAPES e no *google* acadêmico, foram analisadas 189 produções. Nos artigos não são apresentadas as produções em si, mas é feito um debate mais profundo “a partir da concepção da produção sócio-histórica de conceitos, e reflexões acerca dos desafios contemporâneos para os estudos dessas juventudes”. (2014, p. 262). Foi constatado que são variadas as ciências que pesquisam e se apropriam da temática da juventude e o autor alerta para “o risco de atribuir um lugar privilegiado à condição de juventude, em detrimento de outros grupos sociais, contribuindo indiretamente para naturalizações dos processos sociais.” (IDEM, p. 262). Ao longo da densa discussão os autores trazem a questão da transição, conforme pode-se ver abaixo.

Transição pode ser compreendida como uma marca da própria existência humana. Ao localizarmos na história, vamos percebê-la mais ou menos veloz, afetando mais uns grupos sociais que outros, de forma mais ou menos previsível, mais ou menos consciente para as pessoas que viveram cada tempo. (IBIDEM, p. 271)

Os autores fazem uma crítica ao conceito de juventude como fase de transição para a fase adulta, considerando que as transições estão presentes de diferentes formas e momentos da vida, sendo vividas em intensidades diferentes.

Já no artigo mais recente, Trancoso e Oliveira (2016) identificam os três aspectos fundamentais encontrados nos textos analisados em que o primeiro está relacionado à discussão implícita ou explícita a respeito dos termos e conceitos de juventude/jovem e adolescência/adolescente, o segundo é referente à caracterização da condição juvenil e o terceiro sobre como são relacionados as categorias juventude e tempo.

Em relação ao primeiro aspecto das reflexões sobre juventude e adolescência, Trancoso e Oliveira (2006) apontam entre os autores pesquisados por eles

[...] aqueles que não apresentam reflexão sobre a relação entre esses conceitos e utilizam, no texto produzido, algumas vezes, a expressão juventude e, outras vezes, a expressão adolescente, deixando ou não transparecer o posicionamento escolhido a respeito dessa relação. [...] e aqueles que não fazem uso das expressões adolescente/adolescência, mas apenas jovem/juventude. (TRANCOSO, OLIVEIRA, 2016, p. 282)

A partir da leitura a respeito das produções acadêmicas entre os anos de 2007 a 2011, observa-se um grande avanço em relação às discussões a respeito da adolescência, como um tempo único, que faz parte da juventude, mas que tem suas especificidades, não apenas relacionadas ao biológico. No entanto, as discussões estavam mais voltadas ao conceito de adolescência/juventude, tratando pouco dessas fases da vida especificamente.

Dayrell e Gomes (s.d.) em seu artigo “A juventude no Brasil” trazem um mapa da juventude brasileira através de dados estatísticos, como o Censo do ano 2000 e realizam uma ampla discussão a respeito do conceito de juventude. Para Dayrell e Gomes (s.d., p. 3)

De maneira geral, podemos dizer que a entrada da juventude se faz pela fase que chamamos de adolescência e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. É nesta fase que fisicamente se adquire o poder de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de auto-suficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos.

Os autores abordam a temática das identidades e a importância que estas possuem na construção dos sujeitos, apontam que a elaboração de um projeto de vida é fruto de um processo de aprendizagem e se põe como um desafio para os jovens. A escolha aparece nesse artigo também como um objeto de aprendizagem, em que se aprende a escolher assim como se aprende a assumir a responsabilidade pelas próprias escolhas. E assim surge a discussão do quão autônomos estão sendo formados esses jovens, para escolherem, para elaborarem suas identidades e seus projetos de vida.

Para finalizar o levantamento das produções acadêmicas, será apresentada uma discussão referente à segunda etapa do ensino fundamental de Mansutti, Zelmanovits e Carvalho (2007), dos cadernos do CENPEC. Essa edição busca iluminar um ciclo esquecido, pouco estudado, que é a segunda etapa do ensino fundamental, de 6º a 9º ano. Organizado com artigos e relatos de prática, objetiva dialogar com as complexas características dessa etapa escolar.

As autoras consideram a importância e necessidade de colocar em foco o segundo ciclo do ensino fundamental, sendo assim trazem dados de pesquisa realizada com estudantes de 6º a 9º anos, seus pais e professores que atuam nessa etapa escolar. A ênfase é dada à escola e sua função social, à aprendizagem, ao letramento e numeramento e às relações estabelecidas na e com a escola, dando visibilidade ao público que passa por esse momento da vida escolar. Nesse contexto, coloca a importância da escolha por continuidade de estudos após a finalização do 2º ciclo do fundamental. Para as autoras

[...] de modo geral, os professores não são suficientemente preparados nas licenciaturas para o trabalho com pré-adolescentes e adolescentes. Esse fato compromete a capacidade formativa da escola, que não consegue contribuir para a construção da identidade e do projeto de vida de seus alunos. Como se sabe, esta construção é um processo particularmente crítico na segunda etapa. (MANSUTTI, ZELMANOVITS, CARVALHO, 2007, p. 11)

Ao final do artigo são apresentadas propostas de melhorias para essa etapa de ensino, considerando as observações dos alunos, professores e pais na pesquisa de campo e estudos sobre a área. Observa-se que há necessidade de mudanças para melhorar a qualidade da educação básica. As autoras ainda denunciam que o

descaso para com a produção teórica acerca do segundo ciclo parece indicar não só a baixa prioridade dada a pesquisas e projetos inovadores nesse segmento, como também, sobretudo, um vazio de políticas públicas para produzir mudanças efetivas e necessárias. (MANSUTTI, ZELMANOVITS, CARVALHO, 2007, p. 15)

Como já colocado, há uma necessidade iminente de estudos e apropriação da fase da adolescência, que abrange os estudantes do chamado ensino fundamental dois, que vai do 6º a 9º ano, para contribuir em melhores abordagens pedagógicas

com esses estudantes, que estão em transformação não só biológica, como psicológica e precisam de suporte, apoio e orientação.

Para finalizar este tópico foram consideradas três publicações do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) que abordam a questão da adolescência e juventude, um deles intitulado “A voz dos adolescentes”, publicado em 2002, outro, feito em parceria com a Fundação Itaú e o Instituto Ayrton Senna, intitulado “Adolescentes e Jovens no Brasil: participação social e política”, publicado em 2007 e por último o relatório “Situação Mundial da Infância de 2011”, todos trazem dados relevantes a respeito da realidade dos adolescentes brasileiros.

Cabem aqui algumas reflexões relacionadas ao diálogo com estes documentos mencionados anteriormente, ancoradas no texto de Shiroma “Redes Sociais e Hegemonia: apontamentos para estudo de política educacional” (2011). A autora abre o texto alertando aos leitores sobre a necessidade de compreender o ‘contexto de influência’ na produção das políticas educacionais em curso na América Latina nas últimas duas décadas” (p.15) apontando as similaridades entre as reformas nos diferentes países desse continente e enfatizando a “existência de uma “agenda globalmente estruturada para a educação” (DALE, 2001, p. 135, apud SHIROMA, 2011, p. 16).

A autora enfatiza com o objetivo de sua pesquisa, a necessidade de que “compreender as mediações entre global e local, entender como as recomendações dos projetos internacionais chegam às escolas e modificam discursos, práticas e relações em seu interior, influenciando a gestão e organização do trabalho docente”. (SHIROMA, 2011, p. 16).

Centra suas análises nos “principais projetos de educação para o século XXI da UNESCO e do Banco Mundial, e para a América Latina e Caribe, em especial o Projeto Regional de Educação para a América Latina e Caribe (PRELAC) e as Conferências da Organização dos Estados Americanos (OEA) (IDEM, p.15). Nessa análise dos documentos a autora vai destacando como há um discurso enfatizando a criação de ‘redes’ nacionais e regionais e para mostrar como estas redes atuam no campo da política educacional, ela vai focar a análise no Programa Regional da Reforma Educativa na América Latina (PREAL), apontando a participação nesta rede, de “brasileiros da mais alta expressão no cenário político” (IBIDEM, p. 22).

Analisando e mapeando detalhadamente a composição da rede PREAL Shiroma (2011, p. 32) menciona a participação de vários nomes ligados à educação

brasileira, membros das fundações e grupos empresariais que integram o Movimento Todos pela Educação e apresenta a participação no Conselho estratégico desse Movimento “representantes dos grandes empresas e grupos financeiros: Grupo Pão de Açúcar; Fundação Itaú Social; Instituto Gerdau; Fundação Bradesco; SESC-SP; Grupo Banco Real; Fundação Ioschpe; Fundação Roberto Marinho; Faça Parte - Instituto Brasil Voluntário; Instituto Ethos; Fundação Airtton Senna” (SHIROMA, 2011, p. 32). A Fundação Leman, o Instituto de Protagonismo Jovem e Educação, a Fundação Luis Eduardo Magalhães (FLEM), entre outras, compõem a rede mapeada por Shiroma (2011, p.30) e permitindo “a melhor visualização de sua capilaridade e abrangência, dando uma noção da força e influência das ações que executam articuladamente”.

Feitas estas considerações, segue-se o diálogo com a pesquisa “A voz dos adolescentes”, publicada em 2002 pela UNICEF, apresenta dados relacionados à realidade dos adolescentes no Brasil. Traça um perfil desses adolescentes e a percepção que possuem sobre assuntos polêmicos ou pertinentes à faixa etária.

A Voz dos Adolescentes constitui-se assim na primeira pesquisa de âmbito nacional a ouvir a opinião dos adolescentes brasileiros de todos os níveis de renda, todas as regiões geográficas, dos diferentes níveis de escolaridade, das diferentes raças e diferentes características culturais. (UNICEF, 2002, p. 13)

Foi um amplo trabalho, que envolveu pesquisa quantitativa e qualitativa, com mais de cinco mil adolescentes, entre 12 e 17 anos. O documento apresenta detalhadamente a forma que foi aplicada a pesquisa, além de trazer dados comparativos, de outras fontes de dados estatísticos, para validar os números obtidos.

A parte quantitativa visava ter um panorama, um perfil sobre os adolescentes brasileiros. Os grupos focais realizados, como instrumento de pesquisa qualitativa buscavam a compreensão dos adolescentes a respeito dos temas do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Todas as questões tinham como finalidade determinar a percepção do participante em relação ao Estatuto da Criança e do Adolescente. [...]. Os tópicos de discussão foram: Percepção do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lazer, Cultura, Educação, Trabalho, Família, Meios de Comunicação, Violência, Drogas, Saúde, Preconceitos e Participação Social. (IDEM, p. 23)

Nessa perspectiva, o programa procurou ouvir os próprios adolescentes e elaborar um documento que contemplasse essa “voz” afirmando que que

[...] existem poucas informações desagregadas para essa faixa etária, uma parte em função do próprio dissenso sobre o início e fim dessa fase da vida e outra parte em função de uma cultura de políticas públicas que ainda se concentram em áreas temáticas e não em integração de serviços para grupos específicos. (IBIDEM, p. 13)

Com essa pesquisa, realizada pela UNICEF em 2002, pode-se ter um panorama geral da realidade dos adolescentes no início do século XXI, no entanto, faz-se necessário a atualização de tais dados, tendo em vista que em mais de quinze anos, muitas questões podem se apresentar de outras formas, mas é possível também afirmar que as questões relacionadas à família enquanto instituição mais importante de referência para os adolescentes ou mesmo o estar com os amigos, tirar boas notas, estar namorando, entre outras, continuam bem atuais. O documento é composto de 198 tabelas que trazem dados que podem propiciar ainda elementos importantes para re-leituras e continuidade do diálogo.

Em relação à escola, seus espaços e conteúdos também continuam atuais os dados referentes à certa insatisfação com a infraestrutura, porém afirmam sobre “uma relação boa, de compreensão, aprendizagem e respeito, entre professores e alunos, mesmo que surjam problemas específicos com alguns professores”. (UNICEF, 2002, p. 49). Aparece também em destaque a “importância que dão aos conteúdos escolares para sua vida e seu futuro profissional e também para compreender melhor a sociedade” (IDEM).

Em relação à educação, há neste documento ora uma afirmação de uma relação de “amor e ódio com a escola. [...] dizem “adorar” a escola ou “detestá-la” (principalmente alunos da rede pública)”, mas a escola aparece também como uma “oportunidade a ser aproveitada.” (IBIDEM, p. 52)

O prazer em ir à escola é sentimento comum entre adolescentes alunos de escolas públicas participantes ativos dos projetos de arte e de esporte. Entre os alunos de escolas particulares, fortes ligações afetivas entre eles e os colegas, professores e diretoria torna o colégio um lugar especial, principalmente para aqueles nas séries finais do Ensino Médio. Os alunos da rede pública conhecem a diferença do conteúdo ensinado nas salas de aula da rede pública e na rede privada. Para eles, porém, o único obstáculo incontornável é a postura

distante dos professores com relação aos alunos e faltas constantes. (UNICEF, 2002, p.52)

Uma outra pesquisa, também realizada pela UNICEF, intitulada “Adolescentes e Jovens no Brasil”, coletou dados de jovens adolescentes de 15 a 19 anos, de diversas regiões do país, acerca de assuntos como percepção sobre o país, os problemas sociais, discriminações, educação, saúde, trabalho, bem como medidas possíveis para se resolver as problemáticas apontadas. Assim, apresenta uma análise de dados estatísticos, relacionando com a realidade vivenciada na época e apresenta ao longo do documento, iniciativas de organizações não governamentais (ONGs), que dão voz e vez aos jovens, funcionando como um meio de divulgação e propagação de tais ideias. São trazidos ainda, depoimentos de jovens atuantes em ONGs e projetos sociais, sobre os assuntos tratados no documento.

Há uma manifestação clara, entretanto, de interesse em se envolver em projetos de transformação social, menos ligados à política tradicional, e mais voltados para temas específicos que tenham impacto em sua comunidade ou em um grupo identitário. (UNICEF, 2007, p. 77)

Os jovens demonstram mais interesse em participar de ações sociais, desvinculadas da política chamada tradicional, o que não quer dizer que esses jovens sejam apolíticos, muito pelo contrário, eles encontram outras formas de se envolver e fazer política. Sobre os espaços de participação dos adolescentes, a pesquisa demonstrou que a escola tem papel fundamental.

A pesquisa qualitativa traz um dado importante sobre o papel da educação na vida do adolescente: o espaço onde o jovem tem mais voz e oportunidades de participação é a escola. Essa percepção, no entanto, difere entre alunos de escolas públicas e particulares: os estudantes de escola pública que participaram dos grupos focais vêem uma relação difícil entre a direção e os professores com os estudantes. Para eles, isso seria produzido pela desmotivação dos docentes, devido à falta de investimento na área de educação. Os estudantes de escolas particulares, por outro lado, reconhecem o ambiente escolar como um espaço democrático e consideram o grêmio estudantil como o principal canal de participação. (UNICEF, 2007, p. 26-27)

Com a realização das entrevistas dessa pesquisa de mestrado, pode-se confirmar que para os adolescentes entrevistados a escola também tem um papel fundamental, no entanto, não houve tanta ênfase aos problemas escolares, falou-se

mais dos benefícios e pontos determinantes da escola e da influência dos professores para a trajetória escolar. Uma estudante relatou

[...] eu comecei a perceber que existiam projetos, na 5ª série, que existiam projetos além dos só os da escola, e aí eu comecei a me interessar bastante por isso. Daí, no 6º ano, eu tive o primeiro contato com a Olimpíada Brasileira de Matemática [...] isso começou a abrir um pouco a minha visão de mundo. (Gabriela, 18 anos, IFSC)

Outros estudantes também afirmaram a importância de projetos e outras atividades que aconteciam por intermédio da escola, como as olimpíadas de matemática, de astronomia, o Grêmio Estudantil, entre outros.

Voltando às pesquisas nacionais relativas ao nosso público, a UNICEF apresenta, mais recentemente, um relatório intitulado Situação Mundial da Infância de 2011, e a partir dos dados desse relatório, elaborou um caderno especial abordando a “Adolescência: uma fase de oportunidades”. São trazidos dados do Brasil e do mundo, relativos à adolescência, aqui compreendidas entre os 10 e 19 anos de idade, o documento enfatiza a necessidade de superação da visão estigmatizada de que é uma fase complicada, com mais investimentos na segunda década de vida dos indivíduos e mais espaço de participação dos adolescentes. Conforme consta:

Para o UNICEF, a adolescência representa para os próprios adolescentes uma oportunidade de socialização, construção da identidade e autonomia. Para as famílias, a adolescência é um convite para descobrir um mundo novo. As escolas podem aproveitar a facilidade de aprendizado dessa fase e contribuir para que os estudantes adquiram o conhecimento necessário para desenvolver seu potencial. A comunidade se beneficia com a característica natural da adolescência de agir coletivamente. Na esfera das políticas públicas, devem ser ampliados os canais para que os adolescentes exerçam seu poder de influência e construam uma perspectiva crítica em relação à sua realidade. (UNICEF, 2011, p. 3)

No entanto, apesar de o documento a todo instante enfatizar necessidade de ver a adolescência como um momento de oportunidades, ele ainda reforça a visão de adolescência como um vir a ser, em que se deve investir hoje para que eles resolvam os problemas criados hoje, amanhã. Conforme pode-se ver abaixo.

[...] investir no desenvolvimento dos adolescentes torna-se ainda mais urgente ao considerarmos que a essa geração caberá encontrar

soluções para os desafios da contemporaneidade, como a crise financeira mundial, o desemprego estrutural, a mudança climática que gera degradação ambiental, a urbanização e migração, o envelhecimento das sociedades, a pandemia do HIV/aids. (UNICEF, 2011, p. 2)

Uma outra pesquisa quantitativa e qualitativa, realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e o Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, chamada “Diálogo nacional para uma política pública de juventude”, que buscou ouvir jovens brasileiros de 15 a 24 anos de idade, nos anos de 2004 e 2005. A primeira etapa, de levantamento estatístico, teve uma amostra de 8 mil participantes, na segunda etapa, através de grupos de diálogos, teve a participação de 913 jovens. O foco da pesquisa era trazer a questão da participação dos jovens na sociedade.

Constatou-se que parcela significativa dos(as) jovens deseja participar, mas não encontra espaços que possibilitem tal inclusão. As formas de participação presentes no Estado e na sociedade são freqüentemente percebidas como muito distantes da realidade cotidiana dos(as) jovens investigados(as), que revelam ainda, de modo contundente, a existência de espaços interditados à participação. Os lugares socialmente reconhecidos para a participação na vida pública acabam sendo um “não-lugar” para esses(as) jovens. Na verdade, de um modo geral, tendem a não acreditar que alguém possa se interessar seriamente pelos seus problemas. (RIBEIRO e LÂNES, 2006, p. 7)

A pesquisa traz reflexões muito pertinentes sobre a participação juvenil, e aponta temas emergentes nessa etapa da vida, abordando o que mais preocupa os jovens no Brasil, os espaços participativos nas políticas públicas da juventude, a educação, o trabalho, a cultura, lazer e informação. Sempre com comentários e políticas recomendadas, a partir da escuta realizada com os jovens.

A Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), publicou em 2013, uma pesquisa de opinião pública, intitulada “agenda juventude Brasil 2013”. Foram realizadas 3.300 entrevistas em 187 municípios brasileiros, com jovens de 15 a 29 anos, com o objetivo de levantar um perfil socioeconômico e abordando as seguintes temáticas: condição familiar, ser jovem, temas de interesse e preocupação, valores e expectativas, percepção política e participação, avaliando políticas públicas, percepção da escola, mundo do trabalho, fruição cultural e lazer, sexualidade, saúde reprodutiva, drogas lícitas e ilícitas, violência e políticas de segurança. São trazidas tabelas comparativas

com dados de uma pesquisa feita dez anos antes. O documento apresenta os gráficos referentes às respostas dadas pelos entrevistados, mas não dialoga com os mesmos. Contudo, no mesmo ano, a própria Secretaria Nacional da Juventude (2013a) lançou um documento que articula os gráficos com descrições e breves análises. Alguns anos depois, foi lançado o livro “Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças”, sob a organização de Pinheiro (2016), que faz uma densa e significativa análise, sobre os dados da pesquisa feita em 2013.

Dados mais recentes sobre a situação da juventude podem ser acessados na pesquisa “Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?”, realizada no ano de 2013, e publicada em 2015, pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), que “possui um programa de estudos sobre Políticas para a Juventude” (ABRAMOVAY, et al, 2015, p.13), em parceria com o MEC e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI).

O documento traz vasto referencial teórico, no primeiro capítulo, abordando e problematizando sobre juventude-juventudes, condição juvenil, cultura juvenil, cultura escolar, educação, escola e o lugar do saber.

Na etapa quantitativa dessa pesquisa, foram pesquisados através de questionários autoaplicáveis, estudantes na faixa de 15 a 29 anos de idade, matriculados no ensino médio, EJA de ensino médio nas redes estadual e municipal e Projovem Urbano. Foram aplicados mais de oito mil questionários em cinco estados brasileiros, sorteados aleatoriamente, em cada estado foram selecionadas duas grandes cidades, uma a capital e outra escolhida de forma aleatória. O critério para escolha das escolas, foi sorteio entre as que tinham mais de 500 estudantes matriculados. Na etapa qualitativa da pesquisa foram realizados grupos focais e entrevistas em profundidade com alunos, lideranças juvenis e adultos da escola. Foram 16 grupos focais por estado, contabilizando 80 grupos focais no total, de 1 hora e meia cada um. Trata-se de uma pesquisa por amostragem, com uma margem de acerto com a realidade brasileira estimada em 95%. A pesquisa tem sua relevância e traz uma identidade juvenil mais recente, que pode dialogar com as demais aqui apresentadas.

Com a análise do documento publicado, pode-se ter uma amplitude das concepções juvenis a respeito dos mais diversos assuntos.

Tanto no questionário quanto nos grupos focais e entrevistas em profundidade, foram focalizadas as seguintes dimensões, entre outras:

- perfil socioeconômico dos jovens e da família;
- história da vida escolar;
- percepções sobre a escola;
- relações sociais na escola (alunos, professores, direção);
- imagem de seu futuro e relação desse futuro com sua escolarização;
- por que permanecer ou sair da escola;
- relações entre estudo e trabalho;
- valores, gostos e hábitos;
- participação: tipologia, motivação e relacionamentos, lugar dos pares;
- principais demandas de como deveria ser a escola: propostas. (ABRAMOVAY, et al., 2015, p. 48)

Constatou-se com as informações dadas pelos estudantes, que quando se referia ao futuro acadêmico, havia uma falta de orientação profissional no ensino médio, o que dificultaria no autoconhecimento para as escolhas de continuidades de estudos. Conforme consta

[...] a falta de uma orientação profissional no EM se faz notar. Muitos não sabem bem porque querem seguir um ou outro curso superior, ou se referem a estímulos não sedimentados, como um contato com uma área em uma feira de cursos. Encontram-se poucos depoimentos que indique a influência de uma disciplina do curso na escolha de uma trajetória de estudos. (IDEM, p. 186)

Outra percepção relevante foi a de que a questão do diálogo e a participação, mesmo sendo essenciais para uma relação ideal na escola, foi mencionada por poucos, apesar de haver colocações no sentido de que gostariam uma relação melhor com a escola, que fossem mais ouvidos, que os professores e direção tivessem mais cuidado e consideração por eles, entre outros. Abramovay (2015, p.223), a partir das falas dos estudantes reitera que “os professores deveriam se preocupar com as relações estabelecidas com os alunos, se preocupar mais com o aluno, serem mais flexíveis e bem humorados, e utilizar diferentes estratégias metodológicas”.

Percebe-se que as pesquisas sobre os jovens e adolescentes existem, são belas produções, que trazem um retrato detalhado e abrangente sobre esses sujeitos, que buscam ouvi-los e compreendê-los, porém ainda há muito o que se caminhar, principalmente, quanto à dar voz ativa a juventude, mais especificamente aos adolescentes, que parecem estar mais ainda a mercê de um esquecimento. Observa-se que os jovens são ouvidos e valorizados nessas pesquisas, mas fica claro, até

mesmo pelas respostas, que nas esferas sociais, educacionais, e por vezes, até familiares, não possuem esse espaço para expressarem suas vozes.

Outra questão pertinente sobre as pesquisas aqui apresentadas é de que nem todas contemplam os sujeitos desta investigação em sua totalidade, pois não inclui os sujeitos de 14 anos. Além disso, a abrangência de faixa etária pesquisada, em alguns casos, aponta para fases de vida bem distintas, dificultando a apropriação da realidade e concepções específicas do grupo que será aqui pesquisado.

As intenções dessas pesquisas estavam voltadas a questões importantes e relativas aos jovens, mas de certa forma externas a eles, como os espaços de participação política e social, a escola, os problemas sociais, entre outros. O trabalho aqui idealizado busca compreender a percepção do adolescente, a partir de sua própria vivência, daquilo que ele vivenciou em sua trajetória. Na intenção de valorizar suas experiências, percepções de mundo e de continuidade de vida acadêmica, profissional e pessoal.

2.3 Adolescentes e sua (in)visibilidade

Foi apresentado anteriormente pesquisas que deram voz aos adolescentes e jovens, já que os termos são sinônimos muitas vezes, que buscaram compreender um pouco mais essa fase da vida, no entanto, ainda era preciso dar maior visibilidade àqueles que recém saíram da infância ou pré-adolescência. Os sujeitos que, a partir dos 14 anos, não se enquadram mais no rótulo infante, mas que também não são vistos como jovem. Essa invisibilidade causou inquietação pelo fato dos dados da trajetória escolar desses sujeitos, especialmente a transição entre o ensino fundamental e o ensino médio ser deixada de lado, apontando uma trajetória acadêmica que ficou sem a devida atenção nas pesquisas sobre os sujeitos que nela se encontram.

Assim, foi tecido diálogo com alguns textos, de forma a enquadrar sobre que ângulo comparece sua invisibilidade escolar e social, os momentos de transição vividos e os anúncios de orientação para esses momentos.

Observa-se nas pesquisas realizadas para fundamentar esse trabalho, que pouco se tem de referencial teórico a respeito dos adolescentes, especialmente aqueles que estão concluindo o ensino fundamental. Encontrou-se apenas um artigo (AGUIAR e CONCEIÇÃO, 2009) que fala sobre a transição brasileira entre o ensino

fundamental e o ensino médio, especificamente. Outras leituras levaram à reflexão e percepção da invisibilidade dessa fase, que com as raras produções, denotam um esquecimento, um não olhar, um não lugar para esses sujeitos nas pesquisas e na sociedade.

Pretende-se apresentar algumas pesquisas existentes, que contemplam os sujeitos dessa pesquisa, ou seja, estudantes que estejam concluindo o ensino fundamental, dialogando sobre os momentos de transição vividos por esses sujeitos, e enfatizando a invisibilidade relativa a essa fase da vida.

O documento Educação em Debate: por um salto de qualidade na educação básica, realizado pelo Todos pela Educação (2013), apresenta propostas relativas a todas as etapas do ensino fundamental, e no capítulo destinado aos anos finais do ensino fundamental, que tem por título “pelo fim da invisibilidade dos anos finais do ensino fundamental”, enfatiza como essa etapa do ensino fundamental tem sido relegada e, alerta para a falta de políticas públicas específicas. É enfatizado que essa etapa do ensino, não está apresentando bons índices escolares, não acompanhando a pontuação estabelecida por meta no Plano Nacional da Educação (PNE).

A situação vivida nos Anos Finais do Ensino Fundamental em grande parte das escolas públicas brasileiras tem gerado consequências comprometedoras, que se refletem nos baixos resultados de aprendizagem, nas altas taxas de distorção e de evasão e, sobretudo, no elevado número de adolescentes que abandonam a escola sem completar essa etapa. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2013, p. 50)

Ainda no documento acima citado, são levantadas algumas possibilidades para melhorar o rendimento, o acesso e permanência nos anos finais do ensino fundamental, tais como: rever o currículo das escolas, rever a formação docente e o desenvolvimento profissional do professor, considerar as contribuições dos recursos tecnológicos para a aprendizagem, incentivar a participação das famílias, e, incentivar o protagonismo adolescente, sendo esses, meios de garantir um melhor trabalho nos anos finais do ensino fundamental. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2013).

Esse discurso é recorrente quando se trata de educação, independente da etapa, nível e modalidade de ensino, mas ainda está distante da realidade da grande maioria das escolas brasileiras.

A organização por ciclos (4º, 5º e 6º ano e 7º, 8º e 9º ano) seria também, uma forma de dar mais atenção a cada fase vivida por esses sujeitos, que no 6º ano ainda

não tem tanta autonomia, mas que nos anos seguintes já estariam mais preparados para o desenvolvimento de autonomia. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2013).

No entanto, Abrantes (2005), alerta que essa organização pedagógica, que ocorre em diversos países europeus, possui muitas falhas, uma delas seria as dificuldades na transição entre cada ciclo, citando Ferreira (2002), que coloca

[...] (1) uma desarticulação clara entre os objectivos e modos de organização do 1º e os do 2º/3º ciclos, estruturados ainda em torno da oposição tradicional entre ensino primário e secundário, e (2) os avanços e recuos, tensões e ambiguidades, entre a criação de um ensino básico de 9 anos e a simples extensão do ensino obrigatório, cobrindo três ciclos com tradições e lógicas de funcionamento claramente diferenciadas. (FERREIRA apud ABRANTES, 2005, p. 45)

Portanto, apenas alterar de anos para ciclos escolares não resolveria de pronto o problema escolar brasileiro, necessita-se de uma mudança nas bases, na forma como as transições entre cada ciclo ocorrem. Um dos problemas apontados por Abrantes (2005) e Todos pela Educação (2013), é a transição entre os anos/ciclos que possuem apenas um professor de referência, para o ano/ciclo em que os estudantes passam a ter os professores específicos, aumentando significativamente o número de disciplinas escolares e diminuindo o tempo com cada professor, distanciando as relações e exigindo autonomia e organização que os estudantes ainda não estariam preparados.

Podemos, pois, supor que a cultura profissional dos professores, além de tradicionalmente individualizada, é entrecortada por fronteiras verticais (entre ciclos de ensino) e horizontais (entre disciplinas). Estas fronteiras minam o desenvolvimento de trabalho mais colectivos e integrados, especialmente importantes para a formação e integração dos jovens em momentos sensíveis como a transição entre ciclos de ensino. (ABRANTES, 2005, p. 47)

Camacho (2004), apontando para a problemática da invisibilidade da juventude na vida escolar, em um artigo decorrente de pesquisa realizada com alunos, de 7ª e 8ª série, - equivalentes hoje à 8º e 9º ano do ensino fundamental - e profissionais da escola, como diretora, professores e pedagoga, buscou a identificação ou não identificação enquanto jovens dentro do âmbito escolar. Percebeu que os educadores têm dificuldade em definir e diferenciar o conceito de aluno e de jovem, enquanto os alunos têm uma clara diferenciação entre o ser jovem e ser aluno, apontando as

distinções entre ambas situações. Fazendo alguns recortes das entrevistas apresentadas no artigo, se tem por parte dos profissionais as seguintes falas:

Ser adolescente, hoje, é... é ser um ser que fica muito assim... pensativo, fica em conflito com que realmente é a própria identidade. (Diretora)
 A adolescência é uma fase sofrida porque é uma fase de transição (Professora)
 É vir pra escola. (Professora)
 [...] a maioria vem pras aulas mesmo pra não fazer nada. (Professora)
 É uma pergunta difícil. (Professora). (CAMACHO, 2004, p. 336)

Camacho (2004, p. 336) reitera “os adultos da instituição tiveram muita dificuldade para circunscrever o que é ser aluno.” Já para os próprios jovens estudantes apresentam uma diferenciação mais clara quando se colocam como alunos ou como jovens.

Como aluna sou inadequada, como jovem eu acho que sou perfeita.” (aluna, 8ª série).
 Como aluno eu sou um bom aluno e como pessoa eu sou muito feliz, o que é o mais importante.” (aluno, 8ª série).
 Como aluno eu me acho estável demais, como pessoa, sei lá..., acho que sou irônico, enjado demais, mas também alegre, me acho feliz. (aluno, 8ª série).” (IDEM, 2004, p. 338)

Uma outra pesquisa envolvendo jovens que estão concluindo o ensino médio identificou que

Quando os/as jovens foram indagados/as sobre o que é ser aluno/a, diagnosticou-se em suas respostas que trata-se de uma fase preparatória. Ser aluno/a está relacionado com a ideia de vir a ser, preparar-se para alguma coisa que ainda está por vir. (PENATIERI, FALCÃO e MARTÍNEZ, 2012, p. 124)

Constatou-se, conforme Penatieri, Falcão e Martínez (2012, p. 126) que

a condição de aluno precede a de jovem, por se voltar com mais ênfase aos seus processos educativos, tendendo a anular o sujeito em sua condição de criança ou de jovem, concebendo-o somente em sua função de aluno. Esse processo, ocorrido por anos de escolarização, faz com que os jovens caminhem ao encontro desse movimento de anulação de sua condição juvenil no espaço escolar. A curtição, o viver a vida sem responsabilidades é permitido somente além dos muros escolares.

A falta de estudos, pesquisas e formações específicas para essa faixa etária é uma das facetas da invisibilidade das juventudes na vida escolar, que corrobora com a falta de apropriação e conhecimento sobre os sujeitos que fazem parte e o sentido para a vida escolar.

Uma professora traz uma colocação muito pertinente, ao enfatizar a falta de formações direcionadas à fase da adolescência e juventude, se fala muito de infância e pouco de adolescência.

Nunca ninguém trata nos cursos, nas palestras que são dadas ao professor que trabalha com 5^a a 8^a, ou 2^o grau, como lidar com adolescente. Então eles vêm com aquela, aqueles temas como se estivessem trabalhando com menino de 8, 9, 10 anos. A relação de um menino de 8, 10 anos é totalmente diferente do que de um adolescente, e ninguém prepara, ninguém traz nada. (Professora) (CAMACHO, 2004, p. 337)

Diante dessa realidade “o aluno é concebido ou como aluno ou como criança e muito raramente como jovem.” (CAMACHO, 2004, 2004, p. 330). Os jovens de ensino médio, também constataram essa relação com a escola, tendo em vista que “a maior parte dos sujeitos participantes, de ambas as unidades, apontou que a escola os “enxergou”, ao longo de sua trajetória escolar, como alunos e não como crianças ou jovens.” (PENATIERI, FALCÃO e MARTÍNEZ, 2012, p. 125), enfatizando que “o importante no espaço escolar é amadurecer, e não ser jovem.” (IDEM, 2012, p. 126)

Ribeiro (2011 p. 4), enfatiza a fase da adolescência como um momento de potencialidades

A adolescência deve então ser vista não só como uma fase transitória rica em conflitos, mas também, como um período rico em transformações aos vários níveis mencionados e também um período repleto de potencialidades para o adolescente.

Essa potencialidade não é percebida no contexto escolar, à medida que não se percebe o adolescente como um sujeito, no âmbito escolar, parece só existir a figura de aluno. E, esse aluno pode sentir dificuldades, quando não preparado para os momentos de transição entre as etapas de ensino.

Abrantes (2005), traz reflexões sobre os momentos significativos de transição entre uma etapa de ensino e outra. O autor aponta que há forte tendência a um aluno regular, e até mesmo aqueles considerados “bons” alunos, encontrarem dificuldades

de se adaptar a um novo contexto escolar, no caso de mudança de escola, entre um ciclo e outro, e terem uma decaída em seu desempenho e comportamento escolar. A estrutura e organização curricular de Portugal possui uma lógica diferente da brasileira, mas as questões e dificuldades relativas ao momento de transição podem ser semelhantes.

A mudança de contexto social gera, nos actores, um sentimento de “começar de novo”, implicando um processo de ruptura com uma ordem estabelecida, com efeitos de desestruturação identitária e social e abertura de um campo de possibilidades para o desenvolvimento de novas identidades e relações. (ABRANTES, 2005, p. 28)

Um olhar mais acurado, para esses momentos de transição se fazem necessários, tendo em vista que

as competências e segmentações inscritas nos processos de transição entre ciclos de ensino fazem com que estes se tornem momentos privilegiados de desigualdade e exclusão social num sistema de ensino baseado numa retórica de igualdade e inclusão. (ABRANTES, 2005, p. 42)

Essa mudança de contexto, ocorrida com a transição entre uma etapa de ensino e outra, levam novamente a reflexão da necessidade de orientação para as escolhas de continuidade de estudos, e um preparo para as mudanças que estão por vir.

Corti e Souza (2005, p. 25) apontam que a identidade, apesar de ser construída por toda a vida, “é na adolescência que este processo atinge seu ápice, sendo esta uma fase da vida crucial na definição das possibilidades futuras”.

Com as entrevistas realizadas com os estudantes que já haviam ingressado no ensino médio, ficou evidente a questão da transição em todas as nove entrevistas, para alguns com uma adaptação um pouco mais serena e para outros extremamente desafiadora, especialmente com relação à mudança de ambiente, de amigos, a escola maior, dificuldades na aprendizagem que não haviam acontecido durante o ensino fundamental, excesso de atividades, de provas, mais responsabilidades, entre outras situações, conforme pode-se observar nos relatos abaixo.

Eu não esperava sofrer tanto (risos), porque é muito conteúdo. Assim, eu esperava que fosse uma escola mais assim, eu pensava que tipo, as pessoas que estudavam aqui tinham só status né, porque, a gente vê que a gente tá andando na rua, daí alguém fala “aí não sei o que eu estudo no IFSC”, a pessoa já fica “aí meu Deus estuda no IFSC”, eu pensei que era porque, era uma escola legal, mas na verdade é porque é bem difícil sobreviver aqui. Tem, exige bastante esforço e, eu esperava um pouco, mas não tanto. Mas, eu tô satisfeita. (Catarina, 16 anos, 2ª fase, IFSC)

É uma coisa que eu percebo, é que quando as pessoas entram no IFSC elas ficam muito nervosas, porque elas nas outras escolas, que elas costumavam ser uma pessoa inteligente, elas costumavam conseguir fazer as coisas com facilidade, [...] , daí elas chegam no IFSC, elas tem muita dificuldade de fazer as coisas, elas começam a se sentir mal, começam a sentir muita pressão, sabe, pensar que elas são burras, coisas assim, começa a ficar um clima bem difícil. Eu passei por isso alguns tempos, mas mais porque tinha muita coisa para fazer sabe, a pessoa não tem muito tempo, você tem que estudar todo dia, isso é bem complicado. (Maya, 15 anos, 2ª fase IFSC)

[...] o IFSC é coisa bem diferente. Tu tem que buscar, ir atrás de tudo [...] se tu não faz, tem que correr atrás, de manhã cedo, procurar com os colega, professor do atendimento de manhã. É outra pegada, não tem nem comparação. (Lucas, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Houve também relatos dos benefícios após a adaptação inicial, como uma melhor estrutura na escola, mais oportunidades de projetos e auxílio aos estudos.

Só que assim, os professores e as aulas são um negócio completamente do que eu tive em qualquer outro lugar. Eu lembro que na [escola do 9º ano], tinham muitas vezes que os professores queriam fazer aula prática, de qualquer coisa que seja, e muitas vezes faltava o material, não tinha espaço pra fazer o que eles queriam fazer e, aqui a gente tem tudo, tem material pra tudo, tem laboratório de tudo e na sala tem o... tem telão, tem computador, tem tudo, eu fiquei apaixonado, porque eu nunca, todas as aulas são boas, é uma coisa muito dinâmica e tu gosta de tá lá. (Henrique, 16 anos, 1ª fase IFSC)

Aguiar e Conceição (2009) sinalizam a necessidade de se preparar para escolhas profissionais e sobre o mundo do trabalho desde cedo, já no ensino fundamental, não deixando essa discussão apenas para o final do ensino médio. Os autores constataram em pesquisa realizada com estudantes de 9º ano que as preocupações dos concluintes do ensino fundamental são muito semelhantes às angústias dos concluintes de ensino médio, com relação ao futuro acadêmico e profissional.

As transições não ocorrem de forma gradual e contínua, portanto, um acompanhamento e orientação para os momentos de transições devem permear a trajetória dos adolescentes e jovens, que a todo momento passam por transformações, no entanto, a questão das transições é tão deixada de lado na escola, que nem é considerado pelos estudantes, conforme se observa na pesquisa de Brêtas et al. (2008). Os autores apresentam uma pesquisa realizada com adolescentes sobre o que poderia representar um ritual de passagem. Participaram da pesquisa sujeitos de 12 a 20 anos, sendo que o alvo principal, 80% das entrevistas eram com sujeitos de 14 a 17 anos. Foram categorizadas as respostas das percepções dos adolescentes em relação ao tema rituais de passagem, da seguinte forma: mudanças físicas, mudanças psicológicas, mudanças sociais, comportamento sexual, fatos traumáticos, e, independência. É uma pesquisa da área da enfermagem, mas chama a atenção o fato de não haver nenhuma menção à escola, à passagem de uma etapa de ensino a outra como ritual de passagem, parece que da mesma forma que esses adolescentes estão invisíveis para a escola, a escola também está invisível para eles.

2.4 A transição entre o ensino fundamental e o ensino médio

Muitas são as discussões que se podem levantar a partir da necessidade existente no sistema educacional brasileiro de contribuir para a progressão e sucesso escolar dos estudantes, desde o ensino fundamental. Mas, pretende-se ressaltar nessa pesquisa, a importância das expectativas e motivações que os estudantes de 9º ano possuem com relação à continuidade de seus estudos.

Concordando com Abrantes (2005, p. 25-26) “as transições entre ciclos de ensino são momentos marcantes na vida social dos alunos, pais e professores” e merecem ser devidamente consideradas, haja vista que se constitui em “objecto sociológico pertinente e um problema social relevante”, afirmando a extrema relevância de um “estudo dos “rituais de passagem” entre ciclos de ensino - padrões de interação socialmente organizados para fornecer esses turning points”⁶ (IDEM, p.30) que esse evento provoca na vida dos adolescentes.

⁶ De acordo com o dicionário *online* Linguee, *turning point* significa em português: “reviravolta”, “momento decisivo”, “ponto de transição”, “momento determinante”. (TURNING POINTS, 2018).

Essa experiência com a passagem de um espaço a outro no ordenamento escolar, além de marcada especialmente pela invisibilidade social dos alunos do 9º ano, apresenta-se também portadora de algumas imagens nada animadoras desses sujeitos, muitas vezes vistos como incômodos e que levam mal-estar às salas de aula. Esta forma de serem re-conhecidos é uma condição nada confortável. Entre a forma como são re-significados e a forma como experimentam esse momento determinante na trajetória escolar trazem para o debate a necessidade de compreensão do que significa ser adolescente e jovem sob o ângulo das pesquisas e também o que tudo isso significa na voz dos próprios adolescentes. Daí a necessidade de ouvi-los para melhor compreender aspectos significativo desse percurso.

Silva, Lassance e Soares (2004) apresentam uma contextualização da forma como se desenvolve o trabalho de orientação profissional

No contexto brasileiro, a Orientação Profissional é compreendida como a ajuda para a tomada de decisão em momentos específicos, tais como: a passagem de um ciclo educativo a outro; a transição dos estudos ao mundo do trabalho; mudança de ocupação ou emprego ou preparação e adaptação para a aposentadoria. A intervenção ocorre, portanto, em momentos críticos da trajetória profissional de pessoas e grupos. (p. 41)

A escolha, a decisão que precisa ser realizada nos momentos de transição entre etapas de ensino, como o vivenciado na conclusão do ensino fundamental, por envolverem mudança, geram tensão, inseguranças, medos. Um artigo, que apresenta pesquisa com estudantes do ensino secundário técnico de Portugal, retrata bem esses anseios vividos pelos adolescentes quando coloca que

A escolha difícil do curso e a transição para o ensino secundário são descritas, por alguns alunos, como “situações dramáticas”, nalguns casos, até traumáticas, no seu percurso escolar marcado, sobretudo, por episódios negativos. (TEIXEIRA, FLORES, 2010, p. 127)

No Brasil, há poucos estudos que evidenciam as percepções dos estudantes de ensino fundamental com relação as suas escolhas e expectativas de continuidade de estudos. Pouco se evidencia sobre as diferenças entre o ensino fundamental e o ensino médio, que são vistos apenas como uma continuação dos estudos, mas diante de todo o exposto percebe-se que há ruptura, desconexão, não ocorrendo uma fluidez entre essas etapas da educação básica.

Uma pesquisa realizada com estudantes do Canadá sobre a transição entre o ensino secundário e o ensino médio, que no caso canadense, coincide com a passagem da adolescência para à vida de jovem adulto, evidencia que “o nível de estresse dos alunos é mais alto no último ano do ensino secundário, dado que devem decidir seu futuro vocacional” (GERMAIN, MARCOTTE, 2016, p. 25). O estudo aponta que o apoio parental e dos pares é fundamental para reduzir o risco de os estudantes, em momentos cruciais de escolhas acadêmicas ou profissionais, apresentarem sintomas de ansiedade e depressão.

Teixeira e Flores (2010, p. 123) apresentam também sobre a experiência da escolha pelo curso de ensino secundário e as principais influências nesse momento, de optar por um curso secundário técnico, em Portugal.

Muitos alunos escolheram o curso em função da área em que trabalham os pais, aspecto que facilitará a sua entrada no mercado de trabalho [...] A influência dos professores e a forma como leccionavam marcaram alguns alunos, o que os levou, muitas vezes, à escolha de um curso em detrimento de outro [...] A influência que os amigos exercem na escolha do curso no ensino secundário é ainda de salientar, o que se explica pela importância que os pares têm nesta faixa etária”.

Aguiar e Conceição (2009, p. 106) realizaram uma pesquisa com estudantes de 9º ano de escola privada brasileira sobre as expectativas de futuro e escolha vocacional, em que observaram que há “lacunas em relação à preparação dos adolescentes para a vida adulta”. Houve a indicação de uma diferenciação entre o ensino privado e público com relação à continuidade da vida acadêmica, em que

a entrada no ensino superior é percebida como a continuação óbvia do ensino médio, de modo que o emprego não é uma urgência [...]. Já os alunos da escola pública com menor poder aquisitivo expressaram uma visão mais pessimista em relação ao ingresso na universidade (OLIVEIRA, PINTO, SOUZA, 2003 apud AGUIAR, CONCEIÇÃO, 2009, p. 106)

Evidencia-se as diferenças existentes entre classes sociais distintas com relação às expectativas de futuro escolar, não desconsiderando que há interesse por parte de adolescentes de ambas realidades, por continuar os estudos.

Ainda a referida pesquisa, apresenta o conceito e a importância da vivência dos ritos de passagem, que “tem um sentido organizador do psiquismo, enquanto um ritual

de iniciação que marca o fim de uma etapa e o início de outra” (AGUIAR, CONCEIÇÃO, 2009, p.106).

Magnuson e Starr (2000) sugerem, que quando se oportuniza às crianças o desenvolvimento de pequenas habilidades necessárias para um efetivo planejamento de vida profissional, se está empoderando-as a se tornarem capazes nas tomadas de decisões em vários aspectos de suas vidas.

Aguiar e Conceição (2009, p. 114) ressaltam a

Necessidade e a expectativa de se empreender estratégias educacionais que visem uma melhor preparação para os momentos de transição: para o ensino médio, para o mundo do trabalho e para a vida adulta.

Uma educação pautada na escuta atenta e ativa, oportuniza aos adolescentes a se expressarem, a refletirem sobre sua escolarização, facilita o processo de escolha. Conforme apontam Corti e Souza (2005)

Explorar suas próprias possibilidades individuais e as possibilidades do mundo faz com que os jovens construam conhecimentos sobre si próprios, e lhes permite colocarem-se à prova, confirmando, negando e reformulando suas hipóteses sobre si mesmos. Faz parte desse processo poder reverter algumas escolhas feitas, como exercício de auto-conhecimento e de ensaio para algumas decisões futuras. Mesmo que várias delas acabem assumindo caráter definitivo, muitas outras são provisórias e reversíveis. Esta reversibilidade nas escolhas é algo fundamental na vivência juvenil. (p. 29)

As escolhas devem ser feitas por toda a vida escolar dos sujeitos, para que se aprenda a fazê-las, desde que pequenas possibilidades, para que se compreenda que nem sempre a escolha feita é a melhor opção, que muitas vezes será necessário voltar atrás e escolher novos caminhos e isso não desconsidera tudo que já foi vivido.

2.5 O olhar e escuta atentos aos adolescentes

Parte-se da necessidade de pensar sobre as juventudes, não só como uma construção social, mas uma autoconstrução, a partir das próprias experiências juvenis. A escola, como espaço educativo, precisa reconhecer as individualidades, os seus sujeitos como seres históricos, para que eles efetivamente se vejam com o valor e a importância social que possuem. Sendo assim, acredita-se que há “[...] a

necessidade de a escola e seus professores ampliarem os espaços de escuta dos jovens alunos, constituindo-se de fato em interlocutores para suas questões e necessidades”. (DAYRELL; JESUS, 2013, p.80)

O educador precisa estabelecer uma relação de confiança, um vínculo com o educando, para que possa ser de fato interlocutor das angústias dos adolescentes. Quando se fala em trabalhar com adolescentes, considera-se que

É fundamental que saibamos por em prática o cuidado, como um gesto de acolhida do olhar, que complexifica os modos de entendimento dessas manifestações e procura contextualizá-las nas redes de relações em que estas são produzidas. (SOUSA; MIGUEL; LIMA, p. 14, 2010)

O cuidado requer confiança, requer disposição e disponibilidade. A educação, baseada no cuidado com o outro, com o sujeito em fase de desenvolvimento, que está começando uma fase significativa de sua vida que é a adolescência, precisa ir além dos conteúdos escolares.

A educação de crianças e adolescentes, implica ocupar-se delas, acolher suas necessidades a partir de uma escuta sensível, que os anime e os permita compartilhar suas infinitas possibilidades identificadas em si mesmo e no seu contexto sociocultural, (IDEM, p. 41)

A motivação, autoestima, melhora no desempenho escolar passam também pela forma como o educador se ocupa de seus educandos, o adolescente necessita de seu espaço, ter voz ativa, ser ouvido e respondido em suas dúvidas e anseios. Quando o estudante está envolvido, se sente parte de seu processo educativo, poderá fazer as suas escolhas de continuidades de estudos com mais propriedade.

Observou-se na escola pesquisada adolescentes que, ao final do 9º ano, último ano naquela unidade escolar, começaram a ter sintomas saudosistas e de maior expressão do valor que dão às vivências na escola, às relações construídas, aos desafios enfrentados, aos aprendizados obtidos. O 9º ano começa a ser representado como o melhor da vida deles, especialmente aqueles que já foram para o ensino médio reforçam essa percepção com mais ênfase, conforme pode-se ver nos relatos a seguir.

[...] é uma experiência muito legal tá hoje no nono ano, tem os professores maravilhosos, que tem ensino bom, e hoje eu fico feliz de tá aí com amigos, professores legais. (Luiz, 15 anos, 9º ano)

No nono ano foi o auge né, é o ano mais legal de todos, porque você se sente muito adulto, mas você não é. E, a turma inteira era muito unida e era confortável isso, era reconfortante, era muito bom. (Catarina, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Leite (2010, p. 107) reitera ao colocar que “Os adolescentes, ao contrário do que muitos professores pensam, valorizam a escola, pois esta é vista como um meio de ascensão social. Os professores, por sua vez, são valorizados a partir do relacionamento que estabelecem com os alunos”. A busca de ascensão social via escola, mesmo que essa relação nem sempre ocorra de forma direta, é um fato e, por isso, se tem que considerar a capacidade que o adolescente tem de fazer escolhas acadêmicas. Eles mesmos podem elaborar sobre suas vivências escolares, ter uma criticidade desenvolvida, estar empoderado de sua escolaridade, não deixando apenas para os adultos/educadores a reflexão e avaliação sobre a sua escolarização.

3 SUJEITOS DA PESQUISA: SAINDO DA INVISIBILIDADE

Este capítulo pretende dar visibilidade aos sujeitos da pesquisa revelando-os sobre ângulos ainda não revelados e para este exercício de construir um retrato dos mesmos foi proposta uma aproximação numa pesquisa de campo, com realização de questionários, entrevistas e dois encontros do Grupo de Trabalho.

O campo de pesquisa foram duas instituições escolares: uma escola de ensino fundamental da rede municipal de Florianópolis e um Câmpus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), que atende os estudantes de ensino médio técnico que participaram da pesquisa.

Foram aplicados questionários com 66 estudantes de 9º ano, que estudavam na escola escolhida para participar da pesquisa. Além destes, 9 estudantes que concluíram o ensino fundamental na escola pesquisada, e que no momento já cursavam ensino médio técnico. As questões de ambos os questionários eram semelhantes, porém em algumas situações necessitavam ser específicas pelo momento de vida escolar e pessoal de cada grupo. Será apresentado o perfil e as informações coletadas com esse instrumento de pesquisa nos próximos tópicos.

Após a realização dos questionários, foi realizada uma seleção de 9 estudantes de 9º ano, que apontavam intenção de cursar o ensino médio técnico, por se tratar do foco da pesquisa, dialogar com a educação profissional e tecnológica. Esses 9 estudantes, mais os 9 estudantes que já estavam no ensino médio participaram de entrevistas. Sendo que mais uma participante voluntária foi entrevistada. Totalizando 19 entrevistas. Essas entrevistas serão melhor exploradas nos tópicos 3.4 e 3.5.

Nas entrevistas houve a intenção de conhecer as trajetórias de vida escola dos estudantes e diante dessa trajetória, os projetos de vida para daqui um, três e dez anos. Sendo assim, serão apresentados e analisados esses projetos de vida no último tópico desse capítulo.

3.1 Da escola municipal ao IFSC

A proposta de dirigir o foco da pesquisa para a transição entre o ensino fundamental e o ensino médio técnico se deu por haver um grande interesse por parte dos estudantes de 9º ano, por seguir os estudos em curso técnico do IFSC, especialmente após terem conhecimento sobre a instituição e os cursos.

Todos os anos o IFSC envia correspondência às escolas municipais que possuem 9º ano para que levem seus estudantes até a instituição, na Semana de Ciência e Tecnologia, que ocorre no mês de outubro. Nesse evento os estudantes fazem uma visita guiada pelo campus Florianópolis e participam de oficinas de alguns cursos, aproximando-os dessa realidade e deixando-os entusiasmados com essa possibilidade.

O IFSC é uma instituição pública federal de ensino. Atua na oferta de educação profissional, científica e tecnológica, oferecendo cursos nos mais diversos níveis: qualificação profissional, educação de jovens e adultos, cursos técnicos, superiores e de pós-graduação. Possui 22 campus espalhados por todo o estado catarinense.

A cada semestre o IFSC abre inscrições para ingresso no Ensino Médio Técnico. O curso técnico integrado, também chamado de ensino médio técnico, oferece a formação geral de forma integrada à formação profissional. No IFSC, o aluno tem as disciplinas do currículo normal do ensino médio e as específicas do curso técnico escolhido. A duração média é de quatro anos.

Para fazer um curso técnico integrado no IFSC, é preciso ter o ensino fundamental completo e realizar o exame de classificação, prova com conteúdos de Português e Matemática do ensino fundamental.

O IFSC conta também com programas de assistência estudantil, em que os estudantes podem ter acesso às atividades desportivas, apoio a participação em eventos, auxílio financeiro para pagar despesas, como, por exemplo, alimentação, moradia, material escolar e transporte entre casa e escola, dentre outras.

O sistema de cotas do IFSC garante um percentual de suas vagas para candidatos oriundos de escolas públicas, de baixa renda e autodeclarados pretos, pardos e indígenas e pessoas com deficiência.

Sendo assim, é uma instituição que abre as portas e as possibilidades para os estudantes oriundos de escolas públicas, terem a oportunidade de uma formação de ensino médio e técnico de qualidade e um programa assistencial, sempre que necessário, buscando a garantia de permanência e êxito dos estudantes.

A escolha por uma escola municipal localizada em um bairro distante do IFSC, se deu por perceber que nessa escola havia grande interesse dos estudantes por estudar no IFSC, mesmo residindo a cerca de 25 quilômetros de distância da instituição. No ano de 2017 haviam sido aprovados no IFSC, dez estudantes dessa escola, dois na metade do ano e oito no final do ano. Assim, buscou-se entender essa

escolha, quais as motivações esses estudantes teriam para estudar no IFSC, dialogando com aqueles que ainda estavam apenas com os planos, no 9º ano e também com aqueles que vieram da mesma escola de ensino fundamental e já haviam, no momento da pesquisa, ingressado num curso técnico integrado do IFSC.

A escola municipal de ensino fundamental pesquisada tem 61 anos de existência, é uma das escolas públicas mais antigas do município de Florianópolis, atende estudantes de 1º a 9º ano do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino. Em 2018, época da pesquisa de campo, havia 26 turmas, sendo 14 de anos iniciais e 12 de anos finais, com 737 alunos no total. Sendo 98 alunos, em 3 turmas de 9º ano. Durante o ano o número de estudantes varia bastante, pois há alta rotatividade ao longo de todo o ano, sendo comum matrículas e transferências diariamente.

É uma escola localizada próxima a praia, em um bairro turístico, de grande movimentação, especialmente durante a temporada. Por se tratar de uma cidade turística, Florianópolis, possui ampla demanda e oferta de trabalho, principalmente no período chamado de temporada, que vai de novembro a abril. Muitos estudantes chegam e permanecem na cidade apenas nessa época, pois vem juntamente com a família, na busca de trabalho e melhores condições de vida.

Martins (2001, p. 22) apresenta o conceito de trabalhador móvel, como “o trabalhador migrante, estrangeiro ou forasteiro, sujeito a deslocamentos espaciais ocasionais ou mesmo sazonais”. Uma nova condição de trabalho, forjada por um sistema capitalista, que impõe “ao trabalhador a condição de trabalhador móvel, uma espécie de nômade do trabalho”. (IDEM, p. 23)

Diante dessa nova perspectiva, os filhos e filhas dos trabalhadores móveis, precisam de uma escola, que os acolham e auxiliem no processo de transição entre um espaço e outro, abrindo espaços para a interculturalidade. Nesse contexto, a escola pode ser compreendida “como referência institucional estável num mundo de situações sociais instáveis. (MARTINS, 2001, p. 23)

Observa-se grande rotatividade de estudantes nas Unidades Educativas de Florianópolis, principalmente nos bairros turísticos e mais próximos à praia, em que o estudante entra na escola no início da temporada e, muitas vezes vai embora ao final da mesma.

No 9º ano, na época da realização da pesquisa, eram 98 estudantes matriculados, desses apenas 39% nasceram em Florianópolis. A maioria de migrantes

é proveniente do Rio Grande do Sul, 24%, mas as turmas possuem estudantes de todas as regiões brasileiras.

Esses dados, nos fazem enfatizar a colocação de Martins (2001, p. 24) “que se pense a escola do ponto de vista dos “sem-lugar”, dos desenraizados, dos que transitam, dos que buscam uma sociedade e não dos que são de uma sociedade.”

Parte destes estudantes do 9º ano, num total de 24, recebiam o subsídio do programa Bolsa Família. Esse número equivale a 24% dos estudantes matriculados no 9º ano. Conforme *site* do Ministério do Desenvolvimento Social (2015):

O Programa Bolsa Família atende às famílias que vivem em situação de pobreza e de extrema pobreza. Foi utilizado um limite de renda para definir esses dois patamares. Assim, podem fazer parte do Programa: todas as famílias com renda por pessoa de até R\$85,00 mensais; famílias com renda por pessoa entre R\$85,01 e R\$ 170,00 mensais, desde que tenham crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos.

Como formas de promover o protagonismo juvenil, a escola incentivava a participação dos estudantes em alguns programas: um deles é o programa protetor ambiental, destinado a adolescentes de 12 a 14 anos, realizado pela Polícia Militar Ambiental e outra proposta que tem grande incentivo na escola é a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). A escola contava ainda com um Grêmio Estudantil, desde o final de 2016, do qual faziam parte estudantes que estavam no 9º ano, e alguns egressos dessa unidade escolar, que estudavam no IFSC.

Nos últimos anos, observou-se que os estudantes que tem interesse e, de fato, conseguem ingressar em curso de ensino médio integrado ao técnico no IFSC, são na sua maioria, aqueles “bem-sucedidos” na trajetória escolar. Vale ressaltar que estudar no IFSC implica para quase todos alguns sacrifícios, um deles quanto ao processo seletivo para ingresso, que é feito por prova de conhecimentos específicos de Português e Matemática, outro sacrifício se dá quanto ao deslocamento, pois a instituição fica muito distante de suas residências. Muitos precisam madrugar para pegar o ônibus e chegar às sete e meia da manhã no Centro da cidade.

Com a pesquisa buscou-se conhecer melhor esses sujeitos, compondo uma fotografia inicial dos espaços de onde vem, qual sua relação com a escola e com a continuidades de seus estudos, traços de sua identidade e concepções de futuro.

3.2 Sujeitos da pesquisa em processo de revelação

Para a primeira aproximação com os adolescentes estudantes de 9º ano, foi aplicado um questionário via *google* formulários, constando de questões em sua maioria fechadas, com a possibilidade de acrescentar outras opções, se necessário.

Para a tabulação e construção dos gráficos foi exportada uma planilha do *excel* e a partir dela feito o levantamento do número de respostas, para a elaboração dos gráficos no próprio programa *excel*. Foram somados os dados de questões iguais dos questionários com os estudantes de 9º ano e dos questionários com os estudantes do ensino médio, totalizando 75 questionários analisados.

Quanto à questão de gênero participaram da pesquisa, 38 do gênero feminino, e 37 do gênero masculino, na faixa etária de 13 (3 estudantes), 14 (24 estudantes), 15 (28 estudantes), 16 (19 estudantes) e 18 anos (1 estudante).

Com esses números enfatiza-se novamente, a importância de um lugar de visibilidade a esses sujeitos, que ainda não integram o conceito e nem a realidade de “juventudes” plenamente. Estão em uma fase pouco conhecida e estudada, que recém deixaram de ser crianças, mas não deveriam ser mais vistos como crianças, merecendo o devido espaço nas pesquisas.

Fazem parte desse grupo, em relação à raça e etnia, 41 estudantes que se autodeclararam brancos, 23 pardos, 6 pretos, 4 indígenas e 1 amarelo.

Desses estudantes, 32 nasceram em Florianópolis e 43 são provenientes de outras cidades. Nas entrevistas as mudanças constantes na vida dos adolescentes ficam evidentes como fato marcante e muitas vezes desafiador, conforme observa-se nos relatos a seguir:

Ah, foi muito complicado, porque lá é interior né, então é assim cidade mais calma, não tem muitas pessoas, é uma coisa mais calma, aí vem para cá, é muito movimento, é muito trânsito, é muita pessoa, ônibus, é muita coisa. Demorei para me acostumar, mas hoje graças a Deus sei me virar em Florianópolis. (Débora, 14 anos, 9º ano)

Eu me acostumei né, porque é muito chato mudar de escola. [...] E, tipo, eu me mudei muito, muito mesmo, eu acho que eu já me mudei umas... nossa, eu já me mudei muitas vezes, muitas vezes, de casa assim. [...] Porque meu pai nunca conseguiu achar uma casa anual aqui... daí só mensal. [...] é sério, é muito chato isso, eu acho que eu já me mudei umas 15 vezes, umas 20 talvez. É sério. Muitas vezes. (Manoela, 14 anos, 9º ano)

No começo foi um pouco difícil, mas depois tem que aceitar, né. (Matheus, 15 anos, 9º ano)

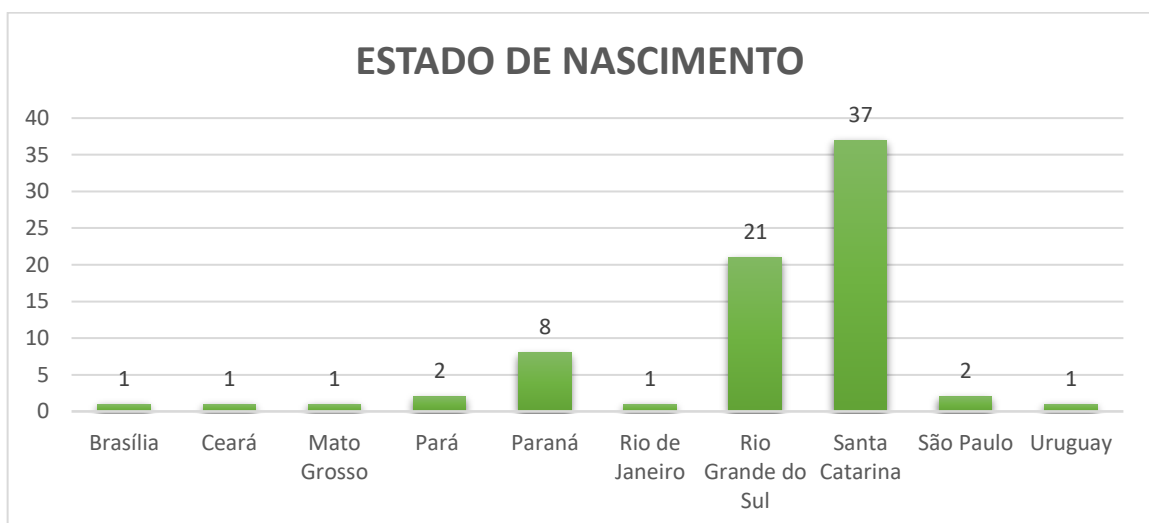
[...] é complicado a mudança por causa das pessoas, mas chegou uma hora que eu me acostumei. Mas sei lá, acho que o mais complicado foi ir pra Blumenau [...] de 3 meses que eu fiquei lá eu fiquei dois muito mal assim, de chegar em casa e chorar e a minha mãe preocupada, tava quase voltando para cá sem emprego nenhum, porque eu não consegui me adaptar. (Mariana, 16 anos, 3ª fase IFSC)

[...] eu vim para cá em Florianópolis, quando eu era bem pequenininha e eu entrei em algumas escolinhas [...] daí eu fiquei mudando de escola para creche e até que eu não fiz mais creche, tipo não fui mais. Daí eu entrei no primeiro ano e daí eu lembro que, tipo assim, em casa era meio difícil, eu ficava mudando de escola sempre. Tipo de bairro todo, tipo assim, todo mês eu mudava, por conta disso que eu acabei reprovando o primeiro ano, porque eu mudava demais. [...] daí consegui ir passando, daí eu fui mudando de escola, nunca repeti, tipo assim, nunca fiquei dois anos na mesma escola, porque não tinha como. [...] A gente sempre morou de aluguel e foi por conta da localização, onde achasse uma casa, eu tinha que mudar de escola, daí foi por causa disso. (Viviane, 15 anos, 9º ano)

As mudanças eram relacionadas à cidade, bairro, casa e até mesmo de escola. Os adolescentes em sua maioria tiveram uma vida marcada pela itinerância. Nos relatos das meninas essas mudanças pareceram mais marcantes e difíceis de viver do que no relato dos meninos.

O gráfico a seguir ilustra a origem desse grupo de estudantes:

Gráfico 1: Estado de nascimento dos estudantes pesquisados.



Fonte: Elaborado pela autora.

Esses dados confirmam a amplitude de migrantes que vêm à cidade de Florianópolis, em busca de trabalho, qualidade de vida, menos violência, entre outros, conforme ilustram os relatos abaixo:

[...] a gente resolveu vim pra cá, porque aqui também ele já tinha trabalhado e já ganha mais né, aí a gente veio para cá. (Débora, 14 anos, 9º ano)

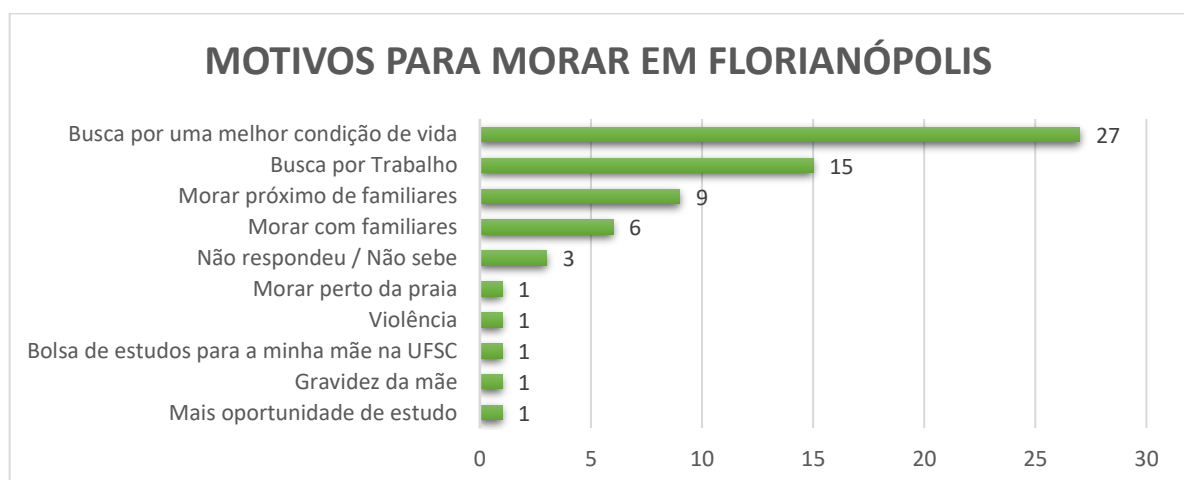
Ela veio pra arrumar algum trabalho, meu padrasto também. (Bianca, 15 anos, 9º ano)

Foi a violência lá. Cada dia a gente acordava e via no celular, tinha uma pessoa morta ou um assalto perto da minha casa, a minha casa também já foi assaltada, daí a gente tinha muito medo, porque o meu bairro era muito perigoso, muita questão de droga no meu bairro também. [...] ela veio para cá [a mãe] com propósito de abrir alguma coisa, um mercado, alguma coisa que, daí ela abriu o restaurante. (Pietra, 14 anos, 9º ano)

[...] viemo pra Florianópolis em busca de uma renda melhor, mais trabalho, mais cidade pequena. (Lucas, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Os motivos para a vinda à Florianópolis além dos já mencionados nos relatos anteriormente mencionados, expressam nas suas falas a busca por uma melhor condição de vida, o desejo de morar próximo de familiares ou com eles, morar perto da praia, a busca de bolsa e oportunidade de estudo, gravidez, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 2: Motivos dos estudantes pesquisados para morar em Florianópolis.



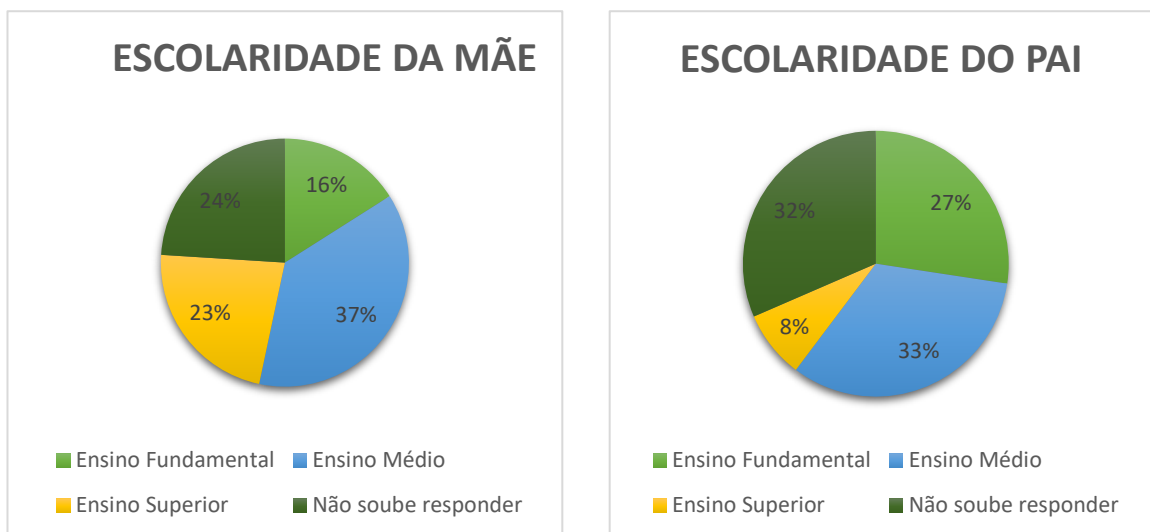
Fonte: Elaborado pela autora.

O tempo de residência em Florianópolis também é muito variável. Alguns (27 estudantes) informaram que residem desde que nasceram, outros residem entre 1 e

5 anos (22 estudantes), entre 5 e 10 anos (7 estudantes), entre 10 e 16 anos (13 estudantes) a menos de 1 ano (6 estudantes). Com esses dados pode-se observar a questão a itinerância desses sujeitos. São 28 estudantes que residem em Florianópolis há 5 anos ou menos.

Quanto à escolaridade das mães e dos pais participantes da pesquisa, representada nos gráficos a seguir, uma das leituras aponta que as mães, em sua maioria, 28 delas possuem ensino médio, já com relação aos pais a maioria, 24 deles possuem ensino médio também. A grande diferença está que a segunda maior frequência de formação para as mães é o ensino superior, sendo 17 mães, enquanto apenas 6 pais possuem graduação. São 20 pais que cursaram apenas até o ensino fundamental, enquanto 12 das mães possuem somente o ensino fundamental. Um fator relevante foi o número de estudantes que não sabem até que nível de ensino sua mãe ou pai chegaram, 18 não sabem até que nível de ensino as mães estudaram e 25 não sabem do nível de escolaridade dos pais.

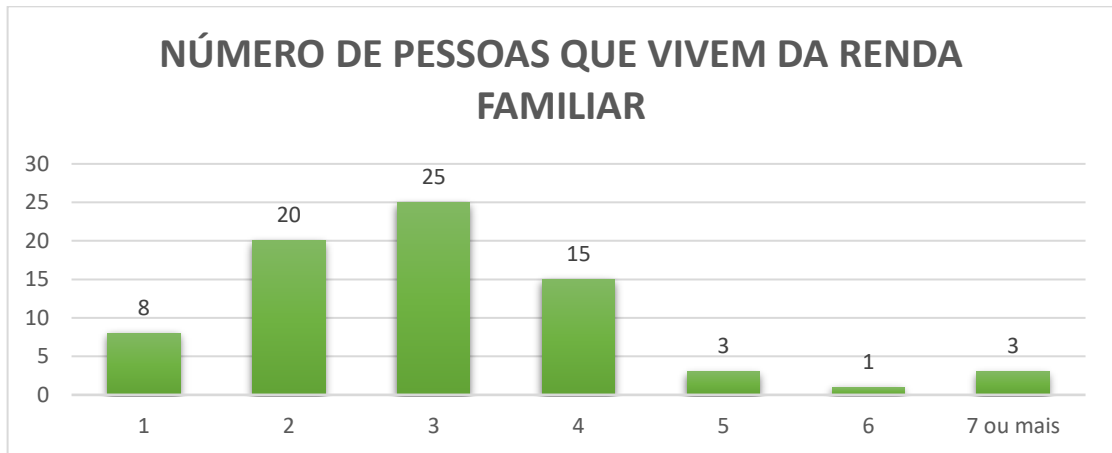
Gráfico 3 e 4: Escolaridade da mãe e pai dos estudantes pesquisados.



Fonte: Elaborado pela autora.

A relação ao número de pessoas que residem na mesma casa e vivem da renda familiar aparece representada no gráfico a seguir:

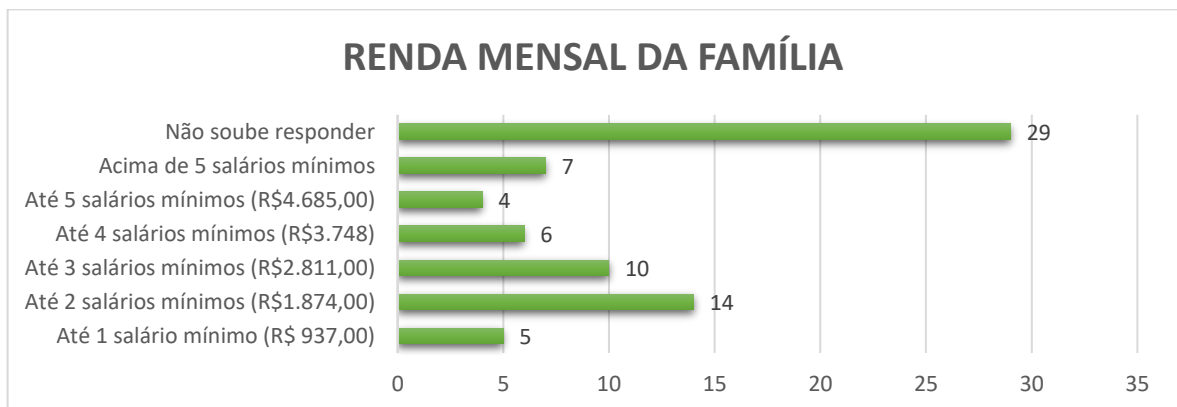
Gráfico 5: Número de pessoas que vivem da mesma renda na casa dos estudantes pesquisados.



Fonte: Elaborado pela autora.

A renda mensal familiar aparece ilustrada no gráfico abaixo.

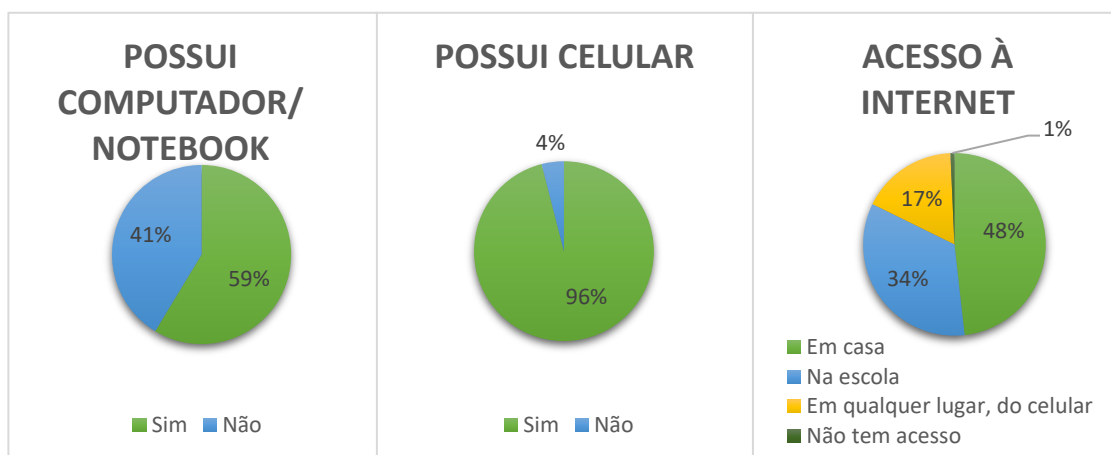
Gráfico 6: Renda mensal da família dos estudantes pesquisados.



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme gráficos abaixo, os estudantes pesquisados foram questionados se possuem computador ou notebook, 44 responderam que sim, e 31 responderam que não. Já com relação a posse de celular a grande maioria tem, 72 estudantes informaram ter celular próprio, enquanto 3 colocaram que não têm celular. Sobre o acesso à internet, praticamente todos indicaram ter: 68 estudantes indicaram ter acesso em casa, 48 informaram ter acesso na escola, 24 estudantes disseram ter acesso em qualquer lugar, do celular, e 1 estudante informou não ter acesso algum. Essa pergunta permitia mais de uma opção de resposta.

Gráfico 7, 8 e 9: Possui computador/notebook, celular e acesso à internet.



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que os estudantes dos 9º anos, em sua maioria, possuem acesso à internet, normalmente através de aparelhos celulares. A partir deste ano, a prefeitura ampliou o acesso às redes *wifi* na escola pesquisada, tendo uma senha para uso dos estudantes. No entanto, o uso de celular nas salas de aula é proibido, de acordo com a Lei Estadual 14.363, de 25 de janeiro de 2008, que dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas estaduais do Estado de Santa Catarina.

De acordo com dados do IBGE referente ao ano de 2016 o percentual de pessoas entre 14 a 17 anos que utilizaram a Internet foi: 85,4%, sua grande maioria a partir de aparelhos celulares, e grande parte para fazer uso de redes sociais e grupo de troca de mensagens. (IBGE, 2018)⁷

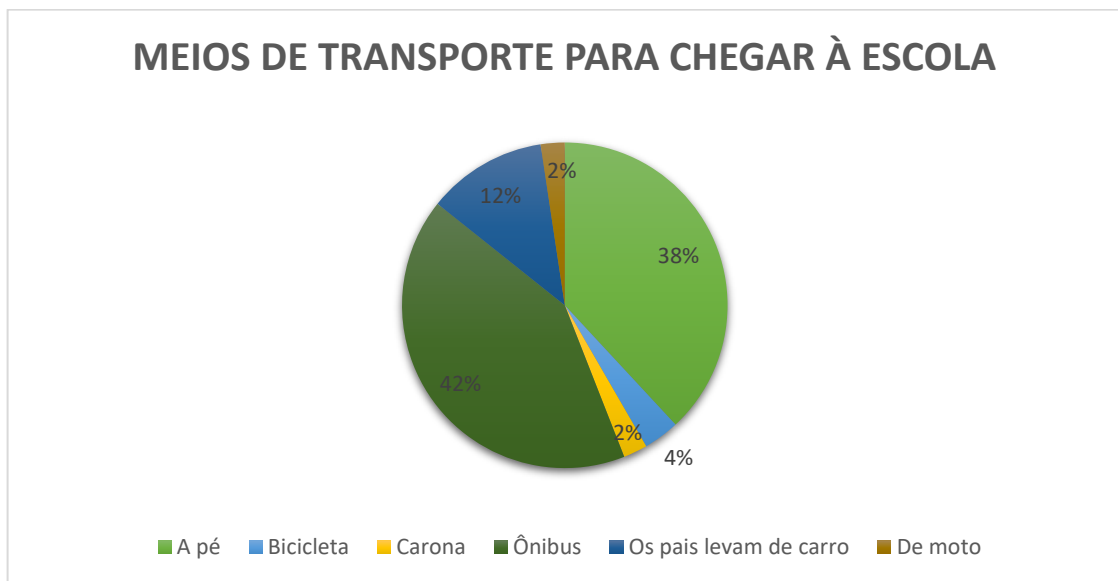
O uso da internet serve a vários interesses, conforme pesquisa de Abramovay (2015, p. 150) pode se constituir em uma grande diversão para a maioria dos jovens, “é onde se aprende de forma mais fácil e interessante, sejam temas relacionados à escola ou ao cotidiano”, sendo uma forma de auxílio nos estudos, um espaço de socialização, de fazer e manter amizades, para uso de redes sociais.

Sobre o meio de transporte para se chegar à escola, 35 estudantes disseram utilizar o ônibus, 32 estudantes informaram ir a pé, 10 estudantes colocaram que os pais levam de carro para a escola, 3 estudantes disseram ir de bicicleta, 2 estudantes disseram ir de moto, e outros dois de carona, conforme gráfico abaixo. Percebe-se

⁷ O uso da internet está mais direcionado para as redes sociais e isso pode ensejar outras pesquisas, focalizando a forma como é feito esse uso, se em perspectiva propositiva, crítica ou de adaptação. Podem adensar a análise os seguintes autores: MALINI e ANTOUN, 2013; PRETTO, 2017; FORTUNATI, 2014; KELLNER e SHARE, 2008; SILVEIRA, 2017.

que mais da metade dos estudantes precisam de algum veículo para chegar até a escola, considerando que a maioria dos bairros da região possuem escolas municipais de ensino fundamental, esse dado pode indicar a itinerância de casas, já que através dos relatos observou-se que a mudança de casa e até de bairro é recorrente na vida de muitos residentes do norte da ilha de Florianópolis.

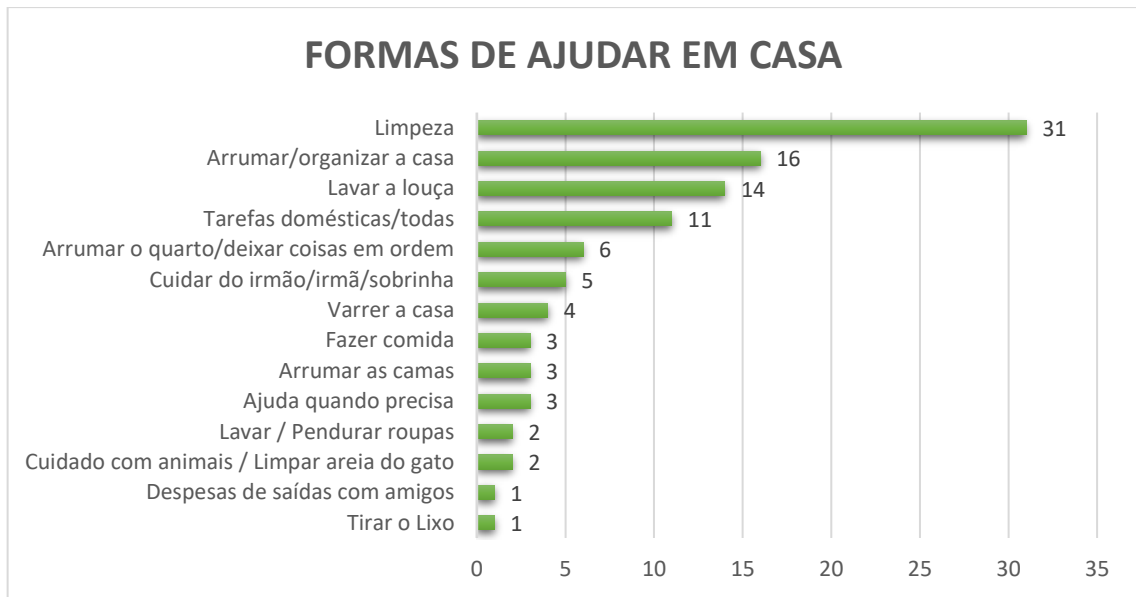
Gráfico 10: Principais meios de transporte utilizados pelos estudantes pesquisados para se chegar à escola.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os estudantes foram questionados sobre a ajuda em casa. A grande maioria, 71 estudantes, afirmaram que ajudam em casa, 2 estudantes, falaram que ajudam eventualmente e outros 2, colocaram que não ajudam. Sobre as formas de ajuda, que poderia ser mais de uma, pode-se observar que a maioria está relacionada aos serviços domésticos: à limpeza, arrumação e organização da casa, envolvendo lavar a louça, varrer a casa, fazer comida, arrumar o quarto, as camas, deixar as coisas em ordem, cuidar de crianças menores da família enfim, ajudar quando precisa. Percebe-se que os adolescentes pesquisados têm uma relação de participação na organização da vida familiar, adquirindo habilidades e responsabilidades. Alguns com mais sobrecarga e exigências do que outros, mas todos com a consciência de que alguma forma de ajuda é necessária. Até mesmo aqueles dois que colocaram que não ajudam em casa, assinalaram alguma forma de ajuda.

Gráfico 11: Formas de ajudar em casa.



Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela a seguir ilustra a frequência das atividades que mais ocupam o tempo dos estudantes fora da escola. Aquelas que menos ocupam o tempo dos estudantes fora da escola são: ler, teatro, cinema, praia, jogar videogame, práticas religiosas, ir a festas, trabalho e cuidar de irmão. E, as atividades que mais ocupam o tempo deles são: estudar, música, internet/redes sociais, praticar esportes, ajudar nas tarefas domésticas, assistir TV e sair com amigos. Interessante observar alguns dados relevantes: a leitura é uma atividade pouco presente na vida dos estudantes; o teatro em que 85% dos estudantes colocam que nunca frequentam; a internet e redes sociais e a música tem papel de destaque na vida dos adolescentes, enquanto se observa que jogar videogame não é tão comum como há poucos anos atrás, antes da popularização dos *smartphones* que também servem para jogar. Sair com amigos é uma atividade bem presente na vida desses adolescentes, enquanto ir a festas ainda não é tão comum entre eles.

Tabela 1: Atividades que ocupam o tempo fora da escola.

(continua)

	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Total
Ler	12%	28%	44%	16%	100%
Estudar	16%	39%	35%	10%	100%

(continuação)

	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Total
Teatro	0%	3%	12%	85%	100%
Cinema	8%	32%	35%	25%	100%
Música	43%	41%	5%	11%	100%
Praia	14%	36%	33%	17%	100%
Internet/redes sociais	75%	17%	4%	4%	100%
Praticar esportes	27%	34%	27%	12%	100%
Ajudar nas tarefas domésticas	45%	35%	11%	9%	100%
Assistir TV	25%	41%	23%	11%	100%
Jogar Videogame	17%	19%	17%	47%	100%
Práticas Religiosas	4%	28%	16%	52%	100%
Sair com amigos	23%	48%	19%	10%	100%
Ir a festas	17%	23%	33%	27%	100%
Trabalho	11%	17%	8%	64%	100%
Cuidar de irmão(s)	17%	16%	8%	59%	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

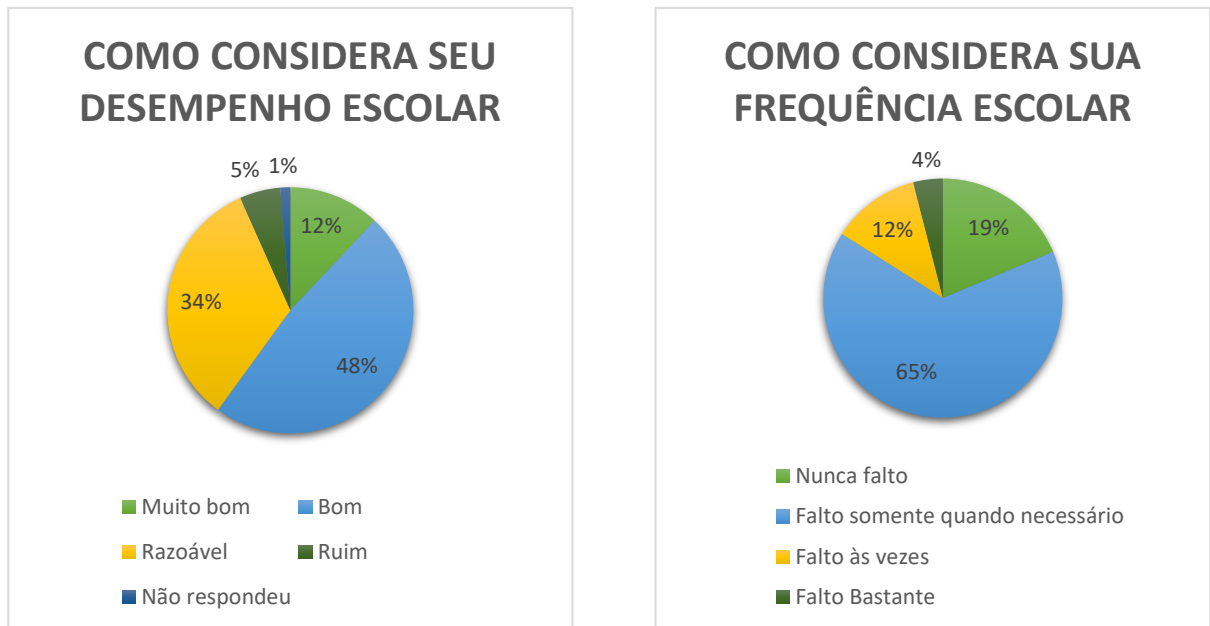
Nesse tópico apresentou-se o perfil dos estudantes pesquisados, dando relevância a esses sujeitos, explorando sua localidade de origem, as motivações para vir morar em Florianópolis, o contexto da escolaridade das suas mães e pais e as condições materiais dos adolescentes e seus familiares. No próximo tópico serão abordadas as questões referentes a autoimagem enquanto estudantes.

3.3 O desempenho escolar e perspectivas de futuro

Observa-se nas leituras realizadas que pouco se dá voz e espaço para que os estudantes retratem suas autopercepções a respeito de suas trajetórias escolares. Aqui nesse tópico pretende-se mostrar a visão que os adolescentes têm de seu desempenho escolar, bem como suas perspectivas após a finalização do ensino fundamental.

Uma leitura dos gráficos a seguir aponta que predomina uma visão positiva, por parte dos estudantes, do seu desempenho escolar e de sua frequência à escola revelando o valor atribuído a ela e aos estudos.

Gráfico 12 e 13: Como os estudantes pesquisados consideram seu desempenho e sua frequência escolar.



Fonte: Elaborado pela autora.

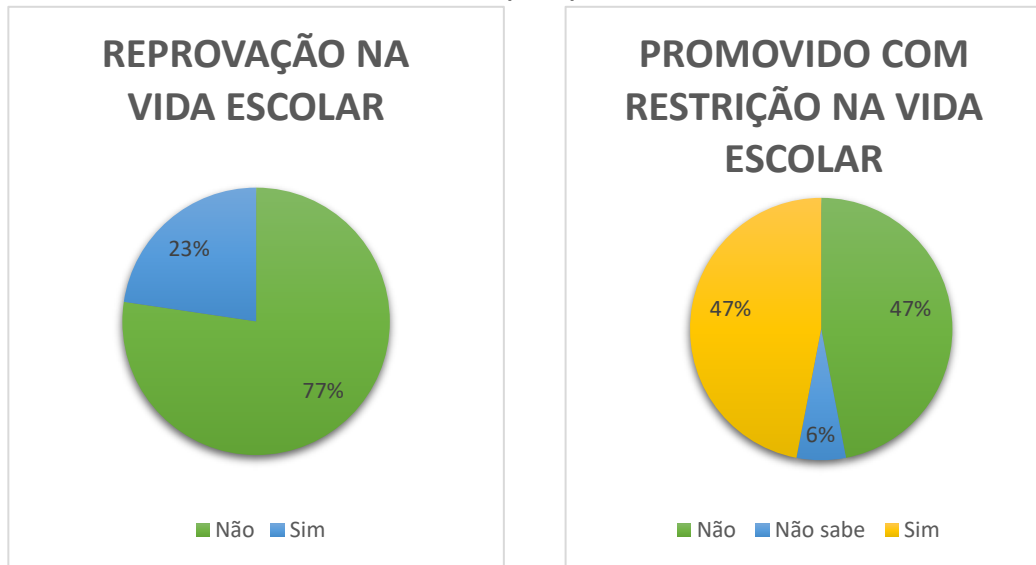
Os dados dos gráficos anteriores indicam que a maioria dos estudantes se veem em relação ao seu desempenho escolar de forma positiva, pois 45 estudantes indicam que é muito bom ou bom seu desempenho. A relação com a frequência escolar indica um comprometimento e até valorização da escola, quando se observa que 63 estudantes relatam que nunca faltam ou só faltam quando necessário.

Se a análise é feita em relação às aprovações e reprovações os resultados também trazem aspectos positivos, tem-se que 58 estudantes nunca reprovaram e que as reprovações acontecem, mas não são muito recorrentes, conforme gráficos 14 e 15.

Na rede municipal de Florianópolis apenas no 9º ano os estudantes podem ser retidos/reprovados por conta dos conteúdos. De 1º a 8º ano, reprovam estudantes que não atingiram 75% de frequência escolar, os estudantes que não atingem o mínimo necessário em termos de conteúdo para o ano seguinte, são promovidos com restrição, com a condição de frequentar apoio pedagógico em contraturno escolar no ano posterior, conforme Resolução nº 002 de 2011.

Sobre a frequência de serem promovidos com restrição na vida escolar, 31 estudantes que estavam no 9º ano informaram que já haviam sido promovidos com restrição ao menos uma vez durante a vida escolar e outros 31 informaram que nunca haviam sido promovidos com restrição, outros 4 estudantes não souberam responder.

Gráfico 14 e 15: Reprovação e promoção com restrição na vida escolar dos estudantes pesquisados.



Fonte: Elaborado pela autora.

As dificuldades enfrentadas na vida escolar, estão contempladas na tabela a seguir. Aquelas que mais interferiram na vida dos estudantes, foram excesso de trabalhos escolares, seguido de dificuldades de aprendizagem, depois relacionamento social/interpessoal, seguido de adaptação a novas situações e relacionamento familiar, depois falta de disciplina/hábitos de estudo. Com menos incidência, mas não menos relevantes vêm: ansiedade e depressão, relações amorosas/afetivas, distância da escola da residência, bullying, dificuldades financeiras, dificuldade de acesso a materiais e meios de estudo e, por último, situações de violência.

Tabela 2: Dificuldades que interferiram na vida escolar.

(continua)

	Nunca aconteceu	Uma vez aconteceu	Às vezes acontece	Sempre acontece	Total
Adaptação a novas situações	51%	29%	15%	5%	100%
Relacionamento Familiar	51%	16%	25%	8%	100%
Relacionamento social/interpessoal	49%	20%	24%	7%	100%
Relações amorosas/afetivas	63%	19%	10%	8%	100%
Situação de violência (física ou sexual)	85%	11%	4%	0%	100%
Dificuldade de acesso a materiais e meios de estudo	77%	11%	11%	1%	100%

(continuação)

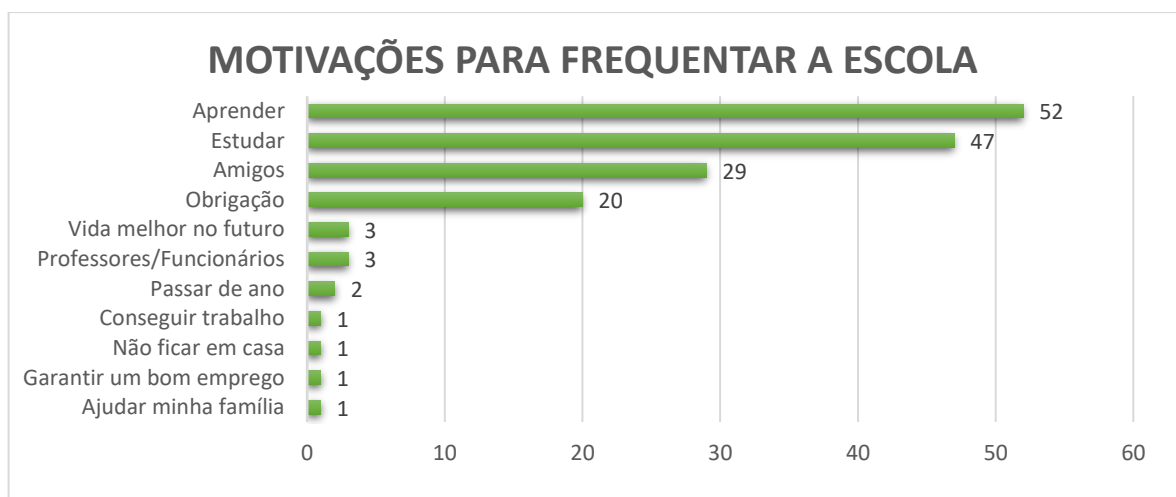
Dificuldade financeiras	76%	8%	16%	0%	100%
Dificuldades de aprendizagem	44%	24%	29%	3%	100%
Falta de disciplina/hábito de estudo	53%	16%	23%	8%	100%
Distância da escola da residência	65%	12%	15%	8%	100%
Excesso de trabalhos escolares	41%	19%	29%	11%	100%
Bullying	75%	12%	12%	1%	100%
Ansiedade e Depressão	60%	23%	8%	9%	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação aos motivos para frequentar a escola, 52 estudantes colocaram que é para aprender, 47 estudantes consideram estudar a motivação para frequentar a escola, 29 estudantes frequentam a escola pelos amigos, 20 estudantes disseram frequentar a escola por obrigação, 3 estudantes colocaram ser por uma vida melhor no futuro e outros 3 pelos professores/funcionários. Ou seja, a grande maioria das motivações dos estudantes são intrínsecas a eles e suas relações estabelecidas na escola, novamente demonstrando o valor que esses adolescentes dão para a escola.

A frequência à escola é importante e decisiva para os estudantes, de acordo com suas respostas ao questionário. Neste instrumento havia as opções de assinalar as alternativas “pouca importância” ou “não possui importância” referentes à relevância da escola em suas vidas, mas nenhum estudante assinalou essas opções.

Gráfico 16: Motivações para os estudantes pesquisados frequentarem a escola.

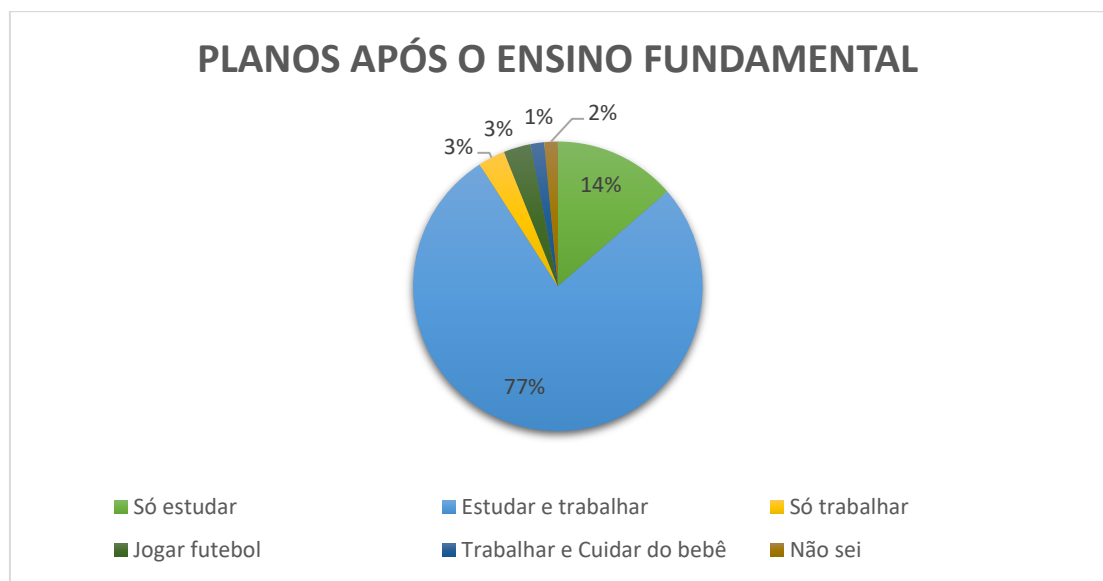


Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns participantes da pesquisa (24 estudantes) procuram ainda acrescentar algo a mais a sua formação escolar, realizando cursos fora da escola. A maior incidência de cursos é de Inglês, seguido por Informática, Administração e participação no Programa de Iniciação Científica (PIC), considerando sua boa colocação em provas da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas. Com menor incidência aparece nas respostas curso de Francês e outros cursos voltados à profissionalização, ao lazer ou a religião. Entretanto uma grande maioria (51 estudantes) não buscou ainda esta complementação na sua formação.

Com relação aos planos dos estudantes do 9º ano após o término do ensino fundamental, 51 estudantes pretendem estudar e trabalhar, 9 estudantes querem somente estudar, 2 estudantes pretendem apenas trabalhar e outros dois pretendem jogar futebol, 1 estudante disse que quer trabalhar e cuidar do seu bebê e outro que não sabe ainda, conforme gráfico abaixo. O desejo de estudar e trabalhar está muito presente nas respostas, somando-se a apenas estudar, conclui-se que o estudo é fator preponderante na vida deles. No entanto, fazendo um contraponto, mesmo que em menor escala, dos 9 estudantes pesquisados que estavam no ensino médio técnico, 7 só estudavam e 2 estudavam e trabalhavam.

Gráfico 17: Planos dos estudantes de 9º ano após a conclusão do ensino fundamental.

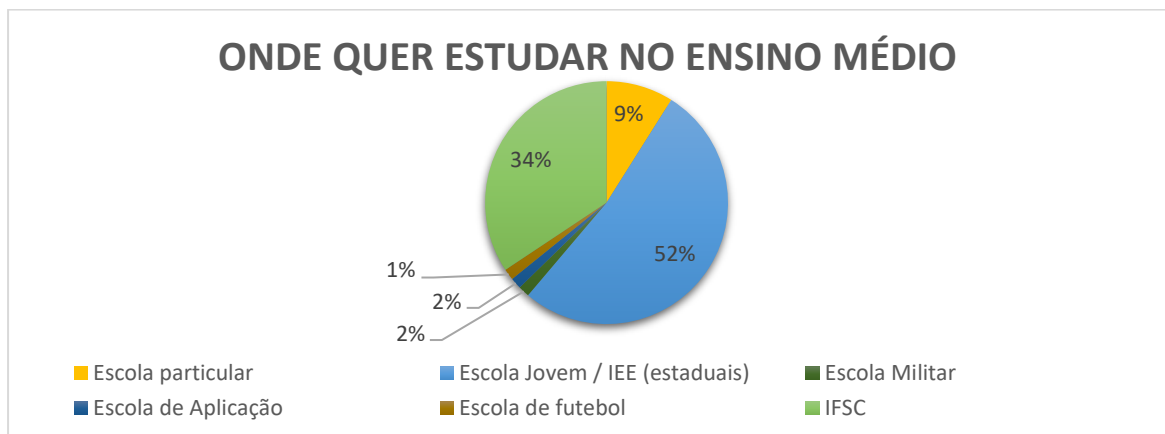


Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os 9 estudantes do ensino médio pretendiam fazer faculdade após o ensino médio, sendo que 5 pretendiam também trabalhar na sua área de formação técnica e 1 pretendia, além do curso superior, trabalhar em qualquer área (onde tivesse emprego).

Sobre o local que os estudantes de 9º ano pretendiam fazer o ensino médio, 35 deles indicaram intenção de ir para escolas estaduais, uma delas, a escola jovem, fica localizada ao lado do terminal integrado do transporte coletivo do norte da ilha, sendo um local acessível e relativamente próximo às suas residências. 23 estudantes indicaram a intenção de estudar no IFSC, como já colocado que fica a cerca de 25 quilômetros de distância de suas residências. 6 colocaram a intenção de ir para escola particular, um colocou a intenção pela escola militar, outro pela escola de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e outro para uma escola de futebol. Percebe-se que ir para escola particular é possibilidade para uma minoria dos adolescentes pesquisados.

Gráfico 18: Local onde os estudantes de 9º ano pretendem estudar no ensino médio.

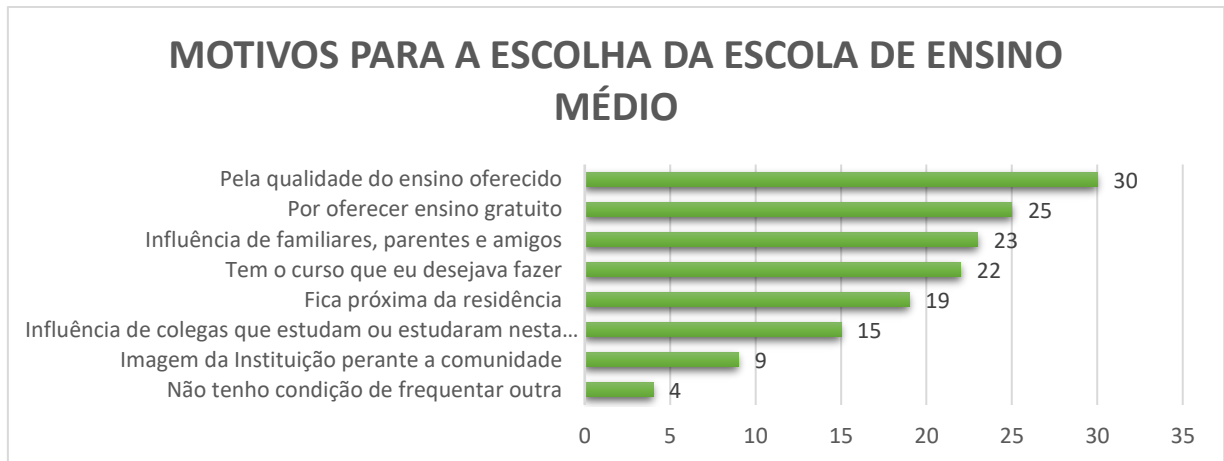


Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação aos motivos para os estudantes fazerem essa escolha, pode-se observar novamente a questão da valorização da escola, quando a maioria dos adolescentes indicou ter escolhido a escola de ensino médio pela qualidade do ensino oferecido. Em seguida aparecem outros motivos que apontam para a percepção que os adolescentes têm da realidade que vivem, já que indicaram que a escolha se deu por oferecer ensino gratuito, por ter o curso que desejava fazer, por ficar próximo da residência. Há também aqueles que indicam a influência de familiares, parentes e

amigos e também colegas que estudam ou estudaram nessa instituição foram fatores que motivaram essa escolha.

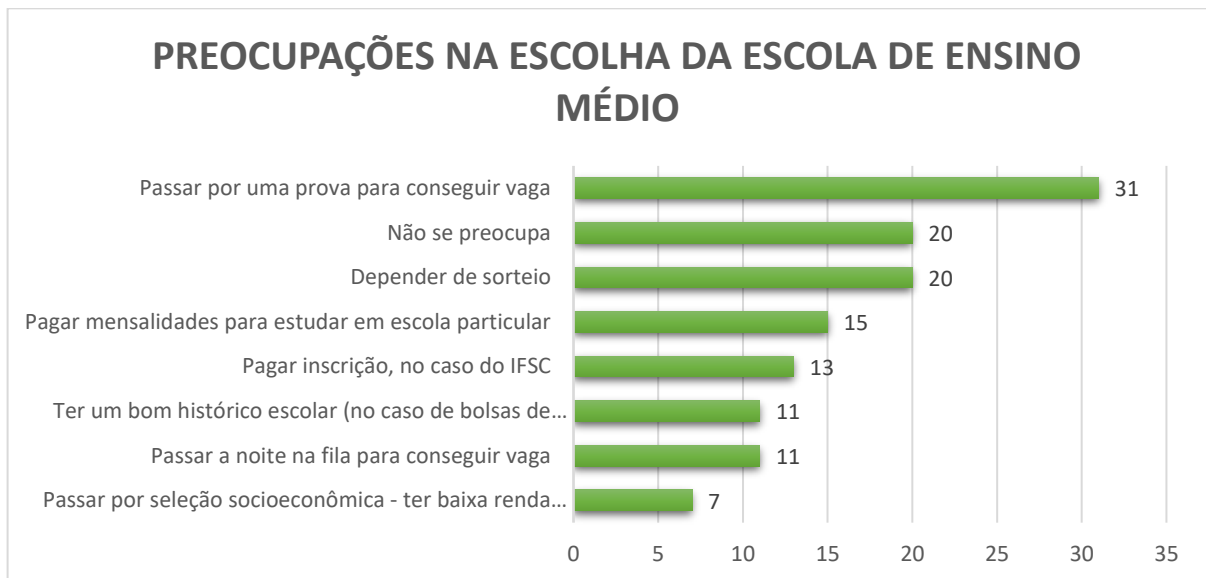
Gráfico 19: Motivos da escolha de escola de ensino médio para os estudantes de 9º ano.



Fonte: Elaborada pela autora.

A escolha de escola de ensino médio reveladas no gráfico a seguir apontam que essa fase da vida é mesclada de preocupações e por isto precisa ser melhor contempladas nas pesquisas. São preocupações em passar por uma prova para conseguir vaga, preocupação para conseguir bolsas em escolas particulares, depender de sorteio de vagas como é o caso das escolas estaduais e do colégio de aplicação, preocupação em pagar mensalidades para estudar em escola particular, pagar a inscrição, no caso do exame para o IFSC, ter um bom histórico escolar, passar a noite na fila para conseguir uma vaga em escola estadual, passar por seleção socioeconômica, ter baixa renda, para conseguir bolsa de estudos em escola particular, tudo ilustrado no gráfico a seguir:

Gráfico 20: Preocupações na escolha de escola de ensino médio para os estudantes de 9º ano.



Fonte: Elaborado pela autora.

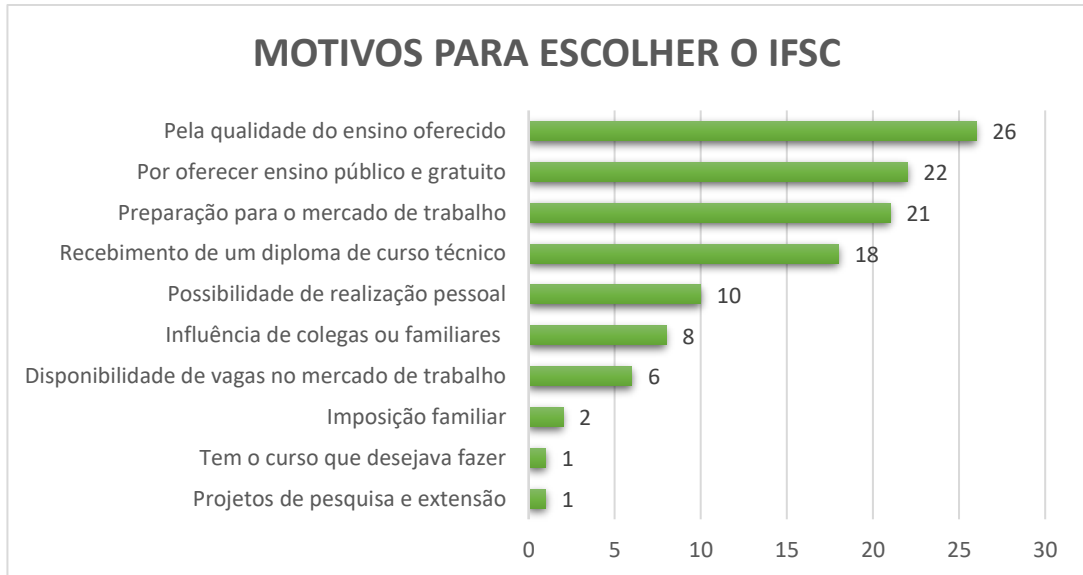
Para aqueles 23 que pretendiam estudar no IFSC, foi questionado sobre o curso técnico que pretendiam fazer, alguns não tinham clareza (6 estudantes) outros (4 estudantes) gostariam de fazer eletrotécnica, edificações (4 estudantes), Química (3 estudantes), Eletrônica (3 estudantes) entre outros.

Quando o questionário foi aplicado ainda não havia sido a inscrição e nem a prova para o ingresso no IFSC. Após a inscrição e a prova foi feito um novo levantamento em campo e 20 estudantes haviam realizado a prova, sendo que 1 desses passou em primeira chamada para o curso de Edificações. Com relação aos cursos escolhidos também houve diferença da intenção anterior com a inscrição realizada. 9 estudantes fizeram a prova para o curso de Edificações, 4 para o curso de Eletrônica, 3 para o curso de Química, 2 para o curso de Eletrotécnica, 1 para o curso de Eletrônica e 1 não respondeu para qual curso fez a prova.

Sobre os motivos que levaram os estudantes da pesquisa a escolher ir para o IFSC, tanto aqueles que tinham apenas só a intenção como aqueles que já estavam estudando lá, 26 estudantes disseram que é pela qualidade do ensino oferecido, 22 por oferecer ensino público e gratuito, 21 pela preparação para o mercado de trabalho, 18 pelo recebimento de um diploma de curso técnico, 10 pela possibilidade de realização pessoal, 8 pela influência de colegas ou familiares, 6 pela disponibilidade de vagas no mercado de trabalho, 2 por imposição familiar, 1 por ter o curso que

desejava fazer e 1 pelos projetos de pesquisa e extensão da instituição, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 21: Motivos para que os estudantes escolhessem fazer o ensino médio técnico no IFSC.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados apresentados nesse tópico a respeito das perspectivas de futuro serão aprofundados mais adiante, nas narrativas sobre os projetos de vida, que os participantes da pesquisa fizeram nas entrevistas realizadas com eles.

3.4 As entrevistas e as trajetórias escolares

O objetivo com a realização das entrevistas foi de promover protagonismo e valorizar as narrativas dos adolescentes. Para tanto foi criada uma questão gerativa principal acerca das trajetórias escolares desses adolescentes que deveriam iniciar suas narrativas desde as lembranças mais antigas até o momento atual sobre sua vida escolar, relacionando-a a sua vida pessoal. Havia mais duas questões gerativas na entrevista, uma era sobre as motivações e expectativas na escolha de continuidade de estudos no ensino médio e, a outra, sobre os projetos de vida para um, três e dez anos.

Após a realização de todas as entrevistas optou-se por realizar a análise do conteúdo com o material da entrevista. Campos (2004, p. 1) coloca que a análise do conteúdo é

Um método muito utilizado na análise de dados qualitativos é o de análise de conteúdo, compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.

Assim passou-se às fases pertinentes da análise do conteúdo. Campos (2004) apresenta três etapas para esse processo, a primeira pré-exploração do material, as chamadas leituras flutuantes, em que “toma-se contato com os documentos a serem analisados, conhece-se o contexto e deixa-se fluir impressões e orientações” (BARDIN, 1977 apud CAMPOS, 2004, p.3). Na segunda etapa faz-se a seleção das unidades de análise, em que trechos das entrevistas são selecionados como relevantes para serem categorizados, na terceira etapa que é a de categorização e subcategorização, momento no qual as unidades de análises vão sendo agrupadas de acordo com as categorias escolhidas pelo pesquisador. Franco (2003, p. 52) coloca que “em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho baseado em seus conhecimentos e guiado por sua competência, sensibilidade e intuição”. Sendo assim as categorias vão surgindo, a partir das respostas das entrevistas.

Abaixo apresenta-se uma tabela com as categorias e subcategorias selecionadas na análise das entrevistas realizadas com os 19 adolescentes pesquisados.

Tabela 3: Categorias, subcategorias e descrição, baseada na análise do conteúdo.

(continua)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Mudanças	Sobre o local (casa, bairro, cidade, estado, escola, turma, turno)	As falas referentes à frequência da mudança. Os momentos da vida em que ocorreram as mudanças.
	Dificuldade na adaptação com as mudanças	Os relatos das dificuldades que enfrentaram num primeiro momento com as mudanças que ocorreram na vida. Percepção negativa sobre a mudança.

(continuação)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO
	Mudanças positivas	Casos em que a mudança proporcionou melhores oportunidades, que foram boas experiências.
	Motivos da mudança	Os motivos que trouxeram a família para Florianópolis.
Relação com a escola	Aprendizagem	Relatos das facilidades e dificuldades com relação ao processo de aprendizagem.
	Valorização dos professores/ da escola	Os professores que marcaram, que foram referências na vida dos adolescentes. Relatos da importância da escola.
	Ensino público x ensino privado	As comparações feitas entre escolas particulares e escolas públicas. Motivos pela escolha do ensino público.
	Projetos Extracurriculares	Relatos de experiências com as Olimpíadas de Matemática, Astronomia e Química, participação em Programa de Iniciação Científica (PIC), Grêmios Estudantis, Protetor Ambiental, e outros. Benefícios em participar de projetos extracurriculares.
	Referência ao 9º ano	O melhor ano da vida escolar.
	Transição ensino fundamental e médio	A diferença entre a escola de ensino fundamental e o IFSC. As dificuldades e exigências encontradas na entrada do ensino médio.
	Situações de preconceito/ agressão/ bullying	Agressões vividas ou presenciadas na escola. Os preconceitos sentidos pela cor da pele ou orientação sexual. Julgamentos por ser bom aluno.
Relação com a família	Ajudar a família	Único com perspectiva de conclusão de estudos na família.
	Acontecimentos marcantes	Relatos de brigas, separações, acidentes, doenças e perdas de familiares que foram marcantes.
	Incentivos da família	Os familiares que incentivam nos estudos e ajudam nas escolhas de continuidade acadêmica. Família orgulhosa do sucesso escolar.
	Organização familiar	As composições familiares apresentadas. Aproximação com o pai.
Amizades	Dificuldade em fazer amizades	Não recordar de ter amigos no início da vida escolar. Ter dificuldade em fazer amigos, por vergonha ou se sentir excluído. Amizades por interesse.

(conclusão)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS		DESCRIÇÃO
	Amizades marcantes		Relatos dos amigos que mais marcaram durante a vida. Amizades de longa data. Amizades se distanciando pelas mudanças de escola. Amigos que abandonaram a escola por racismo. Amigos que ajudaram na adaptação com a nova escola.
Autoimagem	Com relação aos estudos/ à escola		Os medos de reprovar, de não achar a sala no primeiro dia de aula. Empenho, dedicação e cobrança nos estudos. Autoconhecimento de como aprender. Não gostar de estudar.
	Questões pessoais		As qualidades que percebe de si. As dificuldades que sente e enfrenta.
Motivações e Expectativas sobre o IFSC	Influência na escolha		Familiares e amigos que influenciaram na escolha de ir para o IFSC. Escolha própria.
	Expectativas		De ser uma escola boa, diferente, fazer novos amigos, conseguir um bom emprego. De não ser tão difícil. Decepções com o IFSC.
Projeto de Vida	1 ano	Pessoal	Ajudar a família. Manter amizades. Ser mais alta e inteligente.
		Profissional	Tentar trabalhar, para ter dinheiro. Fazer projeto extracurricular. Consertar o chuveiro de casa. Fazer estágio.
		Acadêmica	Continuar estudando. Estar no IFSC. Estar bem na escola. Se preparando para o vestibular.
	3 anos	Pessoal	Ser livre/independente. Ter a própria casa/morar sozinho. Ter seu carro/habilitação. Pagar sua faculdade. Estar preparada para a vida adulta. Sem planos.
		Profissional	Trabalhar na área do curso técnico, enquanto faz faculdade.
		Acadêmica	Se formar. Decidir a faculdade. Passar no ENEM/vestibular. Na faculdade.
	10 anos	Pessoal	Ter sua casa/ morar sozinho. Formar uma família. Estar formado. Ser rico, ter boa condição financeira. Estar mais maduro.
		Profissional	Trabalhando na sua área de formação. Ter seu próprio negócio. Ser um bom profissional. Ser influente.
		Acadêmica	Estar formado. Estar fluente em Inglês. Ter estudado fora do país.

Fonte: Entrevistas da pesquisa com adolescentes de 14 a 18 anos.

A partir do agrupamento das respostas semelhantes em categorias e posteriormente em subcategorias, possibilitou uma visão mais clara a respeito das falas dos participantes da pesquisa. Assim, foram elaboradas as descrições a respeito de cada categoria, conforme apresentado na tabela acima. Moraes (1999), acrescenta mais duas etapas ao processo da análise do conteúdo, a descrição, em que

Para cada uma das categorias será produzido um texto síntese em que se expresse o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise incluídas em cada uma delas. Geralmente é recomendável que se faça uso intensivo de “citações diretas” dos dados originais. (p. 8)

E, por último, deve acontecer a etapa da interpretação que segundo Moraes (1999, p.9) pode acontecer de duas formas, na primeira “através de uma exploração dos significados expressos nas categorias da análise numa contrastação com esta fundamentação” e na segunda “a teoria é construída com base nos dados e nas categorias da análise. A teoria emerge das informações e das categorias”.

Com esse trabalho foi possível utilizar as duas formas para a interpretação dos dados. Antes da realização das entrevistas, parte da fundamentação teórica já havia sido realizada, então as falas das vivências dos adolescentes foram trazidas posteriormente para dialogar com a teoria. Porém, também foi possível que a teoria surgisse a partir da voz dos adolescentes, apontando novas formas de se ver e valorizar essa etapa da vida.

A respeito das trajetórias de vida narradas pelos adolescentes pode-se observar que as mudanças estiveram presentes em quase todas as falas, sendo considerados momentos significativos da vida, momentos de tristeza, frustração e de novos desafios. Alguns com mais dificuldades de superar e outros com mais facilidades, que conseguiram perceber mais oportunidades com as mudanças vividas, conforme observa-se nos relatos abaixo.

Horrível, horrível, eu lembro que quando eu vim para cá, eu fiquei mais ou menos dois meses sem falar com ninguém. (Viviane, 15 anos, 9º ano)

Foi tenso, foi tenso, eu não queria, eu chorei muito. (Pietra, 14 anos, 9º ano)

Foi muito bom, sabe, a melhor escolha que eles já tomaram na vida deles, porque a minha cidade é muito no interior, e eu não teria nem um terço das

oportunidades, que Florianópolis, que eu tenho aqui (Gabriela, 18 anos, 6ª fase IFSC)

[...] eu percebi que Florianópolis me fazia muito melhor que lá no Pará. (Sofia, 15 anos, 1ª fase IFSC)

Sobre os motivos apresentados para a mudança de cidade, com a vinda à Florianópolis, foram citadas questões de trabalho, busca de melhor renda, busca de cidade menor e menos violenta. Já com relação às mudanças de escola foi colocado que era por conta de viver de aluguel e ter que mudar com frequência de bairro era necessário mudar também de escola. Também foi relatado que desde a chegada em Florianópolis nunca conseguiu morar em uma casa com aluguel anual, por conta de morar em bairro turístico, assim as mudanças de casa eram constantes devido aos aluguéis das mesmas para a temporada de verão.

A relação com a escola foi apresentada de maneira geral como positiva. Os estudantes demonstram valorização da escola, dos professores e das vivências escolares. Vários relatos aparecem valorizando a escola pública de qualidade, a crença no ensino público e as boas oportunidades com a escola pública, apesar de haver algumas comparações de que o ensino privado seria mais puxado, mais forte que o público.

[...] nunca achei justo ou certo, pagar para estudar, sabe. Eu acho que a experiência que eu tive na [escola de 9º ano] foi muito boa, porque meus pais queriam, porque queriam me colocar num colégio particular. [...] as minhas irmãs sempre estudaram em colégio particular, tanto no fundamental, como no médio, faculdade também, os meus pais sempre pagaram, e eles perceberam que não, que também tinha um ensino de qualidade, que a escola não era feita só pelos professores, mas também tinha a parte do aluno, se eu me dedicasse em qualquer lugar eu iria me dar bem. Então eu vejo que a escola pública ela te dá muitas oportunidades, sabe, e eu acho isso muito legal, muitas coisas que no particular não tem, e aqui tem para nos oferecer. (Gabriela, 18 anos, 6ª fase IFSC)

A minha mãe não gostava muito que eu estudasse em colégio particular, porque ela defende o ensino público, ela acha que tem que ser de qualidade, que tem que ser estimulado [...] (Mariana, 16 anos, 3ª fase IFSC)

E, na escola particular me chamavam de burra por a matéria ser mais difícil, daí na pública eu percebi que eu tinha uma certa inteligência, daí eu comecei a me destacar na sala de aula. (Pietra, 14 anos, 9º ano)

Sobre as experiências extracurriculares houve diversos relatos, que demonstram a importância dessas experiências em suas vidas, conforme segue.

[...] o Grêmio foi uma experiência bem interessante, mas bem, sei lá, me ensinou bastante, que não é fácil liderar assim (Mariana, 16 anos, 3ª fase IFSC)

[...] eu tô ganhando bolsa para estudar aqui. É... sei lá eu acumulo algumas medalhas e eu acho que é por isso que eu consigo as coisas aqui. Eu tenho uma medalha de prata e uma de ouro na Olimpíada de Matemática, eu tenho uma de bronze na Olimpíada de Química, eu tenho uma menção honrosa na de Matemática também. (Mariana, 16 anos, 3ª fase IFSC)

Eu fiz o PIC, que é o curso quando passa da segunda fase [OBMEP] e eu fiz durante um ano, eu aprendi bastante coisa lá, era difícil o conteúdo, mas consegui aprender alguma coisa. (Luana, 14 anos, 9º ano)

eu consegui medalha de bronze, no sétimo também participei da Olimpíada, eu consegui menção honrosa, ano passado, no oitavo, consegui medalha de prata na Olimpíada de Matemática, e esse ano consegui passar para a segunda fase e também participei da Feira Municipal de Matemática [...] eu participei do PIC, três vezes já [...] Estudávamos mais assuntos de matemática, do ensino médio, [...] (Douglas, 14 anos, 9º ano)

Os estudantes que já haviam iniciado o ensino médio, trouxeram muitos aspectos sobre essa etapa da vida escolar, as diferenças e os desafios encontrados com essa transição do 9º para o ensino médio.

[...] no que eu entrei no IFSC eu tive muita dificuldade com o básico que eles exigiam, sabe eu percebi que eu não tava nem um pouco preparada, porque das minhas notas sei lá, 9,5 e 10, 9,5 e 10, primeira prova que eu fiz aqui tirei um quatro, quase entrei em depressão. (Gabriela, 18 anos, 6ª fase IFSC)

[...] aqui tem bastante horário para a gente tirar dúvida, é bom quanto ao ensino mesmo. Mas, aquela coisa de família, que a gente tinha de aconchego, de chegar e se sentir em casa na escola, talvez daqui uns anos eu me sinta assim aqui né, como eu me senti na EB, depois de um tempo, mas foi, foi um baque assim. (Juliana, 16 anos, 2ª fase IFSC)

É bem puxado [no IFSC], mas tô acompanhando. (Letícia, 16 anos, 2ª fase IFSC)

É uma coisa que eu percebo, é que quando as pessoas entram no IFSC elas ficam muito nervosas, porque elas nas outras escolas, que elas costumavam ser uma pessoa inteligente, elas costumavam conseguir fazer

as coisas com facilidade, [...] , daí elas chegam no IFSC, elas tem muita dificuldade de fazer as coisas, elas começam a se sentir mal, começam a sentir muita pressão, sabe, pensar que elas são burras, coisas assim, começa a ficar um clima bem difícil. (Maya, 15 anos, 2ª fase IFSC)

A relação com a família apareceu em todas as entrevistas. Os adolescentes valorizam e consideram a importância da família, especialmente das mães, que são as maiores referências que apresentam. Alguns apontam a vontade de ajudar a família de alguma forma, de dar orgulho concluindo os estudos. São colocadas as pessoas da família que mais incentivam, que são as referências em suas vidas. De acordo com Villas e Nonato (2014, p. 33) “[...] o papel da mãe, em especial, tem importância na transmissão de valores e crenças, nos direcionamentos das relações sociais e nos parâmetros de escolha, incidindo diretamente nos projetos de futuro dos jovens”. E complementam que “os jovens reservam à família um lugar de destaque, demonstrando esse lugar a partir da própria construção de seus projetos de futuro”. (p. 33)

São relatadas perdas de familiares, como mãe, pai e irmão, que trouxeram marcas grandes na vida desses adolescentes, mas que tiveram apoio e suporte de outros familiares para enfrentar e superar. Foram trazidas também algumas organizações/composições familiares.

E, eu quero ajudar, fazer o possível para ajudar minha família, já que eu sou a única pessoa que conseguiu chegar até lá na minha família [...] (Luiz, 15 anos, 9º ano)

No 4º, eu tive a perda da minha mãe, foi em 2013, [...] foi difícil porque, é uma pessoa que você leva pra vida toda, é uma pessoa, que você quer tá do lado todos os dias, uma pessoa que você ama, que te educou, [...] E... minha mãe era uma mulher muito guerreira, que hoje eu levo pra vida toda, lembro dela. [...] Eu queria que a minha mãe tivesse aqui. (Luiz, 15 anos, 9º ano)

[...] eu nem dava importância para estudos, mas depois, [...] que eu fui pro 5º, 6º ano, aí aconteceu a tragédia de eu perder meu irmão, eu fiz um propósito para ele, prometi para ele que eu ia continuar né, estudando pra ser um Doutor que ele queria. (Vinícius, 14 anos, 9º ano)

eles [a família] me apoiam bastante. Sempre falaram pra mim estudar bastante, buscar uma faculdade boa, um futuro promissor. A minha madrastra, ela sempre me ajudava nos estudos e graças a ela que eu consegui pular o primeiro ano, porque ela que me ensinou a ler e escrever. [...] (Douglas, 14 anos, 9º ano)

[...] a minha mãe sempre colocou na minha cabeça que o estudo é o mais importante. [...] (Mariana, 16 anos, 3ª fase IFSC)

[...] meu pai me apoiou bastante, minha mãe também, eles me incentivavam bastante, eles falavam “estuda, você vai conseguir, você tem essa capacidade”. (Catarina, 16 anos, 2ª fase IFSC)

[...] o meu irmão depois de passar no Enem, tá fazendo direito agora, ele falou assim “tenta fazer isso”, ele que me indica tudo, é praticamente um guia [...]. (Lucas, 16 anos, 2ª fase IFSC)

E, lá na minha mãe, sempre foi meio complicado, porque é um apartamento de um quarto, por isso... tem eu, tenho dois irmãos e a minha mãe, então essa coisa de tipo, ah estudar, ter uma priva... ter teu quarto, teu espaço, ali pra fazer tuas coisas eu nunca tive. (Henrique, 16 anos, 1ª fase IFSC)

Eu morei com eles [os avós] desde que eu nasci, tipo, eles me criaram desde que eu nasci. [...] Nunca passei mais de um mês junto com ela [a mãe], o que era bem difícil. (Sofia, 15 anos, 1ª fase IFSC)

Com relação aos amigos foram relatadas as dificuldades em fazer amizades, especialmente quando ocorriam as mudanças, mas também por timidez ou se sentir excluído, conforme relatos abaixo.

[...] nunca tive muito amigo e eu era bem excluída podemos dizer, não era muito sociável. Porque falava um pouco errado, eu tinha vergonha, eu não conseguia falar o “R”. [...] Fiz poucos amigos, não muito, nunca fui uma pessoa de ter muitos amigos na escola. (Pietra, 14 anos, 9º ano)

[...] quando eu entrei lá eu não tinha amigo nenhum, eu não conhecia ninguém. (Juliana, 16 anos, 2ª fase IFSC)

No sexto ano, foi bem complicado, foi o período que foi difícil de fazer amigos, porque no quinto ano eu até fui aceita, mas no sexto ano foi bem complicado. (Catarina, 16 anos, 2ª fase IFSC)

No início era bem complicado, eu demorava muito pra fazer amigos assim, porque na verdade, eu faço amigos quando eles chegam em mim, não quando eu chego neles. (Mariana, 16 anos, 3ª fase IFSC)

Histórias de amizades marcantes, significativas ao longo da vida escolar, aquelas que duraram por muito tempo, aquelas que se afastaram com a mudança de escola não faltaram nos relatos:

No quarto ano, daí já conheci algum dos amigos que tão aqui até hoje, acho que melhorou a vivência aqui na escola, porque antes não tinha tantos amigos assim. [...] (Douglas, 14 anos, 9º ano)

[...] de todas as escolas que eu passei, a [escola de 9º ano] foi a única que eu tenho amigos até hoje, os estudantes de lá são incríveis, sei lá... eu sinto muito falta das amizades que eu fiz lá. (Mariana, 16 anos, 3ª fase IFSC)

Mas, aí o tempo foi passando eu fui fazendo amizade e o bom de lá é que, gente que eu estudava no 3º ano, foi gente que tava comigo até o nono. Então, foi... eu tive amizade lá, que fico até meio triste, que cada um foi pra um lado agora, né. (Henrique, 16 anos, 1ª fase IFSC)

Primeiro semestre, eu fiz duas amigas, dizem que as melhores amigas são sempre três, acho que era bem assim, fiz duas amigas, normalmente a gente tá juntas, porque elas são mais nerds, assim, elas também querem estudar, querem passar. (Maya, 15 anos, 2ª fase IFSC)

Ao longo das falas foi possível captar de forma mais específica como os estudantes se representavam, indicando suas autoimagens. Algumas relacionadas à aspectos de estudo ou à escola, como o medo de reprovar, medo de não achar a sala no primeiro dia de aula, o quanto se dedica aos estudos, como descobriu o seu próprio jeito de aprender e isso facilita a aprendizagem e o sucesso escolar, e apareceu também o não gostar de estudar.

eu sempre tive medo de reprovar, o que é uma coisa muito triste pra uma pessoa que, você vai tá repetindo mais um ano. (Luiz, 15 anos, 9º ano)

Eu gosto muito de estudar, gosto de ler, gosto de fazer trabalhos, eu sou muito organizada em relação à trabalhos, eu tudo certinho, eu gosto sempre de fazer sempre dias antes, pra nunca ficar em cima da hora. [...] sempre fui uma excelente aluna. (Débora, 14 anos, 9º ano)

[...] todo começo de ano eu sempre tenho esse medo, até hoje, de não achar a minha sala, eu sou muito paranoico. (Henrique, 16 anos, 1ª fase IFSC)

[...] eu tenho bastante facilidade, comparado com as outras pessoas, mas é estranho, porque eles pensam que é fácil para mim, mas não é, é só que eu aprendi o jeito que funciona para mim, eu aprendi como eu decoro as coisas, como eu consigo estudar, [...] sabe, eu presto atenção na aula e eu consigo aprender aquilo e lembrar depois, então isso faz bastante diferença. [...] (Maya, 15 anos, 2ª fase IFSC)

[...] eu também sou um pouco chata para estudar, eu não gosto de estudar, e pro IFSC o estudo é muito reforçado, daí eu tenho medo de me, tipo, ter que me afundar muito no estudo, sabe (Pietra, 14 anos, 9º ano)

Com relação a autoimagem de questões pessoais, algumas qualidades foram apontadas e algumas dificuldades com o relacionamento interpessoal.

Eu fico feliz, às vezes de falar coisas bonitas e tals... cara o [Luiz] é um cara legal pô, ele é um cara de exemplo de vida, [...] (Luiz, 15 anos, 9º ano)

E eu sempre fui uma pessoa muito comunicativa, sempre tive muitos amigos, e facilidade de conhecer novas pessoas, e eu também sempre tive um lado artístico muito desenvolvido, então eu gostava de pintar, gostava de escrever poemas e, essa sempre foi a minha praia. (Gabriela, 18 anos, 6ª fase IFSC)

[...]eu nunca fui de ter muitos amigos, sempre fui bastante antissocial e, eu odiava na verdade o comportamento das pessoas, porque pra mim elas sempre pareceram muito imaturas. (Catarina, 16 anos, 2ª fase IFSC)

[...] eu era muito medroso, eu tinha medo de sair, de perguntar, de falar com gente que eu não conheço [...] aí eu ficava na minha, não fazia nada. (Henrique, 16 anos, 1ª fase IFSC)

[...sou] uma pessoa muito orgulhosa eu admito isso e sempre tento fazer as coisas do meu jeito, só eu posso fazer aquilo, só eu consigo e não aceito ajuda, o que é um problema muito grande. Aí depois eu tenho que pisar no meu próprio orgulho, no meu próprio ego e aceitar. (Sofia, 15 anos, 1ª fase IFSC)

As motivações para estudar no IFSC apareciam relacionadas às influências dos amigos ou familiares, para a escolha, conforme trechos abaixo.

E, foi tipo influência da família e amigos que estudavam, que já estudaram lá. (Luana, 14 anos, 9º ano)

[...]uma coisa que me incentivou de ir lá é minha família (Luiz, 15 anos, 9º ano)

É veio da influência da minha mãe, minha mãe quer que eu escolha uma escola técnica, por tanto que ela quer que eu faça a prova. (Vinícius, 14 anos, 9º ano)

Elas [duas amigas] me influenciaram bastante, porque tipo elas tavam falando a o IFSC é muito bom, muito bom! E, dá pra ver mesmo né, porque

a Mariana conseguiu ir pra lá e, realmente, nossa o IFSC é muito bom! (Manoela, 14 anos, 9º ano)

A escolha do IFSC, foi uma escolha minha porque eu sempre achei o aprendizado do IFSC bom, aí seria bom pra mim, porque eu quero fazer faculdade, essas coisa. Aí, eu vi que no IFSC tem mais cursos, aí poderia me ajudar no currículo, essas paradas. Daí seria bom pro futuro né? (Matheus, 15 anos, 9º ano)

As expectativas para estudar no IFSC apresentavam-se sempre positivas em relação ao ensino, às amizades, à perspectiva de trabalho. Aqueles que já estavam no IFSC ou relatavam não ter tido expectativa ou apresentaram as frustrações por ter uma expectativa muito grande.

E, a expectativa é passar na prova. (risos) [...] Edificações. [...] eu vejo que é um ensino bom, tem o curso técnico, a escola é grande, tem uma estrutura boa. E, quem estuda lá, fala que é um colégio bom. (Luana, 14 anos, 9º ano)

A expectativa tá bem alta, acho que vai ser um bom ensino médio lá [...] depois de sair de lá eu acho que eu já consigo um emprego bom aí, assim que eu sair de lá eu já quero fazer a faculdade de engenharia. (Douglas, 14 anos, 9º ano)

[...]vi que é uma escola muito boa, tem professores excelentes, e eu pretendo passar né, pra ver se eu consigo, espero que eu passe. (Débora, 14 anos, 9º ano)

Eu não esperava sofrer tanto (risos), porque é muito conteúdo. (Catarina, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Eu imaginava que ia ser melhor do que é, na verdade. Eu criei uma expectativa muito grande, acho que por isso, talvez eu fico um pouco decepcionada, quando eu entrei, assim. Porque, eu achei, como eu vim da [escola do 9º ano] e eu fiquei desde a primeira série lá, eu tinha uma base de escola, outra coisa, eu achei que era aquilo, que era uma família [...] (Juliana, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Ao valorizar os momentos de transição e buscar uma escuta atenta aos adolescentes sobre seus projetos de vida, percebe-se como suas trajetórias se repercutem na projeção que fazem para sua vida. No próximo tópico serão apresentados os projetos de vida que os adolescentes fazem nesse momento.

3.5 Os Projetos de Vida dos adolescentes

Os sujeitos dessa pesquisa vivem uma fase de mudanças e nela o amadurecimento vai se fazendo presente, iniciando-se uma fase de autoconhecimento e percepção do entorno e das responsabilidades que estavam por vir. Aqueles que já ingressaram no ensino médio, demonstraram mais apropriação dessa fase da vida, de mais responsabilidade e conscientes do que estão vivendo e do que projetam para si.

No entanto, todos os entrevistados, apresentaram projetos claros e detalhados para o futuro, seja de um, três ou dez anos. Alguns com mais insegurança, por saber que é um projeto de algo tão longínquo e não necessariamente o que vai acontecer, já outros com ênfase e determinação de que aquele é o futuro que projetam e trabalham para que aconteça.

Todos vivem uma fase de construção de identidades, em que Dayrell (2004, apud VILLAS, NONATO, 2014, p. 18) apresenta como

[...] uma construção que cada um de nós vai fazendo por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros, a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais, de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo.

O contexto dos adolescentes, as experiências que vivenciam, as relações que estabelecem são intensas e ao mesmo tempo vivas, nessa fase, novas relações estão sendo estabelecidas, pois trata-se de um novo momento da vida, em que deixaram a pouco de serem crianças e começam a se colocar no mundo de uma forma diferente. Nesse contexto, surgem relatos de mais conflitos com a mãe ou até mesmo com colegas, por ter pensamentos divergentes.

Com relação ao futuro que se projeta diante de suas expectativas, observa-se que ele se representa a partir de suas vivências, de suas realidades. Para Klein e Arantes (2016, p. 140) “Ainda que projetos se orientem para o futuro, eles são pensados e formulados no tempo presente, tendo por base experiências e oportunidades vividas e significadas no tempo presente”. Assim, as projeções que os adolescentes fizeram, foram todas a partir daquele ponto da vida e do que valorizam como importante naquele momento. As projeções feitas para três e dez anos, eram

baseadas na realização do projeto para o ano seguinte, mostrando coerência e lógica no desenvolvimento dos projetos de vida.

No entanto, é importante refletir que a lógica traçada nesse momento pode ser muito retilínea e não pensada para acompanhar as vicissitudes da vida. Como pode-se refletir a partir da tirinha abaixo.

Figura 1: Projeto de vida.



Fonte: VILLAS, NONATO, 2014, p. 23.

Ter mais de um projeto em mente, saber que o projeto principal pode não acontecer e ter outros planos para contornar ou chegar ao objetivo principal apareceu em algumas entrevistas conforme se vê no relato de Gabriela, que dali a um ano estaria se preparando para o vestibular e já pensava em mais de uma possibilidade.

[...] então daqui um ano eu vou fazer o vestibular, e... provavelmente eu vou ter que fazer os daqui também, se não os meus pais me matam. (risos). [...] Mas, se eu aplicar pra fora e se for muito exorbitante, porque lá todas as universidades são pagas nos Estados Unidos, e se eu não conseguir muitas bolsas, eu pretendo trabalhar um tempo e depois ingressar em uma faculdade. E também tem a opção de estudar no Ita, em São Paulo, também tô estudando para lá, que seria uma universidade que eu gostaria de ter uma experiência lá dentro, eu acho que eles têm potencial para formar bons profissionais e também abrem o teu mercado de trabalho. [...]

pretendo seguir na área de engenharia elétrica. (Gabriela, 18 anos, 6ª fase IFSC)

Viviane também apresentava um plano B para sua vida, pensando a longo prazo, dali a dez anos.

Eu imaginei fazer inglês, fazer o intercâmbio, até fazer a faculdade, sei lá, fazer o 4º ano, porque lá tem quatro né, lá nos Estados Unidos, daí eu consegui me formar obviamente, e procurar alguma coisa assim, que eu queira. Mas, se não der certo, a gente tem que ter o plano B, eu tava pensando em fazer [...] radiologia. Pensei ó é bacana, acho legal, isso se não der certo né. (Viviane, 15 anos, 9º ano)

Apesar de as mudanças terem pautado a maioria das trajetórias de vidas, elas não aparecem como empecilhos ou incertezas nas projeções de futuro. As duas estudantes acima relataram o interesse de cursar faculdade nos Estados Unidos, para ter uma melhor formação. E, outras duas relataram a possibilidade de viver em outra cidade após se formar, conforme relato de Maya e Pietra.

Ah totalmente diferente. Daí já vou tar morando sozinha. Não sei se eu me mudaria de cidade de novo. Eu queria trazer a família para cá, mas se eles não vim pra cá, talvez eu vá morar [...] Daí ficaria nessa de mudança (Pietra, 14 anos, 9º ano)

Eu penso muito em ir pra faculdade militar, fazer Engenharia, que daí onde tem é no Rio de Janeiro né, que é mais tranquilo, eu posso dormir lá dentro, que é seguro. [...] Não tenho muitas expectativas assim. Não sei se eu vou estar em Florianópolis também, meus pais nunca assim, tiveram esse negócio, [...] de ter o filho perto deles [...] (Maya, 15 anos, 2ª fase IFSC)

Ao longo da narrativa sobre os projetos de vida, havia uma constante afirmação de que não se sabe ao certo, é muito longe, distante, que ainda não têm como ter certeza sobre o projeto. Como colocam Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1081) “diante de um cenário marcado pelas incertezas, a grande maioria elaborava seus projetos na forma de sonhos. E o sonho de uma vida melhor, mais digna, onde pudessem se realizar como jovens e como cidadãos”. Acompanhando os relatos a seguir é possível ver:

[...] e eu pretendo fazer a faculdade, mas eu não sei ainda, eu tô meio em dúvida do curso que eu quero escolher, mas, eu pretendo fazer. Eu pensei em fazer Direito [...]. (Juliana, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Mas, eu também consigo me imaginar trabalhando no restaurante, porque meu pai trabalha num restaurante, por exemplo no fim desse ano eu vou tá trabalhando no restaurante, na temporada. Então, eu também consigo me imaginar. Mas, é que são 10 anos né... é muito difícil imaginar isso. (Manoela, 14 anos, 9º ano)

Sempre, quando eu era mais nova eu queria ser veterinária na questão dos animais, daqui a pouco eu queria ser médica, mas o estudo era muito reforçado e aos poucos eu acabei pensando, mas nunca tem uma ideia, não consigo parar e pensar só numa coisa. (Pietra, 14 anos, 9º ano)

[...] mas, saber, tipo assim, bem certinho o que eu vou querer, porque tipo, eu tenho 15 anos e eu não sei o que eu quero direito. (Viviane, 15 anos, 9º ano)

Sei lá, não sei exatamente o que dizer daqui a 10 anos, só vou indo. (Sofia, 15 anos, 1ª fase IFSC)

Eu imagino que já vou estar mais firme na minha vida, eu já vou ter encontrado mais uma direção pra onde eu vou, já vou estar na faculdade, já vou estar com meu objetivo de vida mais claro pra mim. (Maya, 15 anos, 2ª fase IFSC)

Para Leão, Dayrell, Reis (2011, p.1072) “falar em projeto é referir-se a uma determinada relação com o tempo, em especial o futuro, e especificamente as formas como a juventude lida com esta dimensão da realidade”. Sobre seus projetos de continuidade de estudos foram apresentadas as intenções de cursos superiores que os adolescentes gostariam de fazer.

Começando pelos estudantes de 9º ano, Manoela gostaria de ser Bióloga, mas não quer fazer faculdade, conforme seu relato.

Tipo, eu não quero fazer faculdade, porque eu acho que faculdade demora demais, e é só na teoria né. E curso técnico é mais tipo, na prática sabe, então eu quero fazer um curso técnico longo também, mas não tão longo e... então tipo eu quero ser bióloga. Então eu me imagino sendo bióloga. (Manoela, 14 anos, 9º ano)

Douglas, quer fazer duas faculdades, de Engenharia e Arquitetura, talvez no exterior.

Ah eu pretendo fazer duas faculdades né, pelo menos por enquanto que é fazer Engenharia e Arquitetura. E, com o cancelamento das matérias, tem como fazer a faculdade de Arquitetura com dois anos né, então eu acho

que vou ter me formado nessas duas faculdades. (Douglas, 14 anos, 9º ano)

Pietra, já pensou em medicina e veterinária, mas sabe que o estudo é mais exigido nesses cursos e não gosta muito de estudar.

Sempre, quando eu era mais nova eu queria ser veterinária na questão dos animais, daqui a pouco eu queria ser médica, mas o estudo era muito reforçado e aos poucos eu acabei pensando, mas nunca tem uma ideia, não consigo parar e pensar só numa coisa. (Pietra, 14 anos, 9º ano)

Vinícius teve um propósito na vida, após a perda do irmão, que era ser doutor. Então se via dali dez anos

Trabalhando já, com o próprio consultório ou até mesmo no hospital ajudando os outros né, claro. (Vinícius, 14 anos, 9º ano)

Matheus colocou que gostaria de fazer medicina, nos planos dali três anos, mas sem certeza ainda.

Vou tá me formando né, vou ter que decidir a faculdade. [...] eu pensei em fazer medicina, que é algo que eu gosto. (Matheus, 15 anos, 9º ano)

Luiz não relatou alguma faculdade, mas que quer continuar evoluindo na vida.

[...] é o sonho de toda pessoa ter 18 anos, que primeiro que a pessoa fica livre né, aspas, mas eu não sei, não tenho muito o que falar. Só imagino, sendo cara grande, evoluindo mesmo escutando as mesmas coisas, mas sempre evoluindo. (Luiz, 15 anos, 9º ano)

Viviane tem consciência de que quer fazer alguma faculdade, mas ainda não sabe ao certo.

[...] até, tipo 4 meses atrás, eu queria ser Engenheira, eu queria ser Arquiteta, eu queria... aí agora eu olho, e digo “não, isso não tem nada a ver comigo”, entende? Daí eu me imagino com 18 anos, uma pessoa que quer, que sabe mais o que quer, e quer... entendeu? É mais ou menos isso. (Viviane, 15 anos, 9º ano)

Bianca gostaria de fazer enfermagem, mas sem especificar os motivos dessa escolha.

Eu imagino terminar meus estudos, fazer uma faculdade e, é isso. [...] Fazendo enfermagem. (Bianca, 15 anos, 9º ano)

Luana apresenta como perspectiva fazer alguma Engenharia, e por conta disso, optou tentar passar em Edificações no IFSC, por se aproximar da área de Engenharia.

É que eu gosto da área de engenharia daí eu queria fazer para ver se eu realmente vou gostar de Engenharia e talvez fazer uma faculdade. (Luana, 14 anos, 9º ano)

Débora tem clareza de que quer fazer Odontologia e diz que no ano seguinte quer começar a trabalhar para guardar dinheiro para a faculdade, que sabe que é cara.

[...] eu me vejo trabalhando né, já consigo guardar o dinheiro para ajudar minha mãe a pagar a faculdade também.

Em dez anos se vê uma excelente profissional.

Formada, já trabalhando num consultório de Odonto, sendo uma dentista excelente, profissional ajudando pessoas. Pretendo ser uma ótima profissional, espero. (Débora, 14 anos, 9º ano)

Os projetos de continuidade de estudos dos estudantes que estão no ensino médio aparecem a seguir.

Henrique diz que sempre se interessou por Medicina, mas não quer parar de trabalhar e sabe que o curso é integral, então está pensando em fazer Direito.

[...] eu pretendia fazer medicina, só que o problema da medicina é que é faculdade integral. Então, eu já tô começando a repensar, [...] acho que eu vou acabar fazendo Direito, porque eu gosto muito de ler, e de escrever (Henrique, 16 anos, 1ª fase IFSC)

Gabriela é a participante da pesquisa que estava mais próxima da finalização do ensino médio, que acaba na 8ª fase. Já apresentava planos mais concretos sobre onde estudar, conforme já apresentado anteriormente.

Eu já estou estudando pro SIT, que é o vestibular dos gringos, então tô me preparando pra aplicar pra uma universidade pra fora do país. Não sei ao certo qual ainda, estou pesquisando as Universidades [...] E também tem a opção de estudar no Ita, em São Paulo, também tô estudando para lá, que seria uma universidade que eu gostaria de ter uma experiência [...] pretendo seguir na área de engenharia elétrica. (Gabriela, 18 anos, 6ª fase IFSC)

Mariana ainda não sabe ao certo se tentará Medicina ou Engenharia Química, mas tem projeto de Mestrado e Doutorado.

Eu quero fazer vestibular para Medicina ou pra Engenharia Química. [...] E, eu quero ingressar, sei lá, eu quero a minha carreira completa bem cedo, eu quero já ingressar num mestrado, num doutorado assim que eu puder. Eu sei que isso é muito difícil, então eu estudo pra caramba. (Mariana, 16 anos, 3ª fase IFSC)

Letícia não desenvolveu muito sua narrativa durante a entrevista, mas quando questionada sobre o curso que pretende respondeu que

[...] alguma engenharia, mas não decidi qual. (Letícia, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Juliana colocou certo interesse por Direito, mas ainda sem certeza disso.

e eu pretendo fazer a faculdade, mas eu não sei ainda, eu tô meio em dúvida do curso que eu quero escolher, mas, eu pretendo fazer. Eu pensei em fazer Direito, [...]. (Juliana, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Catarina colocou como algo de certa forma distante a entrada na faculdade.

Eu pretendo fazer vestibular ainda, não sei porque, mas eu tenho essa pontinha de esperança. [...] Faculdade que gostaria: Psiquiatria (Catarina, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Maya ainda não se decidiu se fará Engenharia ou Economia, mas quer fazer algo útil para a sociedade e sabe que não pretende seguir no curso técnico que está fazendo.

[...] Eu penso muito em ir pra faculdade militar, fazer Engenharia [...] Mas, eu também me interessou muito por economia, [...] eu quero mudar alguma coisa, eu quero fazer alguma coisa útil assim, então eu não sei se engenharia é muito isso, se eu for pra engenharia, provavelmente vai ser para alguma área de sustentabilidade, me interessou muito por isso, acho muito problemático... Assim, mas, eu vou estar indo pra faculdade com certeza, eu não quero seguir eletrotécnica. (Maya, 15 anos, 2ª fase IFSC)

Lucas disse não saber que curso fazer, mas pretende ser Programador ou Analista de Sistemas.

Eu me imagino em alguma empresa trabalhando como programador ou analista de sistemas, sei lá. É que é muito, pode mudar muito ainda, então não tem forma definida. (Lucas, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Sofia está mais focada em conseguir acabar o ensino médio, mas apresentou interesse em fazer Engenharia.

os únicos pensamentos que eu tenho agora é só o meu diploma e depois disso outros, outras, claro, tem a faculdade, [...] Engenharia, é engenharia, eu acho bem legal, porque eles usam aquelas máquinas. (Sofia, 15 anos, 1ª fase IFSC)

Com os relatos de cada participante da pesquisa, pretende-se dar visibilidade a parte dos projetos de vida de cada um, no que se refere à continuidade dos estudos no ensino superior. O que reflete as perspectivas que os adolescentes possuem com relação ao seu futuro a médio e longo prazo. A entrada no ensino superior não se apresenta distante da realidade da maioria dos entrevistados, ao contrário, parece ser o caminho certo a seguir. No entanto, sabe-se que nem sempre os projetos feitos agora poderão de fato, ser contemplados, visto que

De fato, a viabilidade dos projetos de futuro vai depender do campo de possibilidades no qual o jovem vivencia seus desejos, mapeia trajetórias, desenha e redesenha escolhas. Desse modo, o campo de possibilidades compreende as alternativas possíveis de serem sonhadas e desejadas, individual ou coletivamente, no contexto sociocultural no qual os sujeitos estão inseridos. Assim, o campo de

possibilidades delimita ou potencializa um projeto de futuro, pois diz respeito às possibilidades reais que os jovens têm para construir seus projetos. (VILLAS, NONATO, 2014, p. 21)

A perspectiva de ter uma vida confortável, adquirir imóvel, carro, morar sozinho e ser independente foi constante nas narrativas, e chamou a atenção a projeção de riqueza que alguns adolescentes colocaram. Observa-se essas questões nos relatos a seguir.

Ah, eu gostaria de já tá um pouco bem na vida né, ter minha própria casa, uma família. (Matheus, 15 anos, 9º ano)

[...] formada já, trabalhando, com a minha própria casa, e acho que só... morar sozinha e deu. (Luana, 14 anos, 9º ano)

Hum... como todo jovem pensa em ser rico né. Mas, tipo a gente não pode pensar nisso, porque não, talvez não seja isso, a gente pode até ser, ter aquela grana [...]. (Luiz, 15 anos, 9º ano)

Ah, num iate em Jurerê. [...] Bom, eu pretendo ter um apartamentinho [...] Je pretendo estar estudando ainda, porque nem que seja curso, não precisa ser faculdade, só para eu conseguir ir crescendo na área né, ganhar mais dinheiro e tal, porque o objetivo da vida é ficar rico. Então eu pretendo um dia chegar lá. Mas, com 26 anos, não sei, ter a minha casinha, ter meu carro, meu espaço, o meu salário para poder, sei lá, comer fora quando eu quiser, quero viver bem, só isso. (Henrique, 16 anos, 1ª fase IFSC)

Ah daqui a dez ano eu quero estar muito rica, sério mesmo e, eu não vejo nada que me impeça de conseguir isso, sabe. Eu tenho, já tô começando a investir o meu dinheiro, já tenho noções básicas de aplicação (Gabriela, 18 anos, 6ª fase IFSC)

Ah, eu me imagino plena, numa boa condição financeira, sem muitas preocupações. (Catarina, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Ah, bem linda, cheia de vida, trabalhando na área da minha faculdade daí né, se eu tiver concluído ela, e morando sozinha, bem feliz. (risos) (Juliana, 16 anos, 2ª fase IFSC)

Poucos trazem sobre constituição de família nos seus planos.

eu espero realmente ter mais responsabilidade e espero ter aquele pensamento de ter, sei lá, uma família talvez e contar pra eles que o que acontecer comigo pelo que eu passei, pelo o que eu conquistei, tudo mais, e fazer com que eles tentem fazer algo também parecido. (Sofia, 15 anos, 1ª fase IFSC)

[...] ter minha própria casa, uma família. (Matheus, 15 anos, 9º ano)

[...] ter a vida própria, a sua mulher como sempre, ter filhos. Eu não quero ter filho muito cedo (Luiz, 15 anos, 9º ano)

O futuro apareceu nas narrativas mais voltados à carreira e vida acadêmica. A constituição e formação de família, ter filhos não foi apresentado de forma recorrente ou clara. Parece ainda algo muito distante da realidade dos entrevistados.

Os projetos para um ano se apresentavam de forma mais clara e real, os estudantes de 9º ano por exemplo, tinham claro que no ano seguinte estariam no IFSC e os planos partiam dessa realidade. Já os que estavam no IFSC, projetavam a continuidade de estudos naquela instituição no ano seguinte.

Para três anos depois os planos estavam voltados ao vestibular ou a estar cursando faculdade. Já não tão certos desse futuro, por se mostrar mais distante da realidade vivida. Porém, alguns certos de que curso gostariam de seguir e outros com propostas de cursos que mais gostariam de fazer, mas ainda não certos da escolha. A única certeza para todos é que deverão cursar uma faculdade.

Já quando questionados sobre os projetos para dez anos, de início ficavam reflexivos, achando graça da pergunta, por ser algo tão distante, mas a partir das projeções de um e três anos eles elaboravam um projeto para dez anos, voltados a vida profissional, acadêmica e pessoal.

Realizar as entrevistas e ouvir o que os adolescentes tinham a dizer foi uma experiência enriquecedora e que permitiu reconhecer a maturidade que eles têm ao falar de si e de seus planos para o futuro. Dar voz ao adolescente os empodera e ajuda na reflexão sobre si mesmos. Cada um, elabora a seu modo o que é possível vislumbrar diante das situações vividas tanto intra como extraescolar. Cabe aqui destacar o que coloca Leão, Dayrell e Reis (2011, p.1079)

Talvez a melhor forma de caracterizar os projetos de vida destes jovens seja através da metáfora do bricoleur. Para Levi Strauss (1989), o bricoleur é aquele que executa um trabalho com as próprias mãos, empregando os materiais disponíveis, adaptando-os para construir passo a passo o equipamento necessário. Sem ter um projeto muito claro no início, ele vai sendo construído ao sabor do momento, lançando mão de peças disponíveis e que não tem nenhum emprego pre-determinado. Os resultados do trabalho construído são, portanto, contingentes, podendo inclusive ser diferentes da intenção inicial. Assim, os projetos de vida tendem a ser elaborados na medida da

experimentação de si no contexto de um determinado campo de possibilidades, sem metas rígidas, em um processo de exploração marcado pela provisoriedade.

Cabe, finalmente destacar a relevância da continuidade de pesquisas sobre projetos de vida dos adolescentes, considerando que esse exercício de pensar no futuro pode em muito contribuir no sentido de os motivarem em relação a uma atitude positiva perante a vida. As produções sobre projetos de vida que foram encontradas dirigem seu foco mais uma vez para os estudantes do ensino médio, revelando a ausência das vozes dos adolescentes que frequentam o último ano do ensino fundamental e que também nessa fase se colocam diante de escolhas que precisam fazer, num momento de desenvolvimento também carregado de transformações em muitas direções.

4 PRODUTO EDUCACIONAL – EMERGINDO AS VOZES ADOLESCENTES

O produto educacional aplicado, é um requisito e exigência dos mestrados profissionais em educação, conforme documento de área de ensino da CAPES.

Os cursos de Mestrado Profissional [na Área de Ensino] [...] se destinam aos profissionais da Educação Básica, e geram produtos educacionais disponibilizados nos sites dos PPG para uso em escolas públicas do país, além das dissertações e artigos derivados do relato descritivo e analítico destas experiências. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2016, p. 6)

A pesquisa ora apresentada fundamenta-se significativamente a favor dos adolescentes, da necessidade de terem seu espaço garantido, de terem suas vozes ouvidas.

Pretendeu-se que os próprios participantes da pesquisa, na etapa do Grupo de Trabalho, elaborassem em conjunto, com suporte e mediação da pesquisadora o produto educacional dessa pesquisa. Um produto que expressasse suas vozes no que diz respeito aos espaços que eles ocupam ou não na escola, na sua escolarização e na sociedade.

Sendo assim, em dois produtivos encontros foram abordados temas como adolescência e escola, até se chegar às necessidades vindas dos adolescentes da pesquisa para o momento de transição ao qual estavam prestes a passar. A grande problemática do grupo naquele momento era ter um espaço de estudos para a prova do exame de classificação do IFSC, que estava prestes a acontecer. Assim, surgiu a proposta de um curso preparatório *online*, com vídeos dos conteúdos da prova, exercícios e simulados de provas anteriores. A seleção das videoaulas e exercícios foi realizada pelos adolescentes de acordo com o que eles mais consideraram interessante.

Nesse capítulo será apresentado todo o processo de desenvolvimento do produto educacional. Mas, antes disso, será contextualizado o trabalho realizado nos encontros do grupo de trabalho e algumas produções decorrentes desses encontros, buscando uma aproximação anterior que permitisse a criação de vínculos mais consistentes com os participantes do grupo de trabalho.

4.1 Os encontros do grupo de trabalho

Quando as entrevistas foram finalizadas, foi proposto ao grupo dos estudantes entrevistados, algumas datas para os encontros do grupo de trabalho, sendo assim o dia que teria maior número de participantes seria segunda-feira, no fim do dia. Assim, ficou marcado o primeiro encontro para dia 29 de outubro de 2018, uma segunda-feira, das 17:30h às 19:30h, na escola municipal *locus* da pesquisa.

Nesse encontro foram 8 estudantes, todos de 9º ano, aqueles que eram do ensino médio e haviam confirmado não puderam comparecer. Assim, o grupo ficou constituído por aqueles que estavam nos últimos meses de ensino fundamental, prontos para a transição entre o 9º ano e o ensino médio. Como havia sido selecionado para essa pesquisa os estudantes que tinham interesse em ingressar no IFSC, todo aquele grupo tinha algo em comum, a prova que iria acontecer cerca de um mês depois.

No encontro havia 8 estudantes de três turmas diferentes, eles estavam bem a vontade e dispostos. A maioria já se conhecia e logo que iniciou o encontro já se identificaram como os que querem ir para o IFSC. Eles ficaram chateados de não ter vindo nenhum dos participantes que já estudavam no IFSC, pois estavam com a expectativa de saber um pouco mais sobre os cursos e as aulas no IFSC.

No encontro eles foram informados novamente sobre a proposta do mestrado, cujo foco era dar voz e visibilidade aos adolescentes. Sendo assim, iniciou-se com a proposta de saírem pela escola ou arredores para fazer duas fotos, uma que representasse a escola ou sua trajetória escolar e outra que representasse a adolescência. No retorno à sala, os estudantes socializaram com o grupo suas fotografias feitas e os motivos daquela escolha de imagem.

Eles conseguiram captar bem a proposta e foram criativos na busca das imagens. Muitos trouxeram a relação da adolescência com a liberdade, de terem mais liberdade hoje do que quando crianças. Na maioria das falas, demonstravam gosto por esta fase da vida. Sobre a escola também surgiu a questão da liberdade, mas de forma diferente, às vezes se sentem presos na escola, mas também é onde tem liberdade de fazer e estar com os amigos. Trouxeram as amizades, os encontros e a aprendizagem relacionados à escola.

Para facilitar o registro das falas dos estudantes, o encontro foi gravado em áudio, para que posteriormente fossem transcritos e suas falas selecionadas na

elaboração de um material gráfico, que foi apresentado na mostra cultural da escola municipal pesquisada no final de 2018. Esse material foi feito a partir da ferramenta disponível *online*, Canva, que permite de forma prática e rápida a edição de materiais gráficos.

Foram feitos dois materiais, o primeiro sobre a escola para os adolescentes, o segundo sobre a adolescência da visão dos adolescentes, em três páginas cada um, em que foram inseridas as imagens junto aos recortes das falas dos adolescentes quando apresentaram a fotografia feita ao grupo. Conforme pode-se ver abaixo.

Figura 2: A escola para os adolescentes página 1.

A ESCOLA PARA OS ADOLESCENTES

A escola dá bastante liberdade, e ao mesmo tempo não dá. Meio que a gente tá preso, tem que ficar trancado na sala. Se a gente pudesse ficar ao ar livre...



"Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados".



A escola é onde se aprende a ter caráter, onde se cria novas amizades. Lugar de liberdade para falar com os nossos amigos, lugar de intimidade, reunião, de estar junto.

Figura 3: A escola para os adolescentes página 2.

A ESCOLA PARA OS ADOLESCENTES

Representam a escola, porque elas cuidam, elas limpam e ensinam a gente a cuidar da escola.



Parte de um livro para poder entender uma história ou um objetivo que se quer seguir. Busca por conhecimento.

Figura 4: A escola para os adolescentes página 3.

A ESCOLA PARA OS ADOLESCENTES



O fruto que a educação gera na vida das pessoas, sempre vai ter um resultado positivo.



A escola é o aprendizado de boa parte da vida. É algo necessário!

MATERIAL PRODUZIDO COM FOTOGRAFIAS E FALAS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA DE MESTRADO "AS TRAJETÓRIAS ENTRE O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO NA VOZ DOS ADOLESCENTES: EM BUSCA DE UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL"

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 5: A adolescência para os adolescentes página 1.

A ADOLESCÊNCIA PARA OS ADOLESCENTES

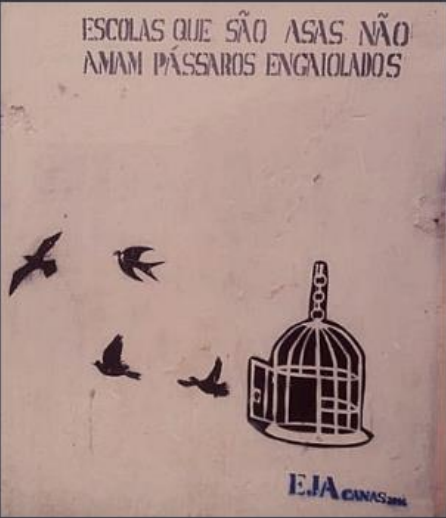


As pessoas têm mais liberdade na adolescência do que na infância.



LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Cada adolescente tem seu jeito de expressar, independente da forma que for.



Cada um tem seu ESTILO. Deve fazer o que gosta!

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 6: A adolescência para os adolescentes página 2.

A ADOLESCÊNCIA PARA OS ADOLESCENTES



Hoje a gente só vê os adolescentes mexendo no celular toda hora.

Crianças abandonando a infância para mexer na internet, para ficar conectado.



Momento que tá todo mundo na rua: união, fraternidade, brincadeira.

Figura 7: A adolescência para os adolescentes página 3.

A ADOLESCÊNCIA PARA OS ADOLESCENTES



Onde minha adolescência começou. Nunca fui tão feliz...

A criança vai crescer e frutificar, vai dar alguma coisa.



MATERIAL PRODUZIDO COM FOTOGRAFIAS E FALAS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA DE MESTRADO "AS TRAJETÓRIAS ENTRE O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO NA VOZ DOS ADOLESCENTES: EM BUSCA DE UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL"

Fonte: Elaborado pela autora.

No mesmo encontro após a socialização das fotografias e impressões sobre a escola e a adolescência, foi proposto ao grupo para realizarem associações livres, completando algumas frases com as primeiras ideias que viessem à mente. Para tanto, cada estudante recebeu um *Chromebook*, com acesso à internet, para entrar no *site* mentimeter.com e efetuar suas respostas individualmente. Essa ferramenta, *mentimeter*, é de uso livre e proporcionou a realização das chamadas nuvens de ideias instantaneamente. O grupo ficou motivado e gostou de usar esse recurso.

As frases a serem completadas com duas ou três palavras diferentes foram as seguintes: Ser adolescente é; ser aluno é; um medo; uma tristeza; uma alegria; o futuro é; no próximo ano eu; continuo na escola porque; gostaria de continuar jovem por muito tempo porque; gostaria de deixar de ser jovem o mais rápido porque; o que mais gosto de fazer é; o que menos gosto de fazer é; o que mais espero dos adultos é; onde mais me escutam é; o 9º ano é; o ensino médio é; a transição entre o 9º ano e o ensino médio é. Como foram várias frases, a cada uma eles foram se sentindo mais a vontade e trazendo mais autenticidade nas respostas. Com essa atividade vieram à tona as dificuldades e o não prazer com a escola e os problemas da adolescência.

Abaixo pode-se observar as nuvens criadas com as respostas dos adolescentes, quanto mais repetições nas respostas, maiores as palavras da nuvem. Caso houvesse palavras com algum erro o programa considerava como palavra diferente.

Figura 8: Ser adolescente é.



Figura 9: Ser aluno é.



Fonte: Elaborado pela autora.

Para os participantes da pesquisa a adolescência está relacionada à festa, puberdade e fase legal, com maior incidência. Percebe-se que os aspectos

predominantes são os positivos. Já a percepção que os estudantes têm de ser aluno está mais voltada aos aspectos negativos, com mais incidência as palavras difícil, chato, complicado, aprender e legal nas respostas, demonstrando as diferentes relações que eles têm com a fase vivida e a escolarização.

Figura 10: Uma tristeza.

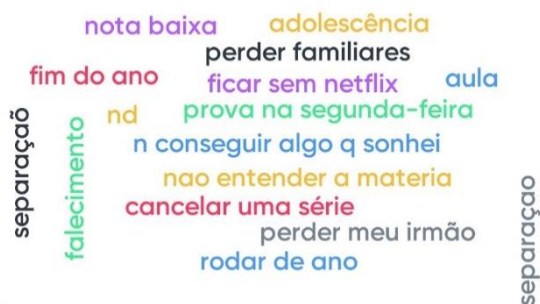


Figura 11: Uma alegria.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação às tristezas foram levantadas questões de perda de familiares, falecimento, separação, outras relacionadas à escola, como aula, prova na segunda-feira, não entender a matéria, rodar de ano, nota baixa, outros ainda colocaram relacionado ao lazer, como ficar sem Netflix e cancelar uma série, para finalizar chamou a atenção ser colocado a adolescência como uma tristeza. Já sobre as alegrias, a mais colocada foi ter dinheiro, reforçando as falas das entrevistas em que muitos estudantes se manifestaram nesse sentido. Outras alegrias citadas: estudos, música, formatura, futebol, Netflix, comida, ver o boy/crush, *whatsapp* e amizades.

Figura 12: Um medo.



Figura 13: No próximo ano.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre os medos que os adolescentes apontam, os de maior incidência foram morrer/morte e perder alguém que ama (a família, pai e mãe). Outros medos

apontados: futuro, ensino médio, responsabilidade, solidão, inovações, comunismo, não alcançar os objetivos e matemática. Com relação à projeção para o próximo ano a maior incidência estava relacionada a ir para o IFSC, ensino médio e estudar. Também colocaram: trabalhar, namorar, não repetir o 9º ano, conquistar objetivos, conquistar e não saber o que vai acontecer.

Figura 14: Continuo na escola porquê.

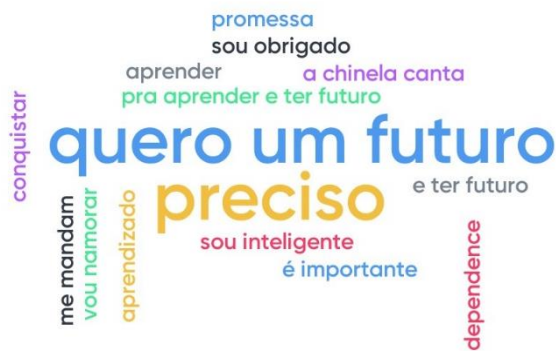


Figura 15: O futuro é.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre os motivos de se continuar na escola, os adolescentes apontaram que querem um futuro, que precisam, para aprender, por ser obrigado, pelo aprendizado, para conquistar, por promessa, por ser importante, por ser inteligente, e por dependência. Com relação ao futuro os adolescentes apontaram que está relacionado a oportunidades, estudo, trabalho, complicado, empolgante, incrível, ser alguém na vida, conquistas, imprevisível, tecnologia, pavoroso e família.

Figura 16: Gostaria de continuar jovem por muito tempo por quê.

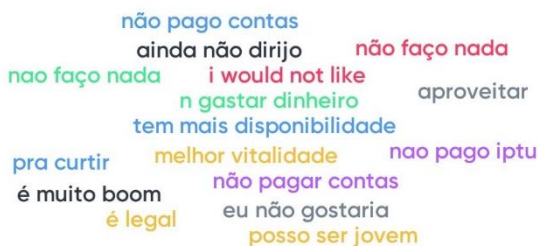


Figura 17: Gostaria de deixar de ser jovem o mais rápido por quê.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando questionados do porquê ser jovem por muito tempo, responderem que para não pagar contas, não gastar dinheiro, não pagar IPTU, porque não faz nada, para aproveitar, pra curtir, pois tem mais disponibilidade, melhor vitalidade, é muito bom, é legal, por poder ser jovem. Um participante indicou que não gostaria de continuar jovem por muito tempo. Percebe-se que os adolescentes têm consciência das responsabilidades ditas como dos adultos, como ser responsável financeiramente pela sua própria vida e também pode-se inferir que, nesse momento da vida, os sujeitos da pesquisa não precisam se preocupar com essas questões.

Já quando questionados do porquê deixar de ser jovem o mais rápido, apontaram que para morar sozinho/a, ser independente, ter sua família, ter seu carro, para ter mais liberdade, quebrar a cara, para ver como é diferente, sair sem pedir para a mãe, pelas responsabilidades, para fazer engenharia civil, e para ter sua Glock, que é uma pistola. Na socialização dessa questão, alguns participantes se sentiram incomodados com os colegas que fizeram referência a ter uma arma e colocaram ao grupo.

Figura 18: O que mais gosto de fazer é.



Figura 19: O que menos gosto de fazer é.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre o que mais gostam de fazer, em primeiro lugar dormir, depois assistir Netflix. Também apontaram que gostam de mexer no celular, ficar com a família, sair, ir para a praia, ouvir música, usar celular, abraçar e beijar. Sobre o que menos gostam de fazer os adolescentes colocaram ficar na *bad*, acordar cedo, ir para a escola, ficar parado, ficar em casa, ficar longe da família, não poder beijar a *crush*, beijar, ficar triste, perder tempo, estudar, matemática, sair de casa, não alcançar os objetivos, furtar, português e trabalhar. À medida que iam respondendo as questões os participantes iam ficando mais a vontade com a ferramenta e também com os colegas,

sendo assim começam a surgir algumas brincadeiras e até combinados sobre a resposta que iriam dar.

Figura 20: O que mais espero dos adultos é.



Figura 21: Onde mais me escutam é.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre o que mais esperam dos adultos, eles colocaram compreensão, respeito, dinheiro, inteligência, voto consciente, que escutem mais, exemplo, ajuda, mesada, liberdade e falar menos. Com relação ao local onde mais se sentem ouvidos, os adolescentes colocaram na escola, nos pensamentos e em casa, com maior incidência. Também apontaram o *whatsapp*, na rua, em áudios, nos rolê. Alguns colocaram que não lhe escutam, em lugar nenhum ou só nos sonhos. Quando colocam que nos pensamentos, fazem uma crítica também, ao não se sentirem ouvidos.

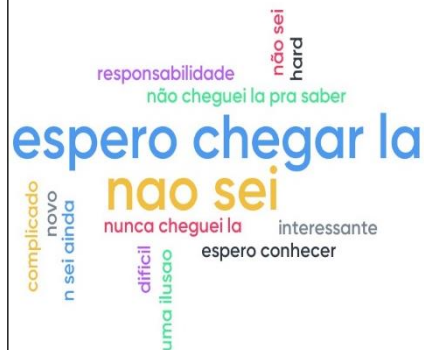
Figura 22: O 9º ano é.



Figura 23: A transição entre o 9º ano e o ensino médio é.



Figura 24: O ensino médio é.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando questionados sobre o que é o 9º ano para eles, colocam que triste, difícil, uma bosta, complicado, tedioso, top, encrenca, demais, responsabilidade e alegre. Há divergências entre as opiniões, enquanto para alguns se mostra uma fase difícil para outros é uma fase boa. Há mais indicações de aspectos negativos que positivos, demonstrando ser uma fase desafiadora.

Sobre a transição entre o 9º ano e o ensino médio, os estudantes colocam que é importante, complicado, triste, um milagre, é interessante, legal, realização e dificuldade. Com relação ao ensino médio os adolescentes esperam chegar lá, que é responsabilidade, *hard*, complicado, novo, difícil, interessante, uma ilusão, que esperam conhecer. Alguns indicaram que não sabem ou não estão lá ainda para saber. A transição e o ensino médio ainda se apresenta como uma fase desconhecida, em que há um misto de medos e ansiedades pelas mudanças que virão.

Com essa atividade foi possível compreender um pouco mais as representações que os adolescentes fazem de si. Nas socializações das respostas com a nuvem de palavras, eles se identificavam, lembravam e comentavam fatos e situações vivenciadas, enriquecendo mais o momento e as trocas entre eles. Os participantes da pesquisa gostaram muito de utilizar essa ferramenta e por aparecer em tempo real a nuvem de respostas gerou reflexões e conversas interessantes entre eles.

Para finalizar o encontro, após a atividade das associações livres, foi proposto ao grupo para pensarem em alguma possibilidade de construção, atividade, ferramenta, que pudesse ser usado com estudantes de 9º ano, para ajudá-los na transição para o ensino médio. Para que desse encontro já saísse uma proposta e a divisão de tarefas para que fosse elaborado no encontro seguinte.

Antes disso, os participantes levantaram algumas faltas que sentem em relação à escolha para o ensino médio: queriam mais opções de cursos no IFSC, como Informática, por exemplo; queriam mais aulas preparatórias para os alunos que querem ir para o IFSC; queriam mais orientações sobre o IFSC, o que é, como funciona, sobre os cursos. Algumas semanas antes desse encontro, os estudantes relataram que fizeram uma visita ao IFSC com a escola, na Semana Nacional de Tecnologia Científica, que valeu muito a pena e que deve ser realizada todos os anos, na percepção deles, pois alguns estudantes que iriam fazer a prova só por fazer, ficaram mais animados depois de conhecer e alguns que não queriam fazer a prova até mudaram de ideia.

A primeira coisa que falaram sobre o que ajudaria na transição foi que eles queriam um espaço de estudos para estudar para a prova do IFSC. Assim, foram surgindo algumas ideias: aplicativo para tirar dúvidas entre professores e alunos, blog/site para troca de experiência, criar rede social de alunos e professores e aplicativo com perguntas e respostas sobre os conteúdos da prova. As ideias foram surgindo ainda cruas, sem conteúdo e sem recursos para efetivá-las. Ao longo da conversa levantaram a ideia de videoaulas para estudar para o IFSC. Ficou definido com o grupo que seria criado um canal do *youtube*, seria feita uma playlist das melhores videoaulas, dos assuntos do edital da prova. Cada participante pegaria alguns temas para pesquisar as videoaulas e um deles seria o responsável pelo canal do *youtube* e cadastro dos vídeos, por ser algo mais viável de se fazer em tão pouco tempo, sendo que faltava menos de um mês para a prova.

Contudo, após o encontro, conversando com um designer gráfico, percebeu-se que seria viável a criação de um curso EaD, utilizando as videoaulas que os estudantes pesquisariam, com questões/exercícios de cada tema, e simulados cadastrando as provas anteriores do IFSC, e ainda seria possível inserir alguns fóruns para que os estudantes pudessem interagir.

Assim, começou a consolidação desse produto educacional, já no dia seguinte, com a ida a campo para o sorteio dos conteúdos de videoaulas e exercícios que cada participante do encontro iria ficar responsável por pesquisar. Dois dias depois foi realizada uma votação sobre o nome que o *site* poderia ter e assim ficou escolhido o domínio *vouproifsc*. Ao longo dessa primeira semana foi criado o *layout* do *site*, a logo marca, as páginas, foram cadastrados os cursos, os simulados e as videoaulas e exercícios que foram sendo enviadas pelos estudantes foram sendo inseridas também.

Uma semana após o primeiro encontro, houve o segundo encontro, em que foi feita a apresentação do material produzido a partir das fotografias e falas do primeiro encontro. Os participantes gostaram do resultado final e não quiseram alterar nada.

Foi realizada a apresentação de como estava ficando o *site* até o momento, com o material já enviado. Nesse encontro a maioria dos participantes já havia enviado as videoaulas, mas alguns não conseguiram fazer antes e também, faltava a pesquisa dos exercícios referentes aos conteúdos.

Então, com os *Chromebooks* da escola, os estudantes puderam continuar a pesquisa e um auxiliar o outro na escolha dos materiais. Foi um momento muito

produtivo e de concentração por parte de todos. Eles estavam motivados e interessados em encontrar os melhores vídeos para compartilhar no *site*.

Ao final do encontro foi feita uma avaliação sobre a pesquisa que eles fizeram sobre as videoaulas. Cada participante teve de dois a quatro temas de videoaulas para pesquisar. Sete desses participantes responderam a um questionário sobre esse processo de pesquisa das videoaulas. Sobre os critérios estabelecidos por eles para encontrar as melhores videoaulas, eles destacaram:

Quantidade de visualizações. (Douglas, 14 anos, 9º ano).

Por eu ver bastante videoaulas, já sabia alguns professores bons. Tentei pegar vídeos animados para que não canse de ver. (Pietra, 14 anos, 9º ano).

Foi ver qual explica a matéria mais complexa. (Vinícius, 15 anos, 9º ano).

Boa aparência e boas explicações. (Matheus, 15 anos, 9º ano).

Porque estava bem explicativo. (Luiz, 15 anos, 9º ano).

Vi os comentários sobre o vídeo. (Larissa, 14 anos, 9º ano).

Me preocupei se eu estava entendendo, se estava bem explicativo, também olhei as views, porque na maioria das vezes, se tem bastante views, significa que as pessoas gostaram do vídeo e que entenderam. (Manoela, 14 anos, 9º ano).

Os participantes da pesquisa, em sua maioria, relataram não sentir dificuldades para encontrar os vídeos:

Em questão de eu olhar e já saber os professores. (Pietra, 14 anos, 9º ano).

Pois achei todos com facilidade. (Vinícius, 15 anos, 9º ano).

Porque hoje em dia você encontra tudo no google. (Luiz, 15 anos, 9º ano).

Hoje em dia tem muitos vídeos. (Larissa, 14 anos, 9º ano).

Aqueles que disseram ter um pouco de dificuldade relataram que:

Um pouco, dependendo do assunto, olhei diversos vídeos, e às vezes não era fácil achar vídeo sobre determinado assunto. (Manoela, 14 anos, 9º ano).

Um pouco, porque era difícil achar pelo título colocado. (Matheus, 15 anos, 9º ano).

Todos disseram ter encontrado ao final a videoaula que esperava.

Todos explicam bem o conteúdo. (Douglas, 14 anos, 9º ano).

Por ter um conhecimento. (Pietra, 14 anos, 9º ano).

Pois encontrei todos que explicam muito bem a matéria. (Vinícius, 15 anos, 9º ano).

Porque no vídeo mostrava o que eu estava procurando. (Matheus, 15 anos, 9º ano).

Porque eu aprendi aquilo que eu vi. (Luiz, 15 anos, 9º ano).

Pois o conteúdo é bem explicado. (Larissa, 14 anos, 9º ano).

Todos os participantes da pesquisa relataram ter gostado de participar da construção desse curso, pois puderam aprender mais e irão ajudar outras pessoas a estudar para a prova do IFSC.

Foi também feita com eles uma avaliação sobre a pesquisa de mestrado em relação ao questionário aplicado, as entrevistas, os encontros e os grupos de trabalho. Eram questões fechadas, com a possibilidade de assinalar mais de um item e acrescentar alguma outra opção. As respostas revelaram prazer na participação e na possibilidade de poderem se manifestar, participar da confraternização entre os colegas, apreciarem a comida, as conversas, as atividades, o fato estarem em comunhão, de ter as ideias colocadas em prática, a interação etc. Como sugestão sobre o que poderia ter sido melhor: mais comida, espaço/lugar maior, mais atividade, ter o pessoal do IFSC junto, mais pessoas, etc.

A seguir será apresentado sobre o processo de construção do curso preparatório *online*.

4.2 Construindo um curso preparatório com e para adolescentes

Foi um intenso trabalho para conseguir lançar o *site* a tempo de que os participantes da pesquisa pudessem usufruir, antes da prova. Todo o trabalho foi desenvolvido em diálogo com os participantes da pesquisa, presencialmente na escola ou via *whatsapp*. Eles votaram sobre o nome do *site*, revisaram-no em busca de erros e detalhes a serem alterados, enfim foram essenciais em todo o processo.

Aguiar Jr (2009, p. 249) ao falar sobre a ação docente e a criação de um currículo composto por atividades alerta que

[...] ao transferir responsabilidades e protagonismo aos estudantes no fazer da sala de aula, dão a oportunidade para que manifestem seu potencial criativo influenciando positivamente em sua percepção enquanto sujeitos da aprendizagem.

Com a participação dos estudantes foi possível construir um belo, criativo e significativo trabalho. De todas as previsões feitas antes da pesquisa de campo para a elaboração do produto educacional, nenhuma chegou a essa dimensão, tão rica e condizente com a necessidade daqueles estudantes.

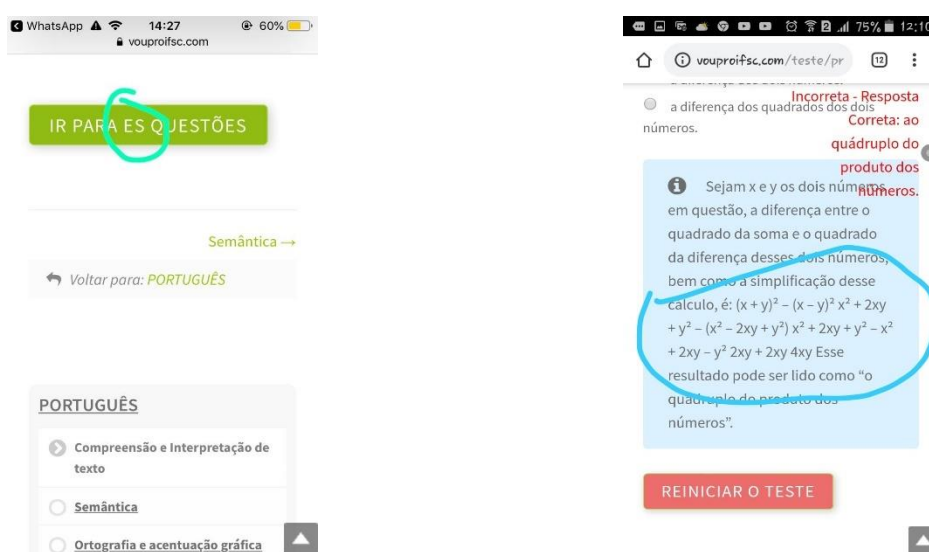
Para construir o *site*, primeiramente foi feito um levantamento das informações necessárias para o curso, quais páginas o *site* teria que ter. Assim foi se delineando um esboço do curso, com um espaço de cursos, com as videoaulas separadas por conteúdos - Português e Matemática - e aulas, de acordo com o edital do exame de classificação do IFSC para ensino médio integrado. Além disso, com as provas anteriores, seria criado um espaço de simulados. Foi planejado um espaço para acompanhar o andamento dos estudos, com um gráfico, em que se identificaria o percentual já avançado nos estudos, de acordo com as videoaulas que fossem sendo assistidas e exercícios resolvidos. Para permitir uma integração, seria feito um espaço interativo, com fórum de discussões e haveria alguns espaços informativos de como fazer esse curso, para conhecer o projeto e sobre o IFSC e o exame de classificação, contemplando informações sobre o curso e o projeto.

Após o esboço feito, o designer gráfico, escolheu um tema visual, selecionou imagens, criou a marca e identidade visual do curso, pelo sistema *wordpress*.

Com o desenho do *site* pronto e as orientações do designer responsável, foram sendo cadastradas uma a uma, as questões dos simulados no *site*, em seguida foram

criadas as aulas do curso (cada conteúdo do edital equivale a uma aula), com as aulas criadas foram sendo inseridas as videoaulas e exercícios de fixação, selecionadas pelos participantes da pesquisa e, por fim, foram elaborados e inseridos os textos informativos do *site*. Enquanto estava sendo criado o *site* passou por vistoria dos participantes da pesquisa e da orientadora dessa pesquisa de mestrado, para ajustes de erros e problemas de navegação. Abaixo algumas das imagens de observações sobre o *site* que os estudantes fizeram ao longo do seu processo de construção.

Figura 25: Indicações dos participantes, de erros no *site*.



Fonte: Acervo pessoal.

Assim que finalizado o processo de desenvolvimento, que durou 7 dias, foi feito o lançamento do *site*, em 08 de novembro de 2018, estando a prova do IFSC agendada para o dia 25 de novembro de 2018. Foram 18 dias de tempo efetivo do *site*, no primeiro momento, e nesse tempo foram ótimos os índices de acesso e inscrição nos cursos. O curso pode ser acessado pelo link: <https://vouproifsc.com/>.

O *site* foi impulsionado pela divulgação “orgânica”, aquela feita no compartilhamento de perfis pessoais e via *whatsapp*, principalmente nos primeiros dias, que chegou a mais de mil e seiscentas visualizações. Mas também foi impulsionado por reportagens, que ampliaram a abrangência e deram uma grande repercussão ao *site* em todo o estado de Santa Catarina.

Foram seis reportagens em jornais eletrônicos (jornal do IFSC, portal da Prefeitura de Florianópolis, Informe Floripa, Tudo sobre Floripa, OCP News e Hora de Santa Catarina) e uma em jornal físico (Hora de Santa Catarina de 22.11.18)

Com uma página inicial organizada, que permite uma navegação pelas páginas do *site* de forma indutiva e fácil, apresenta-se o *layout* abaixo, em que o usuário pode optar em qual página deseja acessar, lembrando que era necessário se conectar, via *e-mail* ou *facebook*, para acessar os cursos e simulados.

Figura 26: Tela inicial *site* vouproifsc.com



Fonte: Acervo Pessoal

Em “Como fazer esse curso” é possível ter as informações referentes a cada página no *site*, com mais detalhes. As informações abaixo constam nesse espaço do *site*.

Para organizar seus estudos: Disponibilize um tempo por dia para fazer o curso. De preferência, em ambiente tranquilo e sem outras distrações. Tenha material para anotações e resolução de questões. Saiba o que fazer em cada espaço do site:

Conecte-se: É necessário se conectar para fazer o curso. Entre via facebook ou use seu e-mail para cadastrar uma senha.

Página Inicial ou Cursos: selecionar a disciplina que quer começar seus estudos: Português, Matemática ou fazer Simulados.

Português/Matemática: Subdividido em unidades de estudos, que correspondem ao conteúdo programático do edital do exame de classificação 2019/01 do IFSC. Clique em “Iniciar Agora”, para se

inscrever no curso e escolher uma unidade para começar seus estudos. Cada unidade será composta por um ou mais videoaulas selecionadas sobre o conteúdo a ser estudado, assista o(s) vídeo(s). Em seguida você terá algumas questões para responder sobre essa aula. Se você acertar todas as questões, siga em frente. Se tiver dificuldades, retome essa aula, busque outros vídeos na internet e tente novamente fazer as questões.

Meus Estudos: Acompanhe seu progresso nos estudos. Aparecerá um barra de progresso, indicando qual percentual já foi realizado de cada curso, e quanto ainda falta.

Simulados: Estão disponibilizadas 4 provas de seleções anteriores do IFSC, tente responder as questões, veja seu tempo e pontuação. O ideal é responder cada simulado em até 2 horas e meia. Se necessário, retome os estudos. Tenha lápis e papel em mãos.

Espaço Interativo: Espaço de interação para conversar com outros estudantes, trocar links, videoaulas, tirar dúvidas, etc.

Conheça o projeto: Saiba como surgiu e qual o objetivo desse curso.

Sobre o IFSC: Saiba do que se trata essa instituição e informações sobre o exame de classificação.

Avalie este projeto: link para formulário de avaliação do site.

Contato: Em todas as páginas do site, ao final há um formulário para contato. (VECCHIETTI, COSTA, 2018)

Com as informações acima é possível ter uma visão geral de como se transformou o esboço inicial em um produto educacional acessível aos estudantes concluintes de 9º ano, que desejam realizar a prova para ingresso em cursos de ensino médio integrado ao técnico do IFSC.

Com o lançamento do *site*, foi também criado um formulário para os usuários enviarem seus *feedbacks*. Além do formulário de mensagem por *e-mail*, os usuários ao clicar em “gostei” ou “poderia melhorar” (ver figura 27) eram encaminhados a um formulário do *google* com algumas questões sobre o *site*. Assim, podia-se fazer ajustes na medida em que os usuários percebiam problemas.

Figura 27: Formulário de mensagem e link para avaliar o projeto.

Fonte: Acervo pessoal.

Durante o período de testes, logo após o lançamento do *site*, o curso teve uma ótima repercussão, como já mencionado, o compartilhamento viral que se deu entre os grupos de educadores e de estudantes de ensino fundamental nos primeiros momentos do *site* no ar, foram essenciais para o sucesso e abrangência do curso por todo o estado de Santa Catarina e também em alguns outros pontos do país.

Na tabela a seguir, são apresentados, alguns números sobre o acesso ao curso, do período do lançamento até a data do exame de classificação para 2019.1.

Tabela 4: Números de acesso ao *site* no período de 08 de novembro e 25 de novembro de 2018.

Número de acessos nas páginas do <i>site</i> :	13.842
Número de pessoas diferentes que acessaram o <i>site</i> :	2.592
Número de pessoas que se cadastraram no <i>site</i> :	1.421
Número de pessoas inscritas no Curso de Português:	524
Número de pessoas inscritas no Curso de Matemática:	848
Número de pessoas inscritas nos Simulados:	604

Fonte: analytics.google.com, acesso em 27.11.18.

A seguir, apresenta-se também, uma tabela que indica as cidades que mais acessaram o *site*. As publicações feitas nos jornais e portais dos campus do IFSC foram fundamentais para a abrangência de usuários que o curso teve.

Tabela 5: Cidades que mais acessaram no período de 08 de novembro e 25 de novembro de 2018.

1.	■ Florianópolis	2.228	36,66%
2.	■ Sao Jose	636	10,02%
3.	■ Joinville	502	7,63%
4.	■ Canoinhas	323	3,53%
5.	■ Chapeco	314	4,60%
6.	■ Curitiba	252	6,31%
7.	■ Sao Miguel do Oeste	177	2,82%
8.	■ Criciuma	148	2,50%
9.	■ Biguacu	132	1,32%
10.	■ Palhoca	131	2,28%
11.	■ Jaragua do Sul	129	2,14%

Fonte: analytics.google.com, acesso em 27.11.18

O *site* permitiu perceber como há uma carência na preparação para exames de classificação, especialmente do IFSC. Mesmo sendo um curso amador, sem muitos recursos disponíveis, no sentido de ser apenas aproveitados vídeos, exercícios e provas disponíveis na internet, ele teve uma grande repercussão.

Por se tratar de um produto educacional de extrema relevância a proposta é de que ele continue disponível, para futuras edições do exame de classificação do IFSC, junto ao repositório de produtos educacionais do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do IFSC, conforme exigência da CAPES.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado com os adolescentes possibilitou colocá-los em evidência e contribuir para tirá-los da invisibilidade que paira sobre essa etapa da vida e especialmente, da trajetória escolar. Buscou-se apresentar a fase da adolescência como significativa e fundamental para vida dos adolescentes, não sendo apenas uma transição para o que virá depois, mas como etapa de formação e amadurecimento, com suas especificidades.

A questão da transição entre ensino fundamental e ensino médio praticamente não apareceu nas pesquisas, artigos, dissertações e teses estudadas, revelando um tema ainda aberto para futuras pesquisas, especialmente quando se considera que a escolarização, na percepção dos sujeitos da pesquisa é de grande relevância, e possui um valor que vai além das obrigações familiares ou sociais. Os estudantes revelaram o valor atribuído ao aprendizado, à relação com a escola, com os profissionais e com os amigos, acreditando num futuro melhor e mais próspero a partir de uma boa base educacional. Ao mesmo tempo que valorizam a escola, sentem o peso e as dificuldades vividas nesse espaço nem sempre preparado, aberto e pronto para suas demandas.

Ouvindo a voz dos adolescentes foi possível compreender a consciência que tem sobre a realidade por eles vivida e a responsabilidade em relação a ela, apresentaram maturidade e coerência nas suas falas. A autoimagem que esses estudantes têm de si é de confiança de êxito e sucesso escolar.

Com a pesquisa de campo e a participação dos estudantes na construção do produto educacional se confirmou que o estudo é uma necessidade, para alguns como complemento àquilo que já tiveram ao longo da vida escolar, para outros como forma de superar defasagens ao longo da trajetória escolar. O pedido por um espaço de estudos para a prova do IFSC era uma forma de buscar ajuda e se sentirem mais preparados para uma prova que assusta pela complexidade e concorrência ao mesmo tempo em que se anuncia como um campo de possibilidades acadêmicas e profissionais.

Além de o curso que foi criado ter servido para os participantes da pesquisa estudarem, ele repercutiu por vários cantos do estado catarinense, levando um roteiro organizado com os conteúdos a serem estudados para a prova. O *site* teve muita repercussão, passou por duas edições do exame de classificação do IFSC e auxiliou

muitos estudantes na preparação para a prova, conforme os *feedbacks* nos formulários de avaliação do *site* e nos *e-mails* enviados por usuários do curso. Pode-se observar abaixo uma das mensagens recebidas via *e-mail*:

Adorei seu projeto!!! Tudo muito bem organizado, aulas muito boas, muito feliz pela iniciativa de ajudar os estudantes, principalmente de escola públicas. Tenho três sugestões de mudanças que, a meu ver, vão impulsionar o projeto. O primeiro é disponibilizar mais simulados, explorar mais as questões dos outros anos. Outro tópico que acho muito importante, é que, os alunos por mais que estudem e estejam ferres, a sensação de fazer a prova pela primeira vez pesa, a experiência é algo essencial, fiz a prova no início do ano e, poderia ter passado com muito mais tranquilidade se já tivesse feito um teste no meio do ano anterior. Uma séries de dicas pros alunos, como fazer a prova do meio do ano, dicas de formas de estudo, separação na forma de responder a prova, etc. E a última é, em cada dos assuntos, disponibilizar mais exercícios, para memorizar bem, creio que são necessários mais do que dois ou três exercícios para fixar. Seu projeto está magnífico, sucesso na conclusão do mestrado, realmente são essas atitudes que fazem a diferença!!!

Foram dezenas de mensagens recebidas, com agradecimentos, sugestões, dúvidas, relato de problemas no *site*, que ajudaram na qualificação do trabalho e tornaram mais gratificantes ainda o resultado alcançado. As mensagens foram respondidas e quando se tratavam de dificuldades de acesso logo eram resolvidos. Foi alvo dessa pesquisa de mestrado, analisar e avaliar os dados relacionados ao primeiro exame de classificação após sua criação, que foi em final de novembro de 2018, mas o curso continuou no ar e passou em junho de 2019 por mais um exame de classificação. Com a divulgação do próprio IFSC e boa colocação nas buscas do *google* o *site* continuou tendo muito acessos, praticamente dobrando os números de acesso e inscrições nos cursos relacionados ao ano passado. De 13.842 acesso às páginas do *site*, passou-se a 30.477 acessos. Inicialmente, 2.592 pessoas diferentes que acessaram, sendo que agora somam 5.253. O número de pessoas que se cadastraram no *site* subiu de 1.421 para 2.629. Os inscritos no curso de Português de 524 a 991 usuários, no de Matemática de 848 para 1.500 usuários e nos simulados de 604 para 1.071 pessoas. Esses dados ilustram a relevância e necessidade de espaços de estudos gratuitos como esse.

Por fim, percebe-se que o assunto não se esgotou e busca-se incentivar com essa dissertação novas discussões, estudos e pesquisas que evidenciem os adolescentes estudantes de 9º ano que estão prestes a transitar entre uma etapa da educação básica e outra.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.); CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas**: Por que frequentam? Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf Acesso em: 27.05.18.

ABRANTES, Pedro. As transições entre ciclos de ensino: entre problema social e objecto sociológico. **Interacções**, p. 25 - 53, 2005. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/281/237>. Acesso em: 18.06.18.

ADOLESCÊNCIA: Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência? Campinas, SP, [20-]. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. Acesso em: 02.05.18.

AGUIAR, Fernando Henrique Rezende; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. Expectativas de futuro e escolha vocacional em estudantes na transição para o ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, p. 105-115, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200011. Acesso em: 18.11.17.

AGUIAR JR, Orlando. **A ação do professor em sala de aula**: identificando desafios contemporâneos à prática docente. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira (Org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autentica, 2010. p. 238 - 264.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 2.ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 02.05.18.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010**. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm. Acesso em: 17.06.19.

BRASIL. **Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 02.05.18.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 15.05.18.

BRASIL. **Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em: 17.06.18.

BRÊTAS, José Roberto da Silva et al. **Os rituais de passagem segundo adolescentes**. Acta Paul Enferm, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002008000300004. Acesso em: 16.06.18.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **A invisibilidade da juventude na vida escolar**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 325-343, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html> Acesso em 13.06.18.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm**, set/out 2004. Disponível em: www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf. Acesso em: 10.04.19.

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. Aproximando-se do conceito de juventude. In: **Diálogos com o mundo Juvenil**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

COSTA, Monica Sacramento. **Portal da juventude: Sobre o Portal**. 2014. Disponível em: <http://juventude.gov.br/juventude/sobre-o-portal>. Acesso em: 02.05.18.

DAVIS, Claudia Leme Ferreira et al. Anos finais do ensino fundamental1: aproximando-se da configuração atual. In: **COEB 2013**. Congresso de Educação Básica: qualidade na aprendizagem. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Florianópolis, 2013.

DAYRELL, Juarez T. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. A juventude no Brasil. s.d.

DAYRELL, Juarez; JESUS, Rodrigo Ednilson (coords.). **Relatório de pesquisa: a exclusão de jovens de 15 a 17 anos no ensino médio no brasil**: desafios e perspectivas. 2013. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/pesquisa-unicef-a-exclusao-de-jovens-de-15-a-17-anos-no-ensino-medio-no-brasil/>. Acesso em: 30.04.18.

DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Marcia (orgs.). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. IV Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011. Disponível em:

http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120704131151.pdf. Acesso em: 14.06.19.

DELLAZZANA-ZANON, Letícia L; FREITAS, Lia B. de Lucca. Uma Revisão de Literatura sobre a Definição de Projeto de Vida na Adolescência. **Interação Psicologia**, Curitiba, v. 19, p. 281-292, n. 2, maio/ago. 2015.

FÁVERO, Douglas Gonsalves; PREVITALI, Fabiane Santana. A contribuição do método marxiano para o estudo da juventude. In: **ANAIS do X Seminário Nacional do HISTEDBR**. Campinas: Unicamp, 2016.

FERRETI, Celso; ZIBAS, Dagmar M. L; TARTUCE, Gisela L. B. P. Protagonismo juvenil na Literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 411-423, maio/ago, 2004.

FLEURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sérgio. **Pesquisa aplicada**: conceitos e abordagens. GV Pesquisa, anuário de pesquisa 2016-2017. 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/apgvpesquisa/article/viewFile/72796/6998>. Acesso em 03.05.19.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

GERMAIN, Francine; MARCOTTE, Diane. Sintomas de depressão e ansiedade na transição do ensino secundário ao ensino médio: evolução e fatores influentes. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 1, jan-mar, 2016. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=542. Acesso em: 17.11.17.

HAYASHI, M. Cristina; HAYASHI, C. Roberto; MARTINEZ, C. Maria. **Estudos sobre jovens e juventude**: Diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 27, 2008, p. 131-154.

IBGE. **PNAD Contínua TIC 2016**: 94,2% das pessoas que utilizaram a Internet o fizeram para trocar mensagens. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens.html>. Acesso em: 30.05.18.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez. T.; REIS, Juliana B. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, out-dez. 2011. p. 1067-1084.

KLEIN, Ana Maria; ARANTES, Valéria Amorim. Projetos de Vida de jovens estudantes do ensino médio e a escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 135-154, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623656117>. Acesso em: 24.05.18.

LEITE, Miriam Soares. Adolescência e juventude no ensino fundamental: significações no contexto da prática curricular. **Revista Teias**, v. 11, n. 22, p. 55-74,

mai./ago., 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/viewFile/24115/17093>. Acesso em: 03.05.18.

MAGNUSON, Carolyn; STARR, Marrion. How early is too early to begin life career planning? The importance of the elementary school years. **Journal of Career Development**, vol. 27, n. 2, p. 89-101, 2000. Disponível em: <http://sccn645fall2011elementary.wikispaces.com/file/view/How+Early+is+Too+Early+to+Begin+Life+Career+Planning.pdf>. Acesso em: 26.11.17.

MANSUTTI, Maria Amabile; ZELMANOVITS, Maria Cristina; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de; GURIDI, Verónica. **Especial: estudo CENPEC Educação na segunda etapa do ensino fundamental**. In: Educação na segunda etapa do ensino fundamental. Cadernos CENPEC, v. 2, n. 4, 2007.

MARTINS, José de Souza. Por uma pedagogia dos inocentes. **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/12360/14137>. Acesso em: 19.06.18.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Documento de Área: Ensino. 2016. Disponível em: http://capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/DOCUMENTO_AREA_ENSINO_24_MAIO.pdf. Acesso em: 13.06.18.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Bolsa Família: como funciona**. 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/como-funciona>> Acesso em: 29.05.18.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 10.04.19.

PENATIERI, Gisele Rogéria; FALCÃO, Christiane Rodrigues; MARTÍNEZ, Silvia Alicia. Ao final da educação básica: o que pensam jovens alunos sobre suas escolarizações, suas juventudes e seus projetos. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 117-139, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-051.pdf>. Acesso em: 19.06.18.

PINHEIRO, Diógenes (org.). Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. Disponível em: <http://polis.org.br/publicacoes/10759-2/>. Acesso em: 18.06.18.

RIBEIRO, Eliane; LÂNES, Patrícia. **Diálogo nacional para uma política pública de juventude**. Rio de Janeiro: Ibase; São Paulo, SP: Pólis, 2006. Disponível em: www.ibase.br/userimages/dialogo_juv_final21.pdf. Acesso em: 17.06.18.

RIBEIRO, Sara Raquel Teixeira. Percepção da pressão de pares na tomada de decisão dos adolescentes. 2011. 111f. **Dissertação** (Mestrado Integrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa Faculdade de Psicologia, Lisboa, PT, 2011.

Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4856/1/ulfpie039628_tm.pdf. Acesso em: 19.06.18.

ROMANOWSKI, Joana Paulina; ENS, Romilda T. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

SANTA CATARINA. Lei nº 14.363, de 25 de janeiro de 2008. Dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas estaduais do Estado de Santa Catarina. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2008/14363_2008_lei.html. Acesso em: 30.05.18.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil**, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>. Acesso em: 18.06.18

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013**. Brasília: Participatório, 2013a. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/1981/1981.pdf>. Acesso em: 18.06.18.

SHIROMA, Eneida Oto. **Redes sociais e hegemonia**: apontamentos para estudos de política educacional. In: AZEVEDO, Mário Luiz Neves; LARA, Angela Mara de Barros (Org.). Políticas para a Educação: análises e apontamentos. Maringá: Eduem, 2011, p. 15-38.

SILVA, Lucy Leal Melo; LASSANCE, Maria Celia Pacheco; SOARES, Dulce Helena Penna. A Orientação Profissional no contexto da Educação e Trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 5, n.2, p. 31 - 52, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v5n2/v5n2a05.pdf>. Acesso em: 26.11.17.

SOUSA, Ana Maria Borges. MIGUEL, Denise Soares. LIMA, Patrícia Moraes. **Módulo 1: Gestão do cuidado e educação biocêntrica**. Florianópolis: UFSC-CED-Nuvis, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Juventude e escolarização (1980 - 1998)**. Série Estado do conhecimento n. 7. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/juventude_escolarizacao_n7_0.pdf. Acesso em: 13.06.19.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Volume 1. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual_0.pdf. Acesso em: 13.06.19.

TEIXEIRA, Cidália; FLORES, Maria Assunção. Experiências escolares de alunos do ensino secundário: resultados de um estudo em curso. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 110, p. 113-133, jan.-mar. 2010.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n110/07.pdf>. Acesso em: 03.12.17.

TODOS PELA EDUCACAO. Anos Finais do Ensino Fundamental: Pelo fim da invisibilidade dos Anos Finais do Ensino Fundamental. In: _____. Educação em debate: por um salto de qualidade na educação básica São Paulo: Moderna, 2013.

TRANCOSO, Alcimar E. Rocha; OLIVEIRA Adélia A. Souto. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. In: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 11(2), São João del-Rei, julho a dezembro 2016.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Juventudes: desafios contemporâneos conceituais. ECOS, v. 4, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nexin/artigos/download/juventude-desafios-contemporaneos.pdf>. Acesso em: 15.06.19

TURNING POINTS. Dicionário online do Linguee, 18.06.18. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/turning+point.html>. Acesso em: 18.06.18.

UNICEF. **Adolescência**: uma fase de oportunidades. Caderno Brasil: UNICEF, 2011. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/pt/br_cadernoBR_SOWCR11\(3\).pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/br_cadernoBR_SOWCR11(3).pdf). Acesso em: 03.05.18.

UNICEF. **A voz dos adolescentes**. 2002. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/vozdosadolescentes02.pdf>. Acesso em: 12.05.18.

UNICEF. AYRTON SENNA. ITAU SOCIAL. Adolescentes e Jovens no Brasil: participação social e política. 2007. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/voz2007.pdf>. Acesso em 03.05.18.

VECCHIETTI, Mirelle Cândido; COSTA, Pedro Momm da. **Como fazer esse curso**. In: vouproifsc, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://vouproifsc.com/como-fazer-esse-curso/>. Acesso em: 22.05.19.

VILLAS, Sara; NONATO, Symaira. Juventudes e projetos de vida. In: Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo; GUALDA, Melyssa Moreira; CAMPIGOTTO, Rosana Maria Monteiro. A concepção de adolescência segundo os próprios adolescentes. **Iniciação Científica: Cesumar**, p. 101-112, ago./dez. 2002. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/58>. Acesso em: 03.05.18.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DO 9º ANO

Dados Pessoais

1. Nome:
2. Turma: () 91 () 92 () 93
3. Data de Nascimento:
4. Como você se autodeclara quanto à Raça e Etnia?
() Branco () Preto () Pardo () Amarelo () Indígena () Outro
5. Qual bairro você mora?
6. Qual cidade você nasceu?
7. Qual estado você nasceu?
8. Há quanto tempo você mora em Florianópolis?
() Desde que nasci () Entre 10 e 16 anos () Entre 5 e 10 anos
() Entre 1 e 5 anos () Menos de 1 ano
9. Se você não nasceu em Florianópolis, indique o(s) motivo(s) que trouxeram sua família (marque todas que se aplicam):
() Busca por trabalho
() Busca por uma melhor condição de vida
() Morar próximo de familiares
() Morar com familiares
() Morar perto da praia
() Outro:
10. Qual cidade e estado você morava antes de vir para Florianópolis?

Informações Familiares e Socioeconômicas

11. Com quem você mora atualmente? (marque todas que se aplicam).
() Com mãe () Com pai () Com irmão(s) () Com avó/avô () Com tio/tia
() Sozinho(a) () Outro:
12. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você?
13. Qual a renda mensal o seu grupo familiar?
() Até 1 salário mínimo (R\$ 937,00)
() Até 2 salário mínimo (R\$ 1.874,00)
() Até 3 salário mínimo (R\$ 2.811,00)
() Até 4 salário mínimo (R\$ 3.748,00)
() Até 5 salário mínimo (R\$ 4.685,00)
() Acima de 5 salários mínimos
() Não sei responder
() Outro:
14. Quem é o(a) principal mantenedor(a) de sua família? (a pessoa que mais contribui na renda).
() Pai () Mãe () Irmão/Irmã () Padrasto () Madrasta () Avô/Avó
() Outro:
15. Quantas pessoas, incluindo você, vivem da renda mensal do seu grupo familiar?
() Uma () Duas () Três () Quatro () Cinco () Seis
() Sete ou mais () Outro
16. Qual a escolaridade da sua mãe e/ou responsável?
() Nunca estudou / Não sabe ler e escrever
() Ensino Fundamental
() Ensino Médio
() Ensino Superior
() Não sei responder
() Outro:
17. Qual a ocupação da sua mãe e/ou responsável?
18. Qual a escolaridade do seu pai e/ou responsável?
() Nunca estudou / Não sabe ler e escrever
() Ensino Fundamental

- () Ensino Médio
 () Ensino Superior
 () Não sei responder
 () Outro:

19. Qual a ocupação do seu pai e/ou responsável?

Informações Escolares

20. Qual(is) o(s) principal(is) meio(s) de transporte que você utiliza para chegar a escola?
 () A pé () Carona () Bicicleta () Os pais levam de carro
 () Van escolar () Outro:
21. Como você considera seu desempenho escolar?
 () Muito bom () Bom () Razoável () Ruim () Outro:
22. Como você considera sua frequência escolar?
 () Falto bastante () Falto às vezes () Falto somente quando necessário
 () nunca falto () Outro:
23. Qual sua motivação em frequentar a escola? Assinale quantas quiser.
 () Aprender () Estudar () Professores/funcionários () Amigos () Obrigação
 () Outro:
24. Qual a importância de frequentar a escola para o seu futuro?
 () Não possui importância () pouca importância () Importante () Decisiva
 () Não sei () Outro:
25. Você já foi reprovado?
 () Sim () Não () Outro:
26. Se sim, em quais anos?
 () 1º ano () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano () 6º ano
 () 7º ano () 8º ano () 9º ano () Outro:
27. Você já foi aprovado com restrição?
 () Sim () Não () Não sei () Outro:
28. Se sim, em quais anos?
 () 1º ano () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano () 6º ano
 () 7º ano () 8º ano () 9º ano () Outro:
29. As alternativas abaixo apresentam uma lista de possíveis dificuldades que podem interferir na sua vida escolar. Escolha a opção que mais se aproxima do número de vezes que essas dificuldades interferiram na sua vida escolar. (marcar uma opção por linha)

	Sempre Acontece	Às vezes acontece	Uma vez aconteceu	Nunca Aconteceu
Adaptação a novas situações (cidade, moradia, separação da família, entre outras)				
Relacionamento Familiar				
Relacionamento social/interpessoal				
Relações amorosas/afetivas				
Situações de violência (física ou sexual)				
Dificuldade de acesso a materiais e meios de estudo (livros, computador, outros)				
Dificuldades financeiras				
Dificuldades de aprendizagem				

Falta de disciplina/hábito de estudo				
Distância da escola da minha residência				
Excesso de trabalhos escolares				
Bullying				
Ansiedade e Depressão				

30. Existem outras dificuldades que interferiram na sua vida escolar? Indique qual(is):

Informações sobre atividades extraescolares

31. Você fez ou faz cursos fora da escola?

Sim Não Outro:

32. Se você respondeu sim, qual(is)?

33. Você ajuda em casa?

Sim Não Outro:

34. Se sim, qual a forma de ajuda?

35. Quais as atividades abaixo mais ocupam o seu tempo fora da escola? (marcar uma opção por linha)

	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
Ler				
Estudar				
Teatro				
Cinema				
Música				
Praia				
Internet/ redes sociais				
Praticar esportes				
Ajudar nas tarefas domésticas				
Assistir à TV				
Jogar videogame				
Práticas religiosas				
Sair com amigos				
Ir a festas				
Trabalho				
Cuidar de irmão(s)				

36. Tem outras atividades que ocupam seu tempo fora da escola, e não foram listadas acima? Indique qual(is).

37. Possui computador/notebook?

Sim Não Outro:

38. Possui celular?

Sim Não Outro:

39. Você possui acesso à internet? (marque todas que se aplicam)

Em casa Na escola Em qualquer lugar, do celular Não tenho acesso

outro:

Informações e expectativas em relação à continuidade dos estudos

40. Qual seu plano após a conclusão do ensino fundamental?

Só estudar Estudar e trabalhar Só trabalhar Outro:

41. Onde você pretende estudar quando acabar o ensino fundamental?
 Escola Jovem (pública estadual ao lado do TICAN)
 IEE - Instituto Estadual de Educação
 Escola particular
 IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina
 Outro:
42. Qual o motivo para escolher essa instituição? Escolha três opções considerando aquelas que mais se aproximam do motivo de sua escolha. (marque todas que se aplicam)
 Tem o curso que eu desejava fazer
 Imagem da instituição perante a comunidade
 Pela qualidade do ensino oferecido
 Por oferecer ensino gratuito
 Influência de familiares, parentes e amigos
 Influência de colegas que estudam ou estudaram nesta instituição
 Fica próxima de minha residência
 Não tenho condições de frequentar outra
 Outro:
43. Na conclusão do 9º ano é necessário fazer uma escolha de escola, que implica em algum esforço. Qual(is) da(s) Alternativa(s) você tem conhecimento e te preocupam quanto à escolha de uma escola de ensino médio? (marque todas que se aplicam)
 Passar a noite na fila para conseguir vaga
 Dependendo de sorteio
 Pagar mensalidade para estudar em escola particular
 Pagar inscrição, no caso do IFSC
 Passar por uma prova para conseguir vaga
 Ter um bom histórico escolar (no caso de bolsas de estudos em escolas particulares)
 Passar por seleção socioeconômica - ter baixa renda (no caso de bolsas de estudos em escolas particulares)
 Não me preocupo
 Outro:
44. Você acredita que o momento de escolha, de qual escola estudar no ensino médio é importante? Por quê?

Perguntas para quem pretende estudar no IFSC

45. Você conhece os cursos oferecidos no IFSC?
 Sim Não Alguns Outro:
46. Qual curso você pretende fazer?
 Saneamento Eletrotécnica Eletrônica Química
 Edificações Não sei Outro:
47. Quais os principais motivos que o(a) levou a optar pelo curso no IFSC? Assinale quantas quiser.
 Por oferecer ensino público e gratuito
 Influência de colegas ou familiares que estudam ou estudaram no IFSC
 Imposição familiar
 Preparação para o mercado de trabalho
 Recebimento de um diploma técnico
 Pela qualidade do curso oferecido
 Possibilidade de realização pessoal
 Disponibilidade de vagas no mercado de trabalho
 Outro: